

FILHA DO
SANGUE

JÓIAS

Branca
Amarela
Olho-de-Tigre
Rosa
Azul-celeste
Violácea
Opala
Verde
Azul-Safira
Vermelha
Cinzenta
Ébano-Acinzentada
Negra

Ao realizar a Dádiva às Trevas, uma pessoa pode descer até ao máximo de três categorias relativamente à sua Jóia de Direito por Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até à Rosa.

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS

MACHOS

Plebeu — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue macho dos Sangue — um termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também todos os machos dos Sangue que não usam Jóias

Senhor da Guerra — macho que usa Jóias cujo estatuto é equivalente ao de feiticeira

Príncipe — macho que usa Jóias cujo estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa ou ao de Curandeira

Príncipe dos Senhores da Guerra — macho que usa Jóias perigoso e extremamente agressivo; o respectivo estatuto encontra-se ligeiramente abaixo da Rainha

FÊMEAS

Plebeia — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue fêmea dos Sangue — um termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; habitualmente designa todas as fêmeas dos Sangue que não usam Jóias

Feiticeira — fêmea dos Sangue que usa Jóias mas que não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Jóias

Curandeira — feiticeira que cura ferimentos e doenças do foro físico; o seu estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa e ao de Príncipe

Sacerdotisa — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testifica juras e casamentos; realiza dádivas; de estatuto equivalente ao de Curandeira e ao de Príncipe

Viúva Negra — feiticeira que cura as mentes; tece as teias entrelaçadas de sonhos e de visões; é versada em ilusões e venenos

Rainha — feiticeira que domina os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; como tal, é o ponto central da sociedade

PRÓLOGO

Terreille

Sou Tersa, a Tecedeira, Tersa, a Mentirosa, Tersa, a Louca.

Sempre que os Senhores e as Senhoras de Jóias dos Sangue dão um banquete, sou a diversão que se segue após os músicos terem tocado, os ágeis rapazes e raparigas terem dançado e os Senhores já tiverem bebido demasiado vinho e exigirem que lhes seja lida a sina — Conta-nos uma história, Tecedeira — gritam, ao mesmo tempo que as suas mãos tocam as coxas das raparigas que os servem e as Senhoras observam os jovens, decidindo quais os que terão o doloroso prazer de as servir na cama, nessa mesma noite.

Em tempos, fui parte deles, Sangue, tal como eles são Sangue.

Não, não é verdade. Eu *não era* Sangue como eles são Sangue. Daí ter sido quebrada pela lança de um Senhor da Guerra, tornando-me vidro estilhaçado que reflecte apenas o que poderia ter sido.

É extremamente difícil quebrar um macho de Jóias dos Sangue, mas a vida de uma Feiticeira está suspensa pelo fio do Himeneu e o que suceder na Noite da Virgem é crucial para determinar se ficará intacta para exercer a Arte ou se se irá tornar um receptáculo partido, restando-lhe o sofrimento eterno pela parte de si própria que se esvaeceu. Ah, alguma magia permanece, o suficiente para a vida do dia-a-dia e truques de salão, mas não a Arte, o sangue da vida para a nossa espécie.

No entanto, a Arte pode ser recuperada – se se estiver disposto a pagar o preço.

Na minha juventude, lutei contra esse último declive que leva ao Reino Distorcido. É preferível ser quebrada e manter a sanidade mental do que ser quebrada e ficar louca. É preferível olhar para o mundo e reconhecer uma árvore como uma árvore, uma flor como uma flor, a olhar através de uma névoa para formas acinzentadas e fantasmagóricas, vislumbrando claramente apenas os fragmentos de si própria.

Assim pensava, na altura.

Arrastando-me para o pequeno banco, luto para me manter nos limites do Reino Distorcido e para ver, uma última vez, o mundo físico. Cuidadosamente, coloco a estrutura de madeira que segura a minha teia

entrelaçada, a teia de sonhos e de visões, na pequena mesa junto ao banquinho.

Os Senhores e as Senhoras esperam que eu lhes leia a sina e eu sempre o fiz, não por magia mas mantendo os olhos abertos e os ouvidos atentos, transmitindo-lhes o que gostariam de ouvir.

Simples. Sem magia.

Mas hoje é diferente.

Há já alguns dias que tenho vindo a ouvir um tipo estranho de trovão, um chamamento distante. Ontem à noite, rendi-me à loucura para poder recuperar a minha Arte como Viúva Negra, uma feiticeira das Assembleias da Ampulheta. Ontem à noite, teci uma teia entrelaçada para ver os sonhos e as visões.

Hoje, as sinas não serão reveladas. As minhas forças permitem-me que o diga uma única vez. Antes de falar tenho de me certificar de que aqueles que têm de ouvir o que vou revelar se encontram na sala.

Aguardo. Não reparam. Os copos enchem-se e voltam a encher-se ao mesmo tempo que me debato para me manter nos limites do Reino Distorcido.

Ah, ali está ele. Daemon Sadi, do Território denominado Hayll. É lindo, frio, cruel. Tem um sorriso sedutor e um corpo que as mulheres desejam tocar e pelo qual desejam ser acariciadas, mas é dominado por uma raiva gélida e insaciável. Ao falarem sobre o seu desempenho no quarto, as palavras que as Senhoras murmuram são “prazer excruciante”. Não duvido que seja suficientemente sádico para misturar dor e prazer em partes iguais, contudo, foi sempre gentil para mim e é um diminuto raio de esperança que lhe envio esta noite. Ainda assim, é mais do que alguém alguma vez lhe ofereceu.

Os Senhores e as Senhoras demonstram inquietação. Habitualmente não demoro tanto para iniciar as minhas declarações. A agitação e o aborrecimento estão instalados, mas eu aguardo. Depois desta noite, não fará qualquer diferença.

Ali está o outro, no canto oposto da sala. Lucivar Yaslana, o mestiço eyrieno do Território denominado Askavi.

Hayll não tem qualquer afecto por Askavi, nem Askavi por Hayll, mas Daemon e Lucivar são atraídos um pelo outro, sem compreenderem a razão para tal, tão enredados estão nas vidas um do outro que não se podem separar. Amigos inquietos, combateram batalhas legendárias, destruíram tantas Cortes que os Sangue receiam juntá-los seja por que período de tempo for.

Levanto as mãos e deixo-as cair no meu regaço. Daemon observa-me. Nada mudou nele, mas sei que aguarda e ouve. E uma vez que ele está a ouvir, Lucivar também ouve.

— Ela está a chegar.

De início, não se apercebem que falei. Quando entendem as palavras, começam os murmúrios irritados.

— Cabra estúpida — alguém grita. — Diz-me quem irei amar esta noite.

— O que importa? — respondo. — Ela está a chegar. O Reino de Terreille será dilacerado pela sua própria e estúpida ganância. Aqueles que sobreviverem irão tornar-se servos, mas serão poucos os que sobreviverão.

Estou a afastar-me dos limites. Pela minha face caem lágrimas de frustração. Ainda não. Doces Trevas, ainda não. Tenho de o dizer.

Daemon ajoelha-se a meu lado, as suas mão sobre as minhas. Dirijo-me a ele e só a ele e, através dele, a Lucivar.

— Os Sangue de Terreille devassam os hábitos ancestrais, zombando de tudo o que nós somos. — Com um aceno de mão, indico aqueles que reinam actualmente — Distorcem os factos como lhes convém. Vestem-se elegantemente e fingem. Ornamentam-se com Jóias de Sangue mas não compreendem o significado de ser Sangue. Dizem que honram as Trevas, mas não é verdade. Não honram o que quer que seja, a não ser as suas próprias ambições. Os Sangue foram criados para serem os Protectores dos Reinos. Por isso foi-nos concedido o nosso poder. Por isso descendemos, ainda que nos encontremos separados, dos povos de todos os Territórios. A corrupção da nossa essência não pode continuar. Está a chegar o dia em que a dívida irá ser cobrada e os Sangue terão de responder por aquilo em que se tornaram.

— São estes os Sangue que reinam, Tera — diz Daemon, tristemente. — Quem resta para cobrar esta dívida? Escravos bastardos como eu?

Estou a afastar-me rapidamente. As minhas unhas cravam-se nas suas mãos, até fazer sangue, mas não as retira. Baixo a voz. Esforça-se por me ouvir. — Durante muito, muito tempo as Trevas têm tido um Príncipe. Agora, a Rainha está a caminho. Pode levar décadas, até séculos, mas está a caminho. Com o queixo, indico os Senhores e as Senhoras sentados às mesas. — Nessa altura, serão pó, mas tu e o eyrieno estarão cá para a servir.

Os seus olhos dourados enchem-se de frustração. — Qual Rainha? Quem está a caminho?

— O mito vivo — murmuro. — Os sonhos tornados realidade.

O choque é substituído por um desejo intenso. — Tens a certeza?

A sala é um turbilhão de névoa. Só Daemon se mantém definido com nitidez. Mas ele é a única coisa de que preciso. — Eu vi-a na teia entrelaçada, Daemon. Eu vi-a.

Estou demasiado cansada para me manter no mundo real, mas, obstinadamente, continuo a agarrar as suas mãos para uma última revelação — O eyrieno, Daemon.

Olha de relance para Lucivar. — O que é que tem?

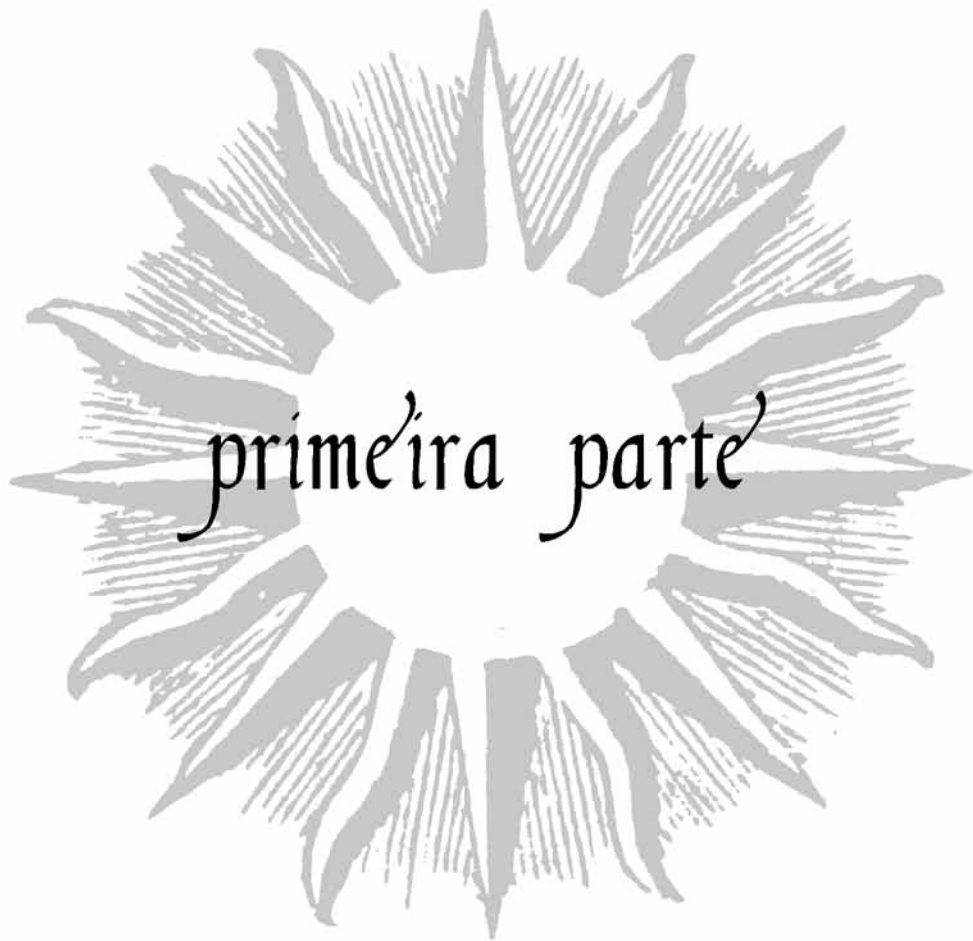
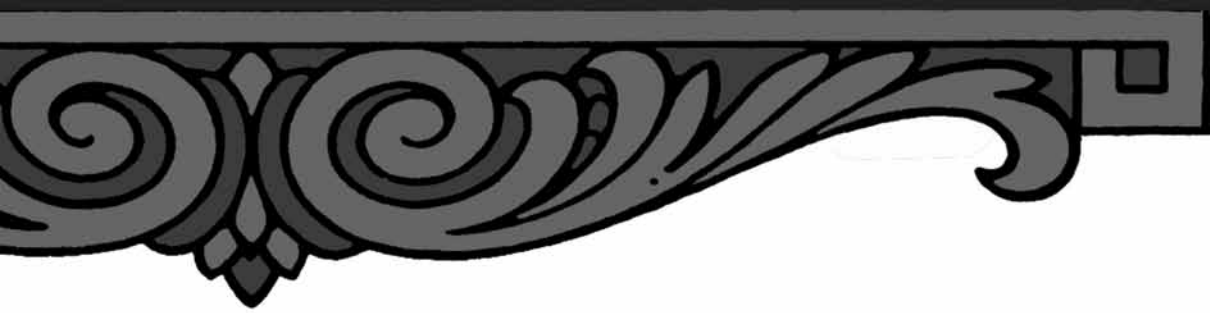
— É teu irmão. Os dois são filhos do teu pai.

Não conseguindo aguentar mais, mergulho na loucura apelidada de Reino Distorcido. Vou caindo por entre os fragmentos de mim mesma. O mundo rodopia e desfaz-se em estilhaços. Nos seus fragmentos, vislumbro aquelas que foram minhas Irmãs precipitando-se das mesas, aterrorizadas e decididas, e a mão do Daemon estendida, fortuitamente, destruindo o frágil fio de seda de aranha da minha teia entrelaçada.

Não é possível reconstruir uma teia entrelaçada. As Viúvas Negras de Terreille podem passar ano atemorizado após ano atemorizado a tentar, mas será em vão. A teia não será a mesma e não conseguirão ver o que vi.

No mundo cinzento, lá em cima, posso ouvir-me a rir, como se uivasse. Lá muito abaixo, no abismo psíquico que faz parte das Trevas, oiço outro uivo, mas este é repleto de alegria e de dor, de raiva e de celebração.

Não é mais uma feiticeira que está a chegar, minhas tolas Irmãs, é a Feiticeira.



primeira parte

CAPÍTULO UM

1 / Terreille

Lucivar Yaslana, o mestiço eyrieno, observava os guardas que arrastavam o homem em soluços para o barco. Não sentia qualquer compaixão pelo homem condenado que comandou a revolta fracassada de escravos. No Território denominado Pruul, a compaixão era um luxo a que nenhum escravo podia aspirar.

Tinha-se recusado a participar na revolta. Os cabecilhas eram bons homens, mas não possuíam a força, os alicerces ou a coragem para fazer o que era necessário. Não gostavam de ver derramamento de sangue.

Não tinha participado. Apesar disso, Zuultah, a Rainha de Pruul, tinha-o castigado.

As pesadas grillhetas à volta do pescoço e dos pulsos já tinham roçado a pele de tal forma que se encontrava em carne viva e as costas latejavam com a dor causada pelo chicote. Abriu as asas negras e com membranas, numa tentativa de atenuar a dor que sentia nas costas.

De imediato, um guarda espicaçou-o com uma clava, recuando logo de seguida, amedrontado pelo débil silvo de raiva emitido por Lucivar.

Contrariamente aos outros escravos, incapazes de ocultar a aflição ou o medo, os olhos dourados de Lucivar não demonstravam qualquer expressão, nenhuma pista psíquica de emoções com as quais os guardas poderiam jogar ao mesmo tempo que forçavam o homem em soluços a entrar no velho barco, com espaço somente para um homem. Não estando já em condições de navegar, o barco apresentava grandes buracos na madeira apodrecida, acrescentando valor ao seu propósito actual.

O homem condenado era pequeno e meio-esfomeado. Contudo, foram necessários seis guardas para o meter no barco. Cinco deles agarraram-lhe a cabeça, os braços e as pernas. O sexto guarda untou os órgãos genitais do homem com gordura de toucinho fumado antes de colocar uma tampa em madeira que encaixou perfeitamente sobre o barco. Apresentava orifícios

talhados para a cabeça e para as mãos. Logo que as mãos do homem foram agrilhoadas a argolas de ferro na parte exterior do barco, a tampa foi fechada de forma a que ninguém, a não ser os guardas, a pudesse remover.

Um dos guardas escrutinou o homem aprisionado e abanou a cabeça, com uma falsa consternação. Dirigiu-se aos outros, dizendo: — Deveria ser-lhe servida uma última refeição antes de ser largado ao mar.

Os guardas riram. O homem gritou, suplicando por ajuda.

Um a um, os guardas foram enfiando comida, zelosamente, na boca do homem, encaminhando depois os outros escravos, como um rebanho, para os estábulos onde estavam instalados.

— Hoje à noite irão ter diversão, rapazes — gritou um guarda, às gargalhadas. — Lembrem-se disso da próxima vez que decidirem deixar de servir a Senhora Zuultah.

Lucivar olhou por cima do ombro para, logo de seguida, desviar o olhar.

Atraídas pelo cheiro da comida, as ratazanas enfiaram-se pelos buracos abertos no barco.

O homem no barco gritou.

As nuvens deslocavam-se rapidamente sobre a lua, mantos cinzentos que ocultavam o luar. O homem no barco não se moveu. Os seus joelhos eram feridas abertas, ensanguentados devido ao pontapear contínuo na cobertura do barco, num esforço para manter as ratazanas à distância. As suas cordas vocais ficaram destruídas de tanto gritar.

Lucivar ajoelhou-se atrás do barco, com movimentos cuidadosos para abafar o som das correntes.

— Não lhes revelei nada, Yasi — disse o homem, com a voz rouca. — Tentaram obrigar-me a falar, mas eu não o fiz. Restava-me essa honra.

Lucivar levou uma taça aos lábios do homem. — Bebe — disse, a sua voz não mais do que um murmúrio, misturando-se na noite.

— Não — gemeu o homem. — Não. Começou a chorar, um som seco e gutural arrancado à sua garanta arruinada.

— Não fales agora. Não fales. É para ajudar. — Apoiando a cabeça do homem, Lucivar levou a taça aos lábios inchados. Após o homem ter bebido dois goles, Lucivar pousou a taça e afagou-lhe a cabeça suavemente com as pontas dos dedos. — É para ajudar. — Trauteou.

— Sou um Senhor da Guerra dos Sangue — Lucivar ofereceu-lhe novamente a taça e o homem bebeu mais um gole. À medida que a sua voz se tornava mais forte, as palavras começaram a perder clareza. — Tu és um Príncipe dos Senhores da Guerra. Porque nos fazem isto, Yasi?

— Porque neles não existe qualquer honra. Porque neles não existe qual-

quer lembrança do que é ser Sangue. A influência da Sacerdotisa Suprema de Hayll é uma praga que se tem vindo a espalhar pelo Reino durante séculos, consumindo lentamente todos os Territórios que toca.

— Então, talvez os plebeus tenham razão. Talvez os Sangue representem o mal.

Lucivar continuou a afagar a testa e as têmporas do homem. — Não. Somos o que somos. Nem mais, nem menos. O bem e o mal existem em todos os povos. Actualmente, quem domina é o mal que existe entre nós.

— E onde estão os bons entre nós? — perguntou o homem, com sonolência.

Lucivar beijou o homem na cabeça. — Foram destruídos ou escravizados. Ofereceu a taça. — Bebe até ao fim, Irmãozinho e tudo terá terminado.

Logo que o homem bebeu o último gole, Lucivar usou a Arte para fazer desaparecer a taça.

O homem no barco riu-se. — Sinto-me bastante corajoso. Yasi.

— Tu és muito corajoso.

— As ratazanas... Já não tenho tomates.

— Eu sei.

— Chorei, Yasi. Perante todos eles, chorei.

— Não importa.

— Sou um Senhor da Guerra. Não deveria ter chorado.

— Não lhes revelaste nada. Encontraste coragem na altura em que foi necessária.

— De qualquer maneira, Zuultah matou os outros.

— Irá pagar por isso, Irmãozinho. Um dia, ela e os outros como ela, irão pagar por tudo. — Lucivar massajou suavemente o pescoço do homem.

— Yasi. Eu...

Foi um movimento repentino, acompanhado de um som agudo.

Lucivar recostou cuidadosamente a cabeça desfalecida, pondo-se em pé lentamente. Poderia ter-lhes dito que o plano não iria resultar, que o Anel de Obediência poderia ser ajustado o suficiente para detectar um chamamento interior de força e resolução, alertando o seu possuidor. Poderia ter-lhes dito que as gavinhas perniciosas que os mantêm escravizados já se alastraram a territórios demasiado longínquos e que, para os libertar, seria necessária uma selvajaria mais apurada do que aquela de que o homem é capaz. Poderia ter-lhes dito que, para manter um homem obediente, existem armas mais cruéis do que o Anel, que a sua preocupação uns com os outros seria a sua destruição, que a única forma de escapar, mesmo que por pouco tempo, é não se preocupar com ninguém, é estar sozinho.

Poderia ter-lhes dito.

Todavia, quando se aproximaram, timidamente, cautelosamente, sófre-

gos por questionar um homem que se tinha libertado uma e outra vez ao longo dos séculos, mas que continuava escravizado, tudo o que disse foi:

— Sacrifiquem tudo. — Foram-se embora, desapontados, incapazes de compreender que o que disse foi sentido. Sacrifiquem tudo. Mas existia algo que não queria – não podia – sacrificar.

Quantas foram as vezes, após se ter rendido e ter sido novamente aprisionado por aquele implacável anel de ouro à volta do seu órgão, que Daemon o tinha encontrado e encostado a uma parede, irado, chamando-lhe louco e covarde por se ter entregue?

Mentiroso. Mentiroso melífluo e experiente nos assuntos da corte.

Em tempos, Dorothea SaDiablo procurou Daemon Sadi desesperadamente após o seu desaparecimento de uma corte sem deixar rasto. Para o encontrar foram necessários cem anos, tendo perecido dois mil Senhores da Guerra ao tentar recapturá-lo. Poderia ter usado aquele pequeno e selvagem Território que tinha ocupado e conquistar metade do Reino de Terreille, poderia ter-se tornado uma ameaça tangível à usurpação e à absorção que Hayll provocava em todos os que tocava. Ao invés, leu uma carta enviada por Dorothea, que lhe chegou pelas mãos de um mensageiro. Leu-a e entregou-se.

A carta dizia apenas: “Entrega-te até à lua nova. Cada dia que passar para além disso, arrancarei um pedaço do corpo do teu irmão como pagamento pela tua arrogância.”

Lucivar sacudiu-se, tentando expulsar os pensamentos indesejáveis. De certa forma, as memórias revelavam-se piores do que o chicote, visto conduzirem a pensamentos de Askavi, com as montanhas altaneiras a cortar o céu e os vales repletos de burgos, quintas e florestas. No entanto, Askavi já não era tão fértil como fora pois tinha sido devassado durante demasiados séculos por aqueles que tiraram mas que nunca retribuíram com o que quer que fosse. Ainda assim, era a sua terra, e os séculos de exílio em escravidão provocavam em si um desejo ardente pelo cheiro do ar puro da montanha, pelo sabor de um riacho fresco e doce, pelo silêncio dos bosques e, acima de tudo, pelas montanhas sobrevoadas pela raça eyriena.

No entanto, encontrava-se em Pruul, esta terra árida, quente, deserta e estéril, ao serviço dessa cabra Zuultah, por não conseguir ocultar a aversão que sentia por Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, por não conseguir dominar o suficiente o seu temperamento para servir feiticeiras que desprezava.

Entre os Sangue, os machos deveriam servir e não dominar. Jamais tinha desafiado essa ordem, apesar de ter morto várias feiticeiras ao longo dos séculos. Tinha-o feito pois seria um insulto servi-las, ele era um Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra que usava Jóias Ébano Acinzentadas e que

se recusava a acreditar que servir e ser servil eram sinónimos. Sendo um bastardo mestiço, não acalentava qualquer esperança de atingir uma posição de autoridade numa corte, apesar da categoria das suas Jóias. Sendo um guerreiro eyrieno experiente e possuidor de um temperamento explosivo mesmo para um Príncipe dos Senhores da Guerra, tinha ainda menos esperanças de que lhe fosse permitido viver fora das correntes sociais de uma corte.

E fora capturado da mesma forma que todos os machos dos Sangue são capturados. Havia algo no seu interior que os fazia ansiar ardentemente por servir, que os impelia a interligarem-se, de alguma forma, a uma fêmea de Jóias dos Sangue.

Lucivar contraiu o ombro e inspirou através dos dentes no preciso momento em que uma ferida infligida pelo chicote voltou a abrir-se. Ao tocar cautelosamente na ferida, a sua mão ficou encharcada em sangue fresco.

Sorriu amargamente, revelando os dentes. Como é aquele velho ditado? Um desejo oferecido com sangue, é uma prece às Trevas.

Fechou os olhos, ergueu a mão em direcção ao negro do céu e iniciou a interiorização, descendo ao abismo psíquico na profundidade das suas Jóias Ébano Acinzentadas para que o desejo se mantivesse secreto, para que ninguém na corte de Zuultah pudesse ouvir a transmissão do seu pensamento.

Por uma vez que fosse, gostaria de servir uma Rainha que pudesse respeitar, alguém em quem realmente pudesse acreditar. Uma rainha poderosa que não temesse a minha força. Uma Rainha a quem pudesse também chamar amiga.

Friamente divertido pela sua própria tolice, Lucivar limpou a mão às calças folgadas de algodão e suspirou. Infelizmente a declaração de Tersa, enunciada há setecentos anos atrás, não tinha passado de uma mera e louca ilusão. Por algum tempo, foi a sua fonte de esperança. Demorou muito até perceber que a esperança é amarga.

Olá!

Lucivar olhou em direcção aos estábulos onde os escravos estavam alojados. Em breve, os guardas efectuariam a ronda nocturna. Desfrutaria da aragem nocturna durante mais um minuto, mesmo que pairasse no ar um cheiro quente e poeirento, antes de regressar à cela imunda com a cama feita de palha, suja e infestada de bichos, antes de regressar ao fedor a medo, a corpos sujos e a dejectos humanos.

Olá!

Lucivar voltou-se lentamente, desenhando um círculo, os sentidos físicos vigilantes, a mente a investigar a origem daquele pensamento. A comunicação psíquica podia ser difundida a todos numa determinada área — como gritar num quarto cheio de gente — ou restringida a uma única

categoria de Jóias ou restringida, ainda mais, a uma única mente. Aquele pensamento parecia dirigido directamente a si.

Não existia nada ali para além do que seria de esperar. O que quer que fosse, tinha desaparecido.

Lucivar abanou a cabeça. Estava a tornar-se tão assustadiço como os plebeus, aqueles que não pertencem aos Sangue de cada raça, com as suas superstições sobre o mal que surge furtivamente na noite.

— Olá!

Lucivar rodou sobre si próprio, as asas negras abertas para manter o equilíbrio, colocando os pés numa posição de combate.

Sentiu-se ridículo ao ver a menina que o olhava espantada, com os olhos esbugalhados.

Não passava de uma magricela, com cerca de sete anos. Descrevê-la como comum seria considerado amabilidade. Contudo, mesmo ao luar, possuía uns olhos extraordinários. Traziam-lhe à memória o céu ao crepúsculo ou um lago profundo da montanha. As roupas eram de boa qualidade, certamente melhores do que as usadas por uma criança pedinte. O cabelo louro estava penteado em canudos indicativos de carinho e cuidado, mesmo que parecessem ridículos a ladear a sua pequena face pontiaguda.

— O que estás aqui a fazer? — perguntou abruptamente.

Entrelaçou os dedos e encolheu os ombros. — Eu... Eu ouvi-te. P... Pediste um amigo.

— *Ouviste-me?* – Lucivar olhou-a fixamente. Como é que, pelo Inferno, ela o tinha ouvido? De facto, tinha enviado o desejo para o exterior, mas por um fio Ébano Acinzentado. Era o único Ébano-Acinzentado no Reino de Terreille. A única Jóia mais escura que a sua era a Negra e a única pessoa que usava *essa* Jóia era Daemon Sadi. A não ser...

Não. Aquela menina não podia ser.

Nesse preciso momento, os olhos da menina saltaram de Lucivar para o homem morto no barco e de volta para ele.

— Tenho de ir — murmurou, afastando-se.

— Não, não tens. — Dirigiu-se a ela, deslocando-se com destreza, como um caçador a perseguir a sua presa.

A menina esquivou-se.

Em segundos, tinha-a apanhado, indiferente ao barulho das correntes. Enrolando uma corrente à volta dela, envolveu-lhe a cintura com um braço e levantou-a do chão, soltando um gemido quando ela lhe bateu com o calcanhar no joelho. Ignorou as tentativas para o arranhar e os pontapés, embora o magoassem, não constituíam motivo para o deter como poderia acontecer com o tipo de pontapé dado no sítio certo. Quando começou a gritar, tapou-lhe a boca com uma mão.

De imediato, cravou os dentes no dedo de Lucivar.

Lucivar engoliu um grito e praguejou baixinho. Caiu de joelhos, levando a menina com ele. — Não faças barulho — murmurou furiosamente. — Queres que os guardas nos apanhem? — Provavelmente era o que ela queria e Lucivar esperava que a menina lutasse ainda com mais alento, sabendo que a ajuda estava por perto.

Ao invés, ficou petrificada.

Lucivar encostou a sua face à cabeça da menina e inspirou. — És uma gatinha assanhada — afirmou com serenidade, lutando para manter o riso afastado da sua voz.

— Por que é que o mataste?

Seria da sua imaginação ou a voz dela tinha-se alterado? Continuava a parecer a voz de uma rapariguinha, mas nessa voz estavam presentes trovões, cavernas e os céus da meia-noite.

— Estava em sofrimento.

— Não o podias ter levado a uma Curandeira?

— As Curandeiras não se interessam pelos escravos — soltou com brusquidão. — Além do mais, as ratazanas pouco deixaram para curar. — Encostou-a com mais força ao seu peito, na esperança de que ao aquecê-la com o seu corpo, ela parasse de tremer. Parecia tão pálida em contraste com a pele castanho-clara de Lucivar e ele sabia que não era simplesmente por ela ter a pele clara. — Desculpa. Fui cruel.

Quando a menina começou a lutar contra o seu abraço, levantou os braços para que pudesse deslizar sob a corrente entre os seus pulsos. Correu atabalhoadamente para longe do alcance de Lucivar, girou sobre si própria e caiu de joelhos.

Analisaram-se mutuamente.

— Como te chamas? — perguntou finalmente.

— Chamo-me Yasi. — Riu-se ao vê-la torcer o nariz. — Não me atires as culpas. Não foi escolhido por mim.

— É uma palavra ridícula para alguém como tu. Qual é o teu nome verdadeiro?

Lucivar hesitou. Os eyrienos eram umas das raças de longevidade prolongada. Ao longo de 1.700 anos, tinha adquirido a reputação de ser inexorável e violento. Se ela tivesse ouvido alguma das histórias sobre ele...

Respirou fundo e deixou sair lentamente:

— Lucivar Yaslana.

Não houve qualquer reacção, exceptuando um sorriso tímido de aprovação.

— Como te chamas, Gata?

— Jaenelle.

Esboçou um largo sorriso. — É um nome bonito, mas acho que Gata também te fica bem.

Emitiu um som animalesco.

— Vês? — Hesitou, mas tinha de perguntar. A diferença entre Zuultah supor que Lucivar tinha morto aquele escravo e a certeza absoluta seria determinante quando estivesse esticado entre os postes onde seria vergastado. — A tua família está de visita à Senhora Zuultah?

Jaenelle franziu as sobrancelhas. — Quem?

De facto, parecia uma gatinha a tentar calcular a forma de atacar um bicho grande e saltitante. — Zuultah. A Rainha de Pruul.

— O que é Pruul?

— Aqui é Pruul — Lucivar acenou com a mão, indicando a terra à volta deles, praguejando em eyrieno quando as correntes chocalharam. Engoliu a última obscenidade ao reparar no olhar intenso e interessado de Jaenelle. — Visto que não és de Pruul e que a tua família não está de visita, donde és? — Ao vê-la hesitar, inclinou a cabeça em direcção ao barco. — Sei guardar um segredo.

— Sou de Chaillot.

— Chai... — Lucivar engoliu outra obscenidade. — Compreendes eyrieno?

— Não — Jaenelle sorriu ironicamente. — Mas agora já sei algumas palavras em eyrieno.

Deveria rir ou estrangulá-la? — Como chegaste aqui?

Afofou o cabelo e franziu os olhos ao contemplar o chão rochoso entre eles. Por fim, encolheu os ombros. — Da mesma forma que me desloco para outros lugares.

— Viajas pelos Ventos? — guinchou.

Jaenelle ergueu um dedo para testar o ar.

— Não me refiro a brisas ou a lufadas de ar. — Lucivar rangeu os dentes.

— Os Ventos. As Teias. Os caminhos psíquicos das Trevas.

Jaenelle animou-se. — Então é isso que se chamam?

Consegui deter-se a meio de uma obscenidade.

Jaenelle inclinou-se para a frente. — És sempre assim tão cretino?

— A maior parte das pessoas considera-me cretino, é verdade.

— O que é que isso quer dizer?

— Não importa. — Escolheu uma pedra afiada e desenhou um círculo no chão entre eles. — Este é o Reino de Terreille — Colocou uma pedra redonda no círculo. — Esta é a Montanha Negra, Ebon Askavi, onde os Ventos se juntam. — Desenhou linhas rectas da pedra redonda até à circunferência do círculo. — Estas são as linhas de orientação. — Desenhou círculos mais pequenos dentro do círculo. — Estas são as radiais. Os Ventos são como

uma teia de aranha. É possível viajar nas linhas de orientação ou nas radiais, mudando de direcção onde as mesmas se cruzam. Existe uma Teia para cada categoria das Jóias de Sangue. Quanto mais escura for a Teia, maior a quantidade de linhas de orientação e radiais e mais rápido é o Vento. Podes viajar numa Teia que seja da tua categoria ou numa mais clara. Não podes viajar numa Teia mais escura do que a tua categoria de Jóia, a menos que estejas a viajar numa Carruagem conduzida por alguém suficientemente forte para se deslocar nessa Teia ou que estejas a ser protegida por alguém que possa deslocar-se nessa Teia. Caso tentes fazê-lo, podes não sobreviver. Percebido?

Jaenelle mordiscou o lábio inferior e apontou para um espaço entre os filamentos. — E se quiseres ir ali?

Lucivar abanou a cabeça. — No ponto que se encontrasse mais próximo, terias de abandonar a Teia de volta ao Reino e viajar de qualquer outra forma.

— Não foi assim que aqui cheguei — protestou.

Lucivar estremeceu. Não existia um único filamento fosse de que Teia fosse ao redor do complexo de Zuultah. A sua corte estava instalada deliberadamente num desses espaços em branco. Para aqui chegar directamente pelos Ventos, a única forma é abandonar a Teia e deslizar às cegas pelas Trevas, o que, até para os melhores e mais fortes, era algo muito arriscado. A não ser...

— Chega aqui, Gata — disse delicadamente. Quando ela se deixou cair à sua frente, colocou-lhe as mãos nos finos ombros. — Costumas vaguear com frequência?

Jaenelle assentiu, baixando e levantando a cabeça lentamente. — As pessoas chamam-me. Tal como o fizeste.

Tal como ele o fez. Mãe Noite! — Gata, ouve. As crianças são vulneráveis a muitos perigos.

Havia uma expressão estranha nos seus olhos. — Sim, eu sei.

— Por vezes, um inimigo pode usar a máscara de um amigo até ser demasiado tarde para escapar.

— Sim — sussurrou.

Lucivar abanou-a gentilmente, forçando-a a olhar para ele. — Terreille é um local perigoso para gatinhas. Por favor, volta para casa e não voltes a vaguear. Não... não respondas àqueles que te chamam.

— Mas, assim sendo, não te voltarei a ver.

Lucivar fechou os olhos dourados. Uma faca cravada no coração não seria tão dolorosa. — Eu sei. Mas seremos sempre amigos. E não será para sempre. Quando cresceres, irei procurar-te ou tu irás procurar-me.

Jaenelle mordiscou o lábio. — Com que idade é que se é crescido?

Ontem. Amanhã. — Digamos, dezassete. Parece uma eternidade, bem

sei, mas não é assim tanto tempo. — Nem Sadi inventaria uma mentira melhor do que esta. — Prometes não vaguear?

Jaenelle suspirou. — Prometo não vaguear em Terreille.

Lucivar ajudou-a a levantar-se e virou-a. — Há algo que te quero ensinar antes de partires. Dará um bom resultado se um homem tentar alguma vez agarrar-te por trás.

Após terem repetido a demonstração as vezes que Lucivar entendeu como suficientes para que Jaenelle soubesse o que fazer, beijou-a na testa e afastou-se. — Vai-te embora daqui. A qualquer momento, os guardas devem passar ronda. E lembra-te – uma Rainha nunca quebra a promessa que fez a um Príncipe dos Senhores da Guerra.

— Lembrar-me-ei. — Hesitou. — Lucivar? Estarei diferente quando crescer. Como me reconhecerás?

Lucivar sorriu. Dez anos ou até cem, não faria qualquer diferença. Iria sempre reconhecer aqueles extraordinários olhos cor de safira — Eu saberei. Adeus, Gata. Que as Trevas te envolvam.

Jaenelle sorriu e desapareceu.

Lucivar fitou o espaço vazio. Teria sido uma tolice o que lhe havia dito? Provavelmente.

O barulho de um portão despertou-lhe a atenção. Rapidamente apagou o desenho dos Ventos e deslizou de sombra em sombra até alcançar os estábulos. Atravessou a parede exterior e instalou-se na sua cela no momento em que o guarda abriu o postigo com barras da porta.

Zuultah era suficientemente arrogante para acreditar que os seus feitiços dominadores impediam os escravos de fazer uso da Arte para atravessar as paredes das celas. Era desconfortável atravessar uma parede enfeitada mas, para Lucivar, não era impossível.

Deixai a cabra ficar perplexa. Quando os guardas encontrassem o escravo no barco, haveria de suspeitar que Lucivar lhe tinha partido o pescoço. Desconfiava dele sempre que *algo* de errado acontecia na sua corte – e tinha boas razões para tal.

Talvez oferecesse alguma resistência quando os guardas o tentassem amarrar aos postes. Uma zaragata mantê-la-ia distraída e as emoções violentas cobririam o rasto psíquico que ainda perdurasse da menina.

Ah, sim, conseguiria manter a Senhora Zuultah tão entretida que *nunca* se iria aperceber de que a Feiticeira já caminhava no Reino.

2 / Terreille

A Senhora Maris voltou a cabeça na direcção do grande espelho de pé.
— Podes ir.

Daemon Sadi deslizou da cama e começou a vestir-se lentamente, de forma escarnekedora, consciente de que a Senhora Maris o observava no espelho. Contemplava sempre o espelho quando ele a servia. Talvez um certo *voyeurismo* relativamente a si mesma? Fingiria que o homem reflectido no espelho sentia realmente algo por ela, que o seu clímax o excitava?

Cabra estúpida.

Maris espreguiçou-se e suspirou de prazer. — Lembra-me um gato selvagem, a pele sedosa e os músculos ondulantes.

Daemon vestiu a camisa branca de seda. Um predador selvagem? Era uma descrição bastante justa. Se alguma vez o irritasse para além da sua limitada tolerância pelo género feminino, teria muito gosto em lhe mostrar as garras. Em particular, uma minúscula.

Maris suspirou uma vez mais. — És tão bonito.

Sim, era lindo. O seu rosto era uma dádiva da sua misteriosa herança, aristocrático e moldado de forma tão harmoniosa que não poderia ser simplesmente caracterizado como belo.

Era alto e tinha os ombros largos. Mantinha o corpo tonificado e musculado o suficiente para agradar. A sua voz era profunda e culta, com uma ponta sedutora de rouquidão que provocava nas mulheres uma neblina nos olhos. Os olhos dourados e o espesso cabelo negro eram típicos das três raças de longevidade prolongada de Terreille, embora a sua pele castanho dourada, de tons quentes, fosse mais clara do que a dos aristocratas hayllianos — mais parecida à da raça Dhemlan.

O seu corpo era uma arma e ele mantinha as suas armas bem afiadas.

Enfiou o casaco preto. De igual modo, as roupas representavam armas, desde a roupa interior diminuta aos fatos perfeitamente talhados. Néctar que seduzia os incautos à perdição.

Abanando-se com a mão, Maris olhou directamente para Daemon.
— Mesmo com este calor, nem sequer transpiraste.

Soou como uma queixa e era-o realmente.

Daemon sorriu escarnekedoramente. — Por que razão o faria?

Maris sentou-se, cobrindo-se com o lençol. — És um bastardo cruel e sem sentimentos.

Daemon ergueu uma sobranclha perfeitamente esculpida. — Achais-me cruel? Tendes razão, claro. Sou especialista em crueldade.

— E tens orgulho nisso, não é verdade? — Maris retraiu as lágrimas. O seu rosto cerrou-se deixando transparecer todas as rugas petulantes provo-

cadavres pelo passar dos anos. — É verdade tudo o que dizem sobre ti. Até isso. — Acenou a mão em direcção à sua zona genital.

— Isso? — perguntou, sabendo exactamente ao que ela se referia. Ela, e todas as mulheres como ela, perdoariam qualquer maldade que fizesse se o conseguissem seduzir até à erecção.

Não és um homem autêntico. Nunca o foste.

— Também nisso tendes toda a razão. — Enfiou as mãos nos bolsos das calças. — Pessoalmente, julgo que é o desconforto causado pelo Anel de Obediência que causou o problema. — O sorriso frio e escarnekedor regressou. — Talvez se o retirásseis...

Maris ficou tão pálida que Daemon julgou que fosse desmaiar. Tinha dúvidas de que ela desejasse assim tão ardentemente testar a sua teoria que removesse realmente o círculo dourado que envolvia o seu órgão. Melhor assim. Maris não sobreviveria nem um minuto logo que se encontrasse livre.

Em todo o caso, a maioria das feiticeiras que havia servido não sobreviveram.

Daemon sorriu, o habitual sorriso frio e brutal, enfiando-se na cama a seu lado. — Julgais, pois, que sou cruel. — Os olhos de Maris já estavam vidrados devido às gavinhas de sedução psíquica que tecia à sua volta.

— Sim — sussurrou Maris, fixando os lábios de Daemon.

Inclinou-se, divertido pela rapidez com que Maris entreabriu a boca para receber o beijo. A língua dela brincou avidamente com a dele e quando finalmente Daemon levantou a cabeça, Maris tentou puxá-lo para cima dela. — Quereis mesmo saber qual a razão porque não transpiro? — perguntou, com uma gentileza exagerada.

Hesitou, desejo e curiosidade guerreando entre si. — Porquê?

Daemon sorriu. — Porque, minha querida Senhora Maris, a vossa pretensa inteligência aborrece-me até às lágrimas e esse corpo que julgais tão elegante e pavoneais sempre que possível, seja onde for, nem aos abutres interessa.

O lábio inferior de Maris estremeceu. — É...és um bruto sádico!

Daemon deslizou da cama. — Como sabeis? — perguntou agradavelmente. — O jogo ainda nem começou.

— Sai. SAI!

Saiu rapidamente do quarto, ficando por um momento à porta. O lamento de dor de Maris era o contraponto perfeito ao seu riso zombador.

Uma leve brisa desalinhou o cabelo de Daemon ao seguir por um caminho de gravilha nos jardins traseiros. Desabotoando a camisa, sorriu prazenteiramente ao sentir a brisa acariciar-lhe a pele nua. Tirou um cigarro preto e fino do estojo dourado, acendeu-o e suspirou deixando o fumo sair lentamente pela boca e pelas narinas, anulando o fedor de Maris.

A luz do quarto de Maris apagou-se.

Cabra estúpida. Não compreendia o jogo que ela própria jogava. Não – não compreendia o jogo que *ele* jogava. Com 1.700 anos estava agora a atingir o apogeu. Usava um Anel de Obediência controlado por Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll, desde que se lembrava. Tinha sido criado na sua corte como o filho bastardo dos primos de Dorothea, tinha sido instruído e treinado para servir as Viúvas Negras de Hayll. Ou seja, fora-lhe ensinado o suficiente da Arte para poder servir aquelas cabras feiticeiras como elas pretendiam ser servidas. Tinha-se prostituído em cortes há muito transformadas em pó ainda o povo de Maris começava a construir cidades. Tinha destruído feiticeiras superiores a ela e também a poderia destruir. Tinha deitado abaixo cortes, devastado cidades, provocado pequenas guerras como vingança por jogos de alcova.

Dorothea castigava-o, feria-o, vendia-o para prestar serviços em corte após corte, mas, afinal, Maris e a sua espécie eram dispensáveis. Ele não o era. A sua criação tinha tido um preço bastante elevado para Dorothea e para as outras Viúvas Negras de Hayll e, seja o que for que tivessem feito, não tinham capacidade para o voltar a fazer.

Os Sangue de Hayll estavam enfraquecidos. Na sua geração, poucos eram os que usavam as Jóias mais escuras, o que não era surpreendente uma vez que Dorothea tinha sido bastante meticulosa na eliminação das feiticeiras mais fortes que poderiam ter desafiado o seu poder após se ter tornado Sacerdotisa Suprema, mantendo as suas seguidoras nas Cem Famílias de Hayll, feiticeiras de jóias mais claras, sem qualquer posição social, e nas fêmeas dos Sangue, que detinham um poder diminuto como as únicas capazes de acasalar com um macho dos Sangue e de gerar crianças dos Sangue saudáveis.

Agora, precisava de uma linhagem de sangue negro para o acasalamento com as suas Irmãs Viúvas Negras. De forma que, embora o humilhasse e torturasse com prazer, não o destruía visto que, se existisse uma possibilidade que fosse, queria a sua prestável semente nos corpos das suas Irmãs e utilizaria tolas como a Maris para o desgastar até estar pronto para se entregar.

Nunca se entregaria.

Há setecentos anos, Tersa tinha-lhe dito que o mito vivo estava a chegar. Setecentos anos de espera, observando e procurando, esperançado. Setecentos dilacerantes e extenuantes anos. Recusava-se a desistir, recusava-se a pensar sequer que ela se teria enganado, recusava-se pois o seu coração ansiava desmesuradamente por essa criatura estranha, maravilhosa e terrífica chamada Feiticeira.

No fundo da sua alma, conhecia-a. Em sonhos, via-a. Nunca materia-

lizou um rosto. Ficava turvo sempre que o tentava focar. Mas podia vê-la com um vestido negro e transparente, fabricado em seda de aranha, um vestido que lhe escorregava dos ombros ao movimentar-se, um vestido que abria e fechava ao andar, revelando a pele nua e fresca como a noite. E havia no ar um aroma que era o dela, um perfume com o qual acordaria, enterando o rosto na almofada dela, que já estaria levantada e a tratar dos seus assuntos.

Não era luxúria – o fogo do corpo empalidecia em comparação ao abraço entre mentes – embora o prazer físico estivesse presente. Queria tocá-la, sentir a textura da sua pele, saborear o seu calor. Queria acariciá-la até ambos estarem em brasa. Queria entrelaçar a sua vida na dela até ser impossível perceber onde começava uma e terminava a outra. Queria colocar os braços à sua volta, fortes e protectores, e sentir-se, também ele, protegido; possuí-la e ser possuído; dominá-la e ser dominado. Queria a Outra, a sombra ao longo da sua vida, que o fazia sofrer a cada fôlego, enquanto ia tropeçando nestas débeis mulheres que nada significavam, nem nunca poderiam significar.

Simplemente, acreditava ter nascido para ser seu amante.

Daemon acendeu outro cigarro e flectiu o dedo anelar da mão direita. O dente de serpente deslizou para fora do respectivo canal e deteve-se na parte inferior da sua unha longa e tingida a negro. Sorriu. Maris perguntava-se se ele tinha garras? Bem, esta queridinha impressioná-la-ia. Não por muito tempo uma vez que o veneno na bolsa por baixo da sua unha era extremamente potente.

Tinha sorte por ter atingido a maturidade sexual um pouco mais tarde do que a maior parte dos hayllianos. O dente de serpente tinha surgido com as restantes alterações físicas, uma surpresa chocante pois julgava impossível que um macho fosse uma Viúva Negra natural. Durante esse tempo, tinha estado a servir numa corte onde era moda os homens usarem as unhas compridas, bem como tingi-las, pelo que ninguém estranhou que adoptasse essa moda e nunca ninguém questionou a razão pela qual continuava a usar as unhas daquela forma.

Nem mesmo Dorothea. Dado que as feiticeiras das Assembleias da Ampulheta eram especialistas em venenos e nos aspectos mais obscuros da Arte, bem como em sonhos e visões, sempre achou estranho que Dorothea nunca tivesse adivinhado o que ele era. Se tal tivesse acontecido, sem dúvida que o teria tentado mutilar, deixando-o irreconhecível. Poderia ter sido bem sucedida se o fizesse antes de ter efectuado a Dádiva às Trevas, para determinar o poder que lhe seria atribuído como adulto, quando ainda usava a Jóia Vermelha que lhe tinha sido oferecida na Cerimónia de Direito de Progenitura. Se tentasse agora, mesmo com a assembleia a apoiá-la, sair--lhe-

ia muito caro. Mesmo Anelado, um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra seria um inimigo assombroso para uma Sacerdotisa de Jóia Vermelha.

Por essa razão, os seus caminhos raramente se cruzavam e ela mantinha-o afastado de Hayll e da sua corte. No entanto, dispunha de um trunfo que o mantinha submisso e ambos o sabiam. Se a vida de Lucivar não estivesse em perigo, nem mesmo a dor infligida pelo Anel de Obediência poderia retê-lo. Lucivar... e a carta mais valiosa que Tera tinha juntado ao jogo de submissão e controlo. A carta cuja existência Dorothea desconhecia. A carta que poria um fim ao seu domínio sobre Terreille.

Outrora, os Sangue tinham dominado honradamente e de forma satisfatória. As povoações habitadas pelos Sangue num Concelho protegiam e tratavam justamente as povoações dos plebeus que lhes estavam sujeitas. As Rainhas dos Concelhos serviam na corte da Rainha da Província. As Rainhas das Províncias, por sua vez, serviam a Rainha do Território, que era escolhida pela maioria dos Sangue que usavam as Jóias mais escuras, machos e fêmeas, uma vez que era a melhor e a mais forte.

Nesse tempo, não era necessário recorrer à escravatura para controlar os machos fortes. Os seus corações guiavam-nos na direcção da Rainha que julgavam adequada. Entregavam as suas vidas de boa vontade. Serviam em liberdade.

Nesse tempo, o complicado triângulo da condição dos Sangue não se apoiava tanto na categoria social. A categoria das jóias e a casta pesavam da mesma forma ou até mais. O que significava que o controlo dessa sociedade era uma dança fluida, cuja condução se alterava constantemente, dependendo dos bailarinos. Mas no centro dessa dança estava sempre uma Rainha.

Essa tinha sido a genialidade e a imperfeição das purgas de Dorothea. Sem Rainhas poderosas que desafiassem a sua ascensão ao poder, a sua expectativa fora a de que os machos se entregassem a ela, uma Sacerdotisa, da mesma forma que se entregariam a uma Rainha. Não o fizeram. Começou então um tipo diferente de purga e, no seu término, Dorothea possuía as armas mais afiadas de todas – machos apavorados que retiravam o poder a qualquer fêmea mais fraca para se sentirem poderosos e fêmeas apavoradas que colocavam Anéis em machos potencialmente fortes antes de se tornarem uma ameaça.

O resultado foi uma perversão em espiral da sociedade que se centrava em Dorothea não só como o instrumento da destruição mas também como o único refúgio seguro.

Foi então que se espalhou para o exterior, para os outros Territórios. Tinha testemunhado essas outras terras e pessoas a desfazerem-se lentamente, esmagados sob a perversão implacável e sussurrada de Hayll nos hábitos dos Sangue. Tinha visto as poderosas Rainhas, iniciadas demasia-

damente jovens, a regressarem da Noite da Virgem quebradas e inábeis.

Tinha assistido e lamentado, furioso e frustrado por pouco poder fazer para deter tudo isto. Um bastardo não tem posição social. Um escravo ainda menos, não importa a casta a que pertence por nascimento ou as Jóias que usa. Por isso, enquanto Dorothea encenava o seu jogo de poder, Daemon encenava o seu próprio. Ela destruía os Sangue que se lhe opunham. Ele destruía os Sangue que a apoiavam.

No final, Dorothea iria vencer. Daemon sabia-o. Eram escassos os territórios que não viviam na sombra de Hayll. Havia séculos que Askavi tinha aberto as pernas a Hayll. Dhemlan era o único território na parte oriental do Reino que ainda lutava com as suas últimas forças para se manter livre da influência de Dorothea. Existiam também alguns territórios distantes a oeste que ainda não se encontravam completamente subjugados.

Dentro de um século, dois no máximo, Dorothea atingiria a sua ambição. A sombra de Hayll cobriria todo o Reino e ela tornar-se-ia *na* Sacerdotisa Suprema, a soberana absoluta de Terreille, outrora conhecido como Reino da Luz.

Daemon fez desaparecer o cigarro e abotoou a camisa. Ainda tinha de servir Marissa, a filha de Maris, antes de poder dormir um pouco.

Não tinha dado mais do que alguns passos quando uma mente roçou a sua, solicitando-lhe a atenção. Afastou-se da casa e seguiu o puxão mental. Não havia que enganar: o odor psíquico, os pensamentos emaranhados e as imagens desordenadas.

O que é que ela estava aqui a fazer?

O puxão parou ao chegar ao pequeno bosque na extremidade dos jardins.

— Tersa? — chamou suavemente.

Os arbustos a seu lado agitaram-se e uma mão ossuda agarrou-o pelo pulso. — Por aqui — disse Tersa, puxando-o ao longo de um caminho. — A teia é frágil.

— Tersa... — Daemon tentou esquivar-se de um ramo baixo que o atingiu na cara, o que lhe valeu um puxão no braço. — Tersa...

— Silêncio, rapaz — disse furiosamente, arrastando-o.

Concentrou a atenção em esquivar-se a ramos e evitar raízes que tentavam fazê-lo tropeçar. Rangendo os dentes, esforçou-se por ignorar o vestido andrajoso que vestia o corpo meio-esfomeado de Tersa. Sendo uma criança do Reino Distorcido, Tersa era meio selvagem, vislumbrando o mundo como figuras acinzentadas através dos fragmentos do que tinha sido. A experiência ensinara-o que, quando Tersa estava absorvida pelas suas visões, era inútil falar-lhe dos aspectos mundanos, como comida e roupa e camas quentes e seguras.

Alcançaram uma clareira no bosque onde se encontrava uma laje achatada em pedra sobre duas outras. Daemon perguntou-se se seria natural ou se Tera a tinha construído para servir como um altar em miniatura.

A laje tinha apenas uma estrutura em madeira que segurava uma teia entrelaçada de uma Viúva Negra.

Apreensivo, Daemon esfregou o punho e aguardou.

— Vê — ordenou Tera. Estalou a unha do polegar da mão esquerda na unha do dedo indicador que se transformou numa ponta aguçada. Picou o dedo médio da mão direita e deixou que uma gota de sangue caísse em cada uma das quatro linhas de ligação que seguravam a teia à estrutura. O sangue escorreu pelas linhas de cima, subindo pelas linhas de baixo. Ao unirem-se no meio, os fios de seda de aranha da teia iluminaram-se.

Surgiu uma névoa em turbilhão em frente da estrutura, transformando-se num cálice de cristal.

O cálice era simples. Muitos diriam até modesto. Daemon achou-o elegante e bonito. No entanto, aquilo que o atraiu para o altar improvisado era o que o cálice continha.

No cálice, a névoa negra raiada de relâmpagos continha poder que deslizava pelos seus nervos, serpenteava à volta da sua coluna e buscava a libertação no fogo repentino do seu ventre. Era uma força em fusão, de uma intensidade catastrófica, selvagem, para além da compreensão humana... e Daemon queria-a com todo o seu ser.

— Olha — disse Tera, apontando para a borda do cálice.

Abriu-se uma racha fina desde uma fenda na borda do cálice até à base. Sob o olhar atento de Daemon, surgiu uma racha mais profunda.

A névoa rodopiou dentro do cálice. Uma gavinha passou através do fundo do vidro até ao pé.

Demasiado frágil, pensou, à medida que surgiam mais e mais rachas. O cálice era demasiado frágil para conter aquele tipo de poder.

Aproximou-se do cálice.

As rachas começavam no exterior e dirigiam-se para o interior e não o contrário. Assim sendo, o próprio cálice estava ameaçado por algo que o ultrapassava.

Daemon estremeceu ao ver a névoa fluir para o pé. Era uma visão. Não podia fazer absolutamente nada para alterar uma visão. Mas todo o seu ser gritava para que *fizesse* algo, para que envolvesse o cálice com a sua força e o estimasse, o protegesse e o mantivesse a salvo.

Mesmo sabendo que não iria alterar nada do que aconteceu aqui e agora, ainda assim estendeu a mão para alcançar o cálice.

Estilhaçou-se antes que o pudesse tocar, espalhando fragmentos de cristal pelo altar improvisado.

Tersa ergueu o que sobrou do cálice estilhaçado. No fundo do copo de bordas irregulares, rodopiava ainda uma réstia de névoa, a maior parte aprisionada no pé.

Olhou-o tristemente. — A teia interior pode ser quebrada sem estilhaçar o cálice. O cálice pode ser estilhaçado sem quebrar a teia interior. Não podem alcançar a teia interior, já o cálice...

Daemon humedeceu os lábios. Não conseguia parar de tremer. — Eu sei que a teia interior é outra denominação para o nosso âmago, o Eu que pode extrair o poder que existe em nós próprios. Mas ignoro o significado do cálice.

A mão dela tremeu um pouco. — Tersa é um cálice estilhaçado.

Daemon fechou os olhos. Um cálice estilhaçado. Uma mente estilhaçada. Falava sobre loucura.

— Dá-me a tua mão — pediu Tersa.

Demasiado desencorajado para a questionar, Daemon estendeu-lhe a mão esquerda.

Tersa agarrou-a, puxou-a para a frente e cortou-lhe o pulso com o lado partido do cálice.

Daemon pressionou o pulso com a mão e fitou-a, atordoado.

— Para que nunca te esqueças desta noite — afirmou Tersa com a voz tremida. — Essa cicatriz nunca mais irá desaparecer.

Daemon atou um lenço à volta do pulso. — E qual é a importância de uma cicatriz?

— Já te disse. Para que não te esqueças. — Tersa cortou os fios da teia entrelaçada com o cálice partido. Ao cortar o último fio, o cálice e a teia desapareceram. — Não sei se acontecerá ou se poderá acontecer. Não pude ver muitos dos fios na teia. Que as Trevas te concedam coragem, se dela precisares, quando dela precisares.

— Coragem para quê?

Tersa afastou-se.

— Tersa!

Tersa voltou-se e olhou para ele, proferiu duas palavras e desapareceu.

As pernas de Daemon cederam. No chão, enrolou-se sobre si próprio, respirando com dificuldade, o seu corpo estremeando devido ao medo que lhe despedaçava as entranhas.

O que é que uma coisa tinha a ver com a outra? Nada. *Nada!* Estaria lá como protector, como escudo. *Estaria lá!*

Mas onde?

Forçou-se a respirar calmamente. Era essa a questão. Onde.

Com certeza não seria na corte de Maris.

Já a manhã ia longa quando regressou à casa, dolorido e sujo. O pulso

palpitava e a cabeça latejava impiedosamente. Mal chegou ao terraço, a filha de Maris, Marissa, saltou do quarto do jardim e pôs-se à sua frente, as mãos nas ancas, com uma expressão que misturava irritação e desejo.

— Devias ter vindo ao meu quarto ontem à noite e não apareceste. Onde estiveste? Estás imundo. — Encolheu o ombro, olhando-o através das pestanas. — Portaste-te mal. Tens de vir explicar-te ao meu quarto.

Daemon desviou-a para passar. — Estou cansado. Vou para a cama.

— Farás como te digo! — Marissa mergulhou a mão entre as pernas de Daemon.

A mão de Daemon cerrou-lhe o pulso de forma tão rápida e com tanta força que caiu de joelhos a chorar de dor antes de perceber o que tinha acontecido. Continuou a apertar-lhe o pulso até sentir que os ossos ameaçavam despedaçar-se. Daemon sorriu, por fim, o tal sorriso frio, familiar e brutal.

— Não me'porte mal. Os rapazinhos é que se portam mal. — Empurrou-a, passando-lhe por cima, uma vez que se encontrava estendida nas lájeas. — E se voltais a tocar-me desta forma, arranco-vos a mão.

Caminhou ao longo dos corredores para o seu quarto, consciente de que os criados se desviavam à sua passagem, de que um travo a violência pairava no ar ao seu redor.

Não se importava. Entrou no quarto, despiu-se, deitou-se e fixou o tecto, receoso de fechar os olhos pois sempre que o fazia via um cálice de cristal estilhaçado.

Duas palavras.

Ela chegou.

3 / Inferno

Em tempos, tinha sido o Sedutor, o Carrasco, o Sacerdote Supremo da Ampulheta, o Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno.

Em tempos, tinha sido Consorte de Cassandra, a grande Rainha Viúva Negra de Jóia Negra, a derradeira Feiticeira a caminhar pelos Reinos.

Em tempos, tinha sido o único Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra na história dos Sangue, temido pela sua índole e pelo poder que detinha.

Em tempos, tinha sido o único macho que era Viúva Negra.

Em tempos, tinha governado o Território Dhemlan no Reino de Terreille e o Território irmão em Kaeleer, o Reino das Sombras. Tinha sido o único macho a governar sem ter de responder a uma Rainha e, à excepção da Feiticeira, o único membro dos Sangue a governar Territórios em dois Reinos.

Em tempos, tinha sido casado com Hekatah, uma Sacerdotisa Viúva Negra da aristocracia, originária de uma das Cem Famílias de Hayll.

Em tempos, tinha criado dois filhos, Mephis e Peyton. Tinha jogado com eles, tinha-lhes contado histórias, tinha lido para eles, tinha-lhes curado os joelhos esfolados e os corações partidos, tinha-lhes ensinado a Arte e a Lei dos Sangue, tinha-os inundado com o amor que tinha pela terra bem como pela música, pela arte e pela literatura, tinha-os encorajado a olhar com um desejo ardente para tudo o que os Reinos tivessem a oferecer – não para conquistar mas para aprender. Tinha-os ensinado a dançar em ocasiões sociais e a dançar pela glória da Feiticeira. Tinha-os ensinado a ser Sangue.

Mas tudo isso fora há muito, muito tempo.

Saetan, o Senhor Supremo do Inferno, estava calmamente sentado à lareira, um cobertor enrolado à volta das pernas, folheando um livro que não tinha interesse em ler. Bebeu um gole de yarbarah, o vinho de sangue, sem saborear o seu gosto ou sentir o seu calor.

Na última década, tinha sido um inválido tranquilo que não saía do seu gabinete privado, localizado bem abaixo do Paço. Durante mais de 50.000 anos antes deste período, tinha sido o soberano e o guardião do Reino das Trevas, o Senhor Supremo incontestado.

Já não se interessava pelo Inferno. Já não se interessava pela família e pelos amigos demónios-mortos que permaneciam com ele, nem com os outros demónios-mortos e cidadãos espectrais deste Reino, os Sangue que ainda possuíam uma tal força que os impedia de regressar às Trevas, mesmo após a morte dos seus corpos.

Estava velho e cansado, a solidão que tinha carregado dentro de si durante toda a vida tornou-se demasiado pesada. Já não queria ser um Guardiã, um dos mortos-vivos. Já não queria a meia-vida pela qual uma mão cheia de membros dos Sangue tinha optado com vista ao prolongamento da vida até anos para além da imaginação. Queria paz, queria esvaecer-se serenamente de volta às Trevas.

O que o impedia de procurar activamente essa libertação era a promessa que tinha feito a Cassandra.

Saetan juntou as unhas longas e tingidas a negro de ambas as mãos e poisou os olhos dourados no retrato pendurado na parede oposta, entre duas estantes.

Fê-lo prometer que se tornaria Guardiã para que a sua meia-vida prolongada lhe permitisse caminhar entre os vivos aquando do nascimento da sua filha. Não era uma filha saída do seu ventre, era a filha da sua alma. A filha que Cassandra tinha vislumbrado numa teia entrelaçada.

Tinha prometido porque o que Cassandra lhe transmitiu tinha-lhe agi-

tado os nervos como linhas de orientação numa tempestade, porque esse era o preço do treino que o tornaria numa Viúva Negra, porque, já nessa altura, as Trevas cantavam-lhe como não o faziam a outros machos dos Sangue.

Tinha mantido a promessa. Mas a filha nunca chegou.

O bater insistente na porta do seu gabinete privado despertou-o dos seus pensamentos.

— Entre — disse, a voz profunda não mais do que um sussurro cansado, um fantasma do que fora.

Mephis SaDiablo entrou, colocando-se ao lado da cadeira, em silêncio.

— Que pretendes, Mephis? — perguntou Saetan ao seu filho mais velho, demónio-morto desde essa longínqua guerra entre Terreille e Kaeleer.

Mephis hesitou. — Está a passar-se algo estranho.

O olhar contemplativo de Saetan vagueou de volta para o lume. — Outro poderá tomar conta do caso, se alguém o desejar. A tua mãe pode tratar disso. Hekatah sempre desejou o poder sem a minha interferência.

— Não — exclamou Mephis, desconfortavelmente.

Saetan examinou o rosto do filho e percebeu que estava com dificuldades em engolir. — Os teus... irmãos? — perguntou finalmente, incapaz de ocultar a dor provocada pela questão. Tinha sido um tolo adulado para lançar o feitiço que lhe devolveu, temporariamente, a semente da vida. Não lamentava a existência de Daemon e de Lucivar, mas, durante séculos, tinha-se torturado com os relatos do que lhes ia acontecendo.

Mephis abanou a cabeça e olhou fixamente para a lareira em mármore vermelho-escuro. — Na ilha das *cildru dyathe*.

Saetan estremeceu. Nunca tinha temido o que quer que fosse no Inferno, mas sentia sempre um desespero agonizante pelas *cildru dyathe*, as crianças demónias-mortas. No Inferno, os mortos mantinham a forma da última hora de vida. Este Reino frio e maldito nunca fora um lugar simpático, mas olhar para aquelas crianças, ver o que lhes tinha sido infligido pelas mãos de terceiros, ao ponto de não existir escapatória possível daquelas manifestas feridas... Era demasiado para suportar. Mantinham-se na ilha, relutantes em manter qualquer contacto com os adultos. Nunca forçou a sua presença pois Char, o líder escolhido, visitava-o de vez em quando para devolver os livros, os jogos e o que quer que encontrasse que pudesse ocupar as suas jovens mentes e ajudá-los a passar os inexoráveis anos.

— As *cildru dyathe* tomam contas delas próprias — afirmou Saetan, ajeitando o cobertor. — Sabes disso.

— Mas, de vez em quando, nas últimas semanas, há uma outra presença ali. Nunca fica por muito tempo, mas eu senti-a, bem como Prothvar quando voou sobre a ilha.

— Deixa-os em paz — disse Saetan, bruscamente, devolvendo alguma força à voz com a irritação. — Talvez tenham encontrado um cachorro órfão.

Mephis respirou fundo. — Hekatah já discutiu com Char sobre este assunto. Devido a isto, as crianças escondem-se de quem se aproxime. Se ela tivesse autoridade para...

Antes que Saetan pudesse responder ao breve batimento, a porta abriu-se. Andulvar Yaslana, outrora o Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra de Askavi, irrompeu pela sala. Atrás dele vinha o seu neto, Prothvar, carregando um grande globo coberto por um pano preto.

— SaDiablo, há algo que deves ver — disse Andulvar — Prothvar trouxe isto da ilha das *cildru dyathe*.

Por educação, Saetan simulou uma expressão de interesse. Quando eram jovens, ele e Andulvar tinham-se tornado improváveis amigos e tinham servido juntos em várias cortes. Nem mesmo Hekatah tinha destruído essa amizade quando se pavoneou, carregando alegremente uma criança que não era dele – a criança de Andulvar. Este facto não o virou contra o único homem a quem alguma vez tinha chamado amigo – quem poderia culpar um homem por se deixar enredar num dos esquemas de Hekatah? – porém, tinha destruído o seu tempestuoso casamento.

Saetan olhou para cada um dos homens e verificou a mesma intranquilidade em três pares de olhos dourados. Mephis era um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Cinzenta e praticamente inabalável. Prothvar era um Senhor da Guerra Eyrieno de Jóia Vermelha, um guerreiro criado e treinado. Andulvar era um Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra que usava a Ébano-Acinzentada, a segunda Jóia mais escura. Todos eram homens possantes que não se assustavam facilmente – mas agora *estavam* amedrontados.

Saetan inclinou-se para a frente, o medo dos outros três homens a espicaçar a bolha de indiferença na qual se tinha fechado há uma década. O corpo estava enfraquecido e precisava de se apoiar numa bengala para caminhar, mas a mente ainda estava aguçada, as Jóias Negras ainda vibravam, a destreza na Arte estava bem apurada.

Subitamente, soube que necessitaria de toda essa força e destreza para lidar com o que quer que estivesse a acontecer na ilha das *cildru dyathe*.

Andulvar retirou o pano do globo. Saetan limitou-se a olhar fixamente, o seu rosto repleto de espanto e descrença.

Uma borboleta. Não, não era uma simples borboleta. Era uma enorme criatura fantástica que batia as asas delicadamente dentro do globo que a confinava. Porém, foram as cores que atordoaram Saetan. O Inferno era um Reino que se encontrava sempre na penumbra, um Reino que empalidecia as cores até quase nem existirem. Pálida era o que a criatura no globo

não era. O seu corpo era de um laranja em tons de abóbora, as suas asas de uma mistura improvável de azul celeste, amarelo dourado e verde-relva. Enquanto olhava, a borboleta perdeu a forma e as cores misturaram-se como um giz a pintar à chuva.

Alguém na ilha das *cildru dyathe* tinha criado este glorioso pedaço de magia, tinha conseguido manter as cores dos Reinos dos vivos num lugar que atenuava a vitalidade, a vibração da vida.

— Prothvar conseguiu prender esta num globo escudado — explicou Andulvar.

— Dissolvem-se quase de imediato — disse Prothvar, em jeito de desculpa, encolhendo as asas negras e com membranas para junto do corpo.

Saetan endireitou-se na cadeira. — Traz o Char à minha presença, Senhor Yaslana. — A sua voz assemelhava-se a um suave trovão, acariciadora e dominante.

— Não virá de bom grado — disse Prothvar.

Saetan fixou o Senhor da Guerra demónio-morto. — Traz o Char à minha presença.

— Sim, Senhor Supremo.

O Senhor Supremo do Inferno estava calmamente sentado à lareira, os dedos finos encostados uns aos outros, as longas unhas de um preto brilhante. O anel de Jóia Negra na sua mão direita cintilava devido a um fogo interior.

O rapaz estava à sua frente, com os olhos no chão, esforçando-se por não se mostrar assustado.

Saetan observou-o com os olhos semicerrados. Já havia mil anos que Char era o líder das *cildru dyathe*. Tinha doze, talvez treze anos, quando alguém o tinha empalado e lhe tinha pegado fogo. A vontade de viver tinha sido mais forte do que o corpo, pelo que foi aos tropeções que passou um dos Portões indo parar ao Reino das Trevas. O corpo estava de tal forma queimado que era impossível dizer de que raça provinha. Não obstante, este rapaz demónio tinha reunido as outras crianças mutiladas e tinha criado um refúgio, a ilha das *cildru dyathe*.

Teria sido um excelente Senhor da Guerra, se lhe tivessem permitido atingir a maioria, reflectiu Saetan indolentemente.

Andulvar, Mephis e Prothvar estavam em pé, formando um semicírculo por detrás da cadeira de Char, impedindo qualquer forma de fuga.

— Quem cria as borboletas, Char? — perguntou Saetan, muito calmamente.

Os ventos que provêm do norte silvam sobre quilómetros de gelo, reunindo humidade enquanto rasgam o mar gelado e, ao tocarem por fim num homem, essa humidade gelada e cortante infiltra-se nos ossos e enregela-o

em lugares que o fogo mais quente não consegue aquecer. Saetan, quando se encontrava assim tão calmo, tão tranquilo, era como esses ventos.

— Quem cria as borboletas, Char? — repetiu.

Char fixava o chão, as mãos cerradas, a cara a contorcer-se com as emoções que grassavam dentro de si. — É nossa. — As palavras irromperam da sua boca. — Pertence-nos.

Saetan manteve-se calmo, embora gelado pela fúria que crescia em si. Até obter uma resposta, não havia tempo para gentilezas.

Char olhou-o também fixamente, aterrorizado mas disposto a resistir.

Todos os cidadãos do Inferno conheciam as subtis diferenças da morte – existia a morte e existia a *morte*. Todos os cidadãos do Inferno sabiam que a única pessoa que poderia obliterá-los com um pensamento era o Senhor Supremo. Ainda assim, Char desafiou-o abertamente e aguardou.

De repente, algo mais se encontrava na sala. Um toque suave. Uma pergunta que circulava num fio psíquico. Char baixou a cabeça, derrotado — Ela quer conhecê-lo.

— Então trá-la cá, Char.

Char endireitou os ombros. — Amanhã. Trago-a amanhã.

Saetan examinou o orgulho periclitante nos olhos do rapaz. — Muito bem, Senhor da Guerra, podes acompanhá-la aqui... amanhã.

4 / Inferno

Saetan folheava um antigo texto da Arte, em pé na estante de coro, as luzes das velas a espalharem uma incandescência suave à sua volta. Não se voltou quando soou uma leve pancada na porta do gabinete. Uma ágil sonda psíquica informou-o sobre quem era.

— Entre. — Continuou a folhear o livro, tentando refrear o seu génio antes de tratar daquele pequeno demónio insolente. Por fim, fechou o livro e virou-se.

Char estava de pé junto à porta, os ombros orgulhosamente para trás.

— A linguagem é curiosa, Senhor da Guerra — disse Saetan com uma indulgência enganadora. — Quando disseste ‘amanhã’ não esperava que se passassem cinco dias.

O medo rastejou até aos olhos de Char. Os seus ombros descaíram. Virou-se para a porta e o seu rosto foi invadido por uma estranha mistura de ternura, irritação e resignação.

A menina deslizou pela porta, centrando de imediato a atenção no quadro despojado de Dujae, *Descida aos Infernos*, pendurado por cima da lareira. Os olhos azul celeste passaram da grande secretária em madeira escura,

ignoraram Saetan educadamente, iluminaram-se quando viu as estantes de livros que iam do chão até ao tecto e que cobriam quase toda uma parede e detiveram-se no retrato de Cassandra.

Saetan apoiou-se na bengala de ponta prateada, lutando para manter o equilíbrio, ao mesmo tempo que sensações o esmagavam como uma forte ressaca. Esperava uma *cildru dyathe* dotada. Esta rapariga estava *viva!* Devido às competências exigidas na criação daquelas borboletas, esperava que estivesse mais perto da adolescência. Não poderia ter mais do que sete anos. Esperava inteligência. A expressão nos seus olhos era meiga e de raciocínio lento. O que é que estava uma criança viva a fazer no Inferno?

Nesse momento, virou-se e olhou para Saetan. Enquanto observava os olhos de tonalidades azul celeste alterarem-se para tonalidades de safira, a ressaca arrebatou-o.

Olhos vetustos. Olhos em turbilhão. Olhos perturbados, sábios, que *vêem*.

Um dedo gelado percorreu-lhe subtilmente a coluna no preciso momento em que foi invadido por um desejo ardente e perturbador. O instinto disse-lhe o que ela era. Demorou um pouco mais a encontrar a coragem para aceitar.

Não a filha do seu ventre, mas a filha da sua alma. Não somente uma feiticeira dotada, mas a Feiticeira.

Jaenelle baixou os olhos e afofou o cabelo louro aos canudos, aparentemente já sem a certeza de ser bem-vinda.

Reprimiu o desejo de lhe desfazer aqueles canudos ridículos.

— Sois o Sacerdote? — perguntou timidamente, entrelaçando os dedos.
— O Sacerdote Supremo da Ampulheta?

Uma sobrancelha negra ergueu-se ligeiramente e um débil e seco sorriso tocou os seus lábios. — Há muito tempo que ninguém me chama assim, mas é verdade, sou o Sacerdote. Sou Saetan Daemon SaDiablo. O Senhor Supremo do Inferno.

— Saetan — disse, como que a experimentar o nome. — Saetan. — Era uma doce carícia, uma carícia sensual e encantadora. — Fica-vos bem.

Saetan engoliu uma gargalhada. No passado, tinham sido despoletadas muitas reacções ao seu nome, mas nunca assim. Não, nunca assim. — E tu como te chamas?

— Jaenelle.

Aguardou que ela referisse um nome de família, mas tal não aconteceu. À medida que o silêncio se prolongava, a sala foi-se impregnando de uma prudência repentina, como se Jaenelle aguardasse algum tipo de armadilha. Com um sorriso e um encolher de ombros de indiferença para mostrar que não tinha importância, Saetan gesticulou em direcção às cadeiras junto à la-

reira. — Queres sentar-te e falar comigo, criança-feiticeira? A minha perna não me permite ficar em pé durante muito tempo.

Jaenelle dirigiu-se à cadeira que se encontrava mais perto da porta, com Char a segui-la de perto, possessivamente.

Os olhos dourados de Saetan cintilaram de aborrecimento. Fogo do Inferno! Tinha-se esquecido do rapaz. — Obrigado, Senhor da Guerra. Podes ir.

Char papagueou um protesto. Antes que Saetan pudesse responder, Jaenelle tocou no braço de Char. Não foram proferidas quaisquer palavras e Saetan não sentiu qualquer fio psíquico. O que quer que tivesse sido transmitido entre as duas crianças foi muito subtil e não havia dúvidas sobre quem dominava. Char fez uma vénia e deixou o gabinete, fechando a porta ao sair.

Assim que se instalaram junto à lareira, Jaenelle pregou Saetan à cadeira com os seus olhos azuis e intensos. — Podeis ensinar-me a Arte? A Cassandra disse que o faríeis se vos pedisse.

O mundo de Saetan desabou e foi reconstruído no tempo de um batimento de coração. Não permitiu que tal fosse visível no seu rosto. Haveria tempo mais tarde. — Ensinar-te a Arte? Não vejo porque não. Onde é que se encontra a Cassandra agora? Perdemos o contacto ao longo dos anos.

— No seu Altar. Em Terreille.

— Muito bem. Chega aqui, criança-feiticeira.

Jaenelle levantou-se obedientemente e colocou-se ao lado da cadeira de Saetan.

Saetan levantou uma mão, com os dedos dobrados para dentro, e acariciou suavemente a face de Jaenelle. De imediato, os seus olhos encheram-se de raiva e, dentro de Saetan, o Negro vibrou subitamente. Deteve-se nos olhos deixando que os dedos deslizassem lentamente pelo queixo, tocando levemente nos lábios, dando uma volta completa e regressando. Não tentou ocultar a curiosidade, o interesse ou o afecto que sentia pela maioria das fêmeas.

Por fim, juntou os dedos de ambas as mãos à sua frente e aguardou. Passado um momento, a vibração tinha desaparecido e controlava de novo os pensamentos. Ainda bem, pois não conseguia parar de pensar porque é que o facto de ser tocada a enraivecia daquela forma. — Prometo-te duas coisas — disse. — Em troca, quero que me prometas uma.

Jaenelle olhou-o desconfiada. — Prometer o quê?

— Prometo, pelas Jóias que uso e por tudo o que sou, que te ensinarei tudo aquilo que me pedires, consoante as minhas capacidades. Prometo também que nunca te mentirei.

Jaenelle reflectiu sobre estas palavras. — O que é que eu tenho de prometer?

— Que me manterás informado sobre qualquer lição de Arte que te seja transmitida por terceiros. A Arte requer dedicação para a aprender convenientemente e disciplina para lidar com as responsabilidades que tal poder acarreta. Quero uma garantia de que tudo o que venhas a aprender te seja transmitido correctamente. Compreendes, criança-feiticeira?

— Assim sendo, ireis ensinar-me?

— Tudo o que sei. — Saetan deixou-a reflectir. — Combinado?

— Combinado.

— Muito bem. Dá-me as tuas mãos. — Segurou aquelas pequenas mãos, de pele clara, nas suas mãos morenas. — Vou tocar-te a mente. — Novamente, a raiva. — Não te magoarei, criança-feiticeira.

Com todo o cuidado, Saetan aproximou-se com a sua própria mente até se encontrar perante as barreiras interiores de Jaenelle. Eram os escudos que protegiam os Sangue da sua própria espécie. Como anéis dentro de anéis, quanto mais barreiras são ultrapassadas, mais pessoal se torna a ligação mental. A primeira barreira protege os pensamentos do dia-a-dia. A última barreira protege o âmago do Eu, a essência de um ser, a teia interior.

Saetan aguardou. Apesar de desejar muito obter as respostas, não queria quebrá-la pela força. Neste momento, tudo dependia da confiança.

As barreiras tombaram e Saetan prosseguiu.

Não esquadrinhou os pensamentos nem desceu mais profundamente do que o necessário, apesar da curiosidade. Se o tivesse feito, teria sido uma traição ofensiva do código de honra dos Sangue. Além de que existia um vazio estranho e profundo na mente dela que o perturbava, uma neutralidade suave que, tinha certeza, escondia algo muito diferente. Depressa encontrou o que procurava – o fio psíquico que vibraria em concordância com um fio da mesma categoria, pelo qual tinha sido puxado, e que lhe daria as Jóias que Jaenelle usava ou que iria usar após a Cerimónia de Direito por Progenitura. Começou pela Branca, a categoria mais baixa e continuou, à espera de ouvir o zumbido de resposta.

Fogo do Inferno! Nada. Não esperava qualquer resposta até alcançar a Vermelha, mas a essa profundidade já esperaria algo. Teria de usar a Vermelha de Direito por Progenitura para que pudesse usar a Negra após realizar a Dádiva às Trevas. A Feiticeira sempre usou a Negra.

Sem pensar, Saetan puxou pelo fio Negro.

O zumbido surgiu.

Saetan largou-lhe as mãos, surpreendido pelas suas próprias não estarem a tremer. Engoliu em seco pois tinha o coração na boca. — Já te sujei-taste à Cerimónia de Direito por Progenitura?

Jaenelle esmoreceu.

Ergueu-lhe o queixo, com delicadeza. — Criança-feiticeira?

Os seus olhos azul-safira encheram-se de angústia. Uma lágrima escorreu-lhe pela face. — Não passei no t-teste. Isso significa que tenho de devolver as Jóias?

— Falhaste qual... Quais Jóias?

Jaenelle enfiou a mão nas pregas do vestido azul, retirando uma bolsa de veludo. Colocou-a em pé na mesa baixa ao lado da cadeira de Saetan com um sorriso orgulhoso embora choroso.

Saetan fechou os olhos, encostou a cabeça ao espaldar da cadeira e esperou sinceramente que a sala parasse de rodopiar. Não precisava de olhar para saber o que eram: doze Jóias em bruto. Branca, Amarela, Olho-de-Tigre, Rosa, Azul-Celeste, Violácea, Opala-Sangue, Verde, Azul-Safira, Vermelha, Cinzenta e Ébano-Acinzentada.

Não se sabia de onde as Jóias provinham. Se alguém estivesse destinado a usar uma Jóia, esta surgiria simplesmente no Altar após a Cerimónia de Direito por Progenitura ou após a Dádiva às Trevas. Mesmo na sua juventude, era raro alguém receber uma Jóia em bruto – uma Jóia que nunca tinha sido usada por nenhum Sangue. A sua Jóia Vermelha de Direito por Progenitura tinha sido uma Jóia em bruto. Quando lhe foi oferecida a Negra, também era em bruto. Mas receber um conjunto completo de Jóias em bruto...

Saetan inclinou-se para a frente e tocou com a ponta da unha na Jóia Amarela. Cintilou, o fogo no interior a adverti-lo para se afastar. Franziu o sobrolho, intrigado. A Jóia identificou-se como fêmea, estando ligada a uma feiticeira e não a um macho dos Sangue, mas dentro dela existia algo de masculino, ainda que débil.

Jaenelle limpou as lágrimas e fungou. — As Jóias mais claras são para praticar e para as coisas do dia-a-dia até estar pronta para embutir estas. — Apresentou outra bolsa de veludo.

A sala rodopiou em todas as direcções. As unhas de Saetan trespassaram os braços em couro da cadeira.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas!

Treze Jóias Negras em bruto, Jóias que já cintilavam com o fogo interior de uma ligação psíquica. Só o facto de uma criança ter estabelecido ligação a uma Jóia Negra sem que a sua mente tivesse sido arrastada para as suas profundezas já era bastante perturbador, mas a força interior necessária para estabelecer ligação e para manter *treze* delas...

Sentiu o medo a trepar-lhe pela coluna, a percorrer as veias.

Demasiado poder. Demasiado. Nem os Sangue estavam destinados a deter tal poder. Nem a Feiticeira tinha alguma vez controlado todo este poder.

A verdade é que esta controlava. Esta jovem Rainha. A filha da sua alma.

Com esforço, Saetan estabilizou a respiração. Poderia aceitá-la. Poderia amá-la. Ou poderia temê-la. Cabia-lhe a si a decisão e, o que quer que decidisse aqui e agora, seria uma decisão com a qual teria de viver.

As Jóias Negras iluminaram-se. A Jóia Negra do seu anel iluminou-se em resposta. O sangue latejou-lhe nas veias, provocando-lhe dores de cabeça. O poder nestas Jóias aliciava-o, exigindo reconhecimento.

Descobriu que, afinal, a decisão era fácil de tomar – na verdade, já a tinha tomado há muito, muito tempo.

— Onde obtiveste estas Jóias, criança-feiticeira? – perguntou com a voz enrouquecida.

Jaenelle encolheu os ombros. — Foi o Lorn.

— L-Lorn? — *Lorn?* Era um nome presente nas lendas mais antigas dos Sangue. Lorn era o último Príncipe dos Dragões, a raça fundadora que criou os Sangue. — Como... onde conheceste o Lorn?

Jaenelle recolheu-se ainda mais.

Saetan reprimiu o ímpeto de lhe retirar as respostas à força e suspirou dramaticamente. — Um segredo entre amigos?

Jaenelle anuiu com a cabeça.

Novo suspiro. — Nesse caso, faz de conta que nunca perguntei. — Bateu levemente com o dedo no nariz de Jaenelle. — O que quer dizer que não lhe poderás contar os *nossos* segredos.

Jaenelle olhou-o com os olhos bem abertos. — Temos algum?

— Para já não, — resmungou — mas vou inventar um para que passemos a ter.

Soltou uma gargalhada argentina, aveludada, um som extraordinário que deixava transparecer a voz que teria dentro de alguns anos. À semelhança do seu rosto, demasiado exótico e grosseiro para ela nesta altura, porém, doces Trevas, quando o rosto amadurecesse!

— Muito bem, criança-feiticeira, vamos ao que interessa. Guarda as Jóias. Não irás precisar delas por agora.

— Ao que interessa? — perguntou, juntando as Jóias e enfiando as bolsas nas pregas do vestido.

— A tua primeira lição nas bases da Arte.

Jaenelle esmoreceu e arrebiteou-se em simultâneo.

Saetan gesticulou com o dedo. Um pisa-papéis rectangular ergueu-se da secretária em madeira escura e deslizou pelo ar até se deter na mesa baixa. O pisa-papéis era uma pedra polida tirada da mesma pedreira das pedras que tinha usado na construção do Paço neste Reino.

Saetan posicionou Jaenelle em frente da mesa. — Quero que apontes um dedo para o pisa-papéis... assim... e que o desloques pela mesa até onde conseguires.

Jaenelle hesitou, humedeceu os lábios e apontou o dedo.

Saetan sentiu a vaga de poder em bruto transmitida pela Jóia Negra.

O pisa-papéis não se moveu.

— Volta a tentar, criança-feiticeira. Na outra direcção.

Voltou a sentir a vaga de poder, mas o pisa-papéis não se moveu.

Saetan coçou o queixo, confundido. Era Arte simples, algo que não deveria apresentar qualquer problema para ela.

Jaenelle esvaeceu. — Eu tento — disse, a voz abatida. — Eu tento e volto a tentar, mas nunca acerto.

Saetan abraçou-a, sentindo uma dor agriçoce no coração quando os braços de Jaenelle lhe rodearam o pescoço. — Não te preocupes, criança-feiticeira. A Arte leva tempo a aprender.

— Porque é que eu não consigo? Todos os meus amigos conseguem.

Relutante em deixá-la, Saetan forçou-se a si próprio a afastá-la. — Talvez tenhamos de começar por algo pessoal. Normalmente é mais fácil. Há alguma coisa com a qual tenhas dificuldades?

Jaenelle afofou o cabelo e franziu a testa. — Tenho sempre dificuldades em encontrar os meus sapatos.

— Serve. — Saetan alcançou a bengala. — Coloca um sapato em frente da secretária e depois vem para aqui.

Coxeou até ao lado mais distante da sala e ficou em pé, de costas para o quadro de Cassandra, sinistramente divertido por estar a dar a primeira aula da Arte à sua nova Rainha sob os olhos vigilantes mas desconhecedores da sua última Rainha.

Quando Jaenelle se juntou a ele, disse:

— Muito do trabalho da Arte requer a conversão da acção física em acção mental. Quero que imagines... a propósito, como *está* a tua imaginação? — Saetan vacilou. Porque é que se mostrava tão magoada? A sua intenção era gracejar um pouco uma vez que já tinha visto aquela borboleta. — Imagina-te a agarrar o sapato e a trazê-lo até aqui. Avança, apanha e trá-lo.

Jaenelle esticou o mais que pôde o braço, cerrou a mão e puxou.

Aconteceu tudo ao mesmo tempo.

As cadeiras em couro que se encontravam junto à lareira silvaram na sua direcção. Contra-atacou a Arte com a Arte, não tendo mais do que um momento para se sentir surpreendido por não ter resultado, antes de uma das cadeiras o derrubar. Caiu sobre a outra e só teve tempo de se enrolar sobre si mesmo antes da cadeira da secretária em madeira escura bater contra as costas daquela onde se encontrava, virando-se sobre esta e enjaulando-o. Ouviu os livros encadernados a carneira a zunirem pela sala como pássaros enlouquecidos antes de caírem no chão com um ruído surdo. Os sapatos

de Saetan pateavam freneticamente, tentando escapar dos seus pés. E, para além de tudo isto, Jaenelle bramava:

— Parem parem parem!

Segundos mais tarde, tudo ficou silencioso.

Jaenelle espreitou pelo espaço entre os braços das cadeiras. — Saetan? — disse, numa voz baixa e vacilante. — Saetan, estais bem?

Mediante a Arte, Saetan enviou a cadeira de cima de volta à secretária em madeira escura. — Estou bem, criança-feiticeira. — Enfiou os pés nos sapatos e ergueu-se com dificuldade. — Há muitos séculos que não vivia tal excitação.

— A sério?

Endireitou o casaco preto tipo túnica e alisou o cabelo. — Sim, a sério. — Sendo ou não o Guardiã, um homem da sua idade não *deveria* ter o coração a galopar daquela forma dentro da respectiva caixa torácica.

Saetan olhou à volta do gabinete e reprimiu um gemido. O livro que tinha estado na estante de coroa estava suspenso no ar, virado ao contrário. Os restantes livros formavam carreiros no chão do gabinete. Na verdade, o único objecto em couro que não tinha respondido ao chamamento era o sapato de Jaenelle.

— Desculpai, Saetan.

Saetan cerrou os dentes. — Leva tempo, criança-feiticeira. — Deixou-se cair na cadeira. Tanto poder em bruto e ainda tão vulnerável até ela aprender a usá-lo. Um pensamento percorreu-lhe a mente, fazendo-o arrepiar. — Mais alguém tem conhecimento das Jóias que Lorn te deu?

— Não. — A sua voz assemelhava-se a um murmúrio da noite. Medo e dor encheram os olhos cor de safira e algo mais, algo ainda mais forte do que aquelas sensações superficiais. Algo que o fez gelar até ao âmago.

Ficou ainda mais gelado pelo medo e pela dor presentes nos seus olhos.

Mesmo uma criança forte e poderosa dependia dos adultos à sua volta. Se a sua força o enervava *a ele*, como é que reagiria o seu povo, a sua família se descobrissem o que aquele pequeno invólucro albergava? Aceitariam a criança que já era a Rainha mais poderosa da história dos Sangue ou temeriam esse poder? E se temessem o poder, tentariam separá-los, quebrando-a?

Uma Noite da Virgem levada a cabo com uma habilidade maléfica poderia despojá-la do seu poder, deixando o resto intacto. Mas uma vez que a sua teia interior estava tão profundamente localizada no abismo, ela poderia recolher-se para o mais longe possível, permitindo-lhe suportar a violação física – a não ser que o macho tivesse a capacidade de descer assim tão profundamente pelo abismo de forma a colocá-la em perigo.

Existiria um macho assim tão forte, tão tenebroso, tão perverso?

Existia... um.

Saetan fechou os olhos. Podia mandar chamar Marjong, deixar o Carrasco fazer o necessário. Não, ainda não. Não para esse. Não o faria até existir uma razão para tal.

— Saetan?

Abriu os olhos relutantemente e observou, primeiro estupidificado e, de seguida, com um sentimento crescente de espanto, conforme Jaenelle arregaçava a manga e lhe oferecia o pulso.

— Não há necessidade de um pagamento de sangue — ripostou.

Não baixou o pulso. — Ficareis melhor.

Aqueles olhos vetustos causticavam-no, despiam-no por completo até ficar a tremer, desnudado à sua frente. Tentou recusar, mas as palavras não queriam sair. Podia sentir o sangue fresco, a força da vida a bombear através das veias de Jaenelle num ritmo antagónico ao do batimento do seu próprio coração.

— Não dessa forma — disse com a voz rouca, puxando-a para si. — Não comigo. — Com a delicadeza de um amante, desabotoou-lhe o vestido e com a unha fez uma incisão na pele sedosa do pescoço. O sangue fluiu, quente e doce. Cerrou a boca sobre a ferida.

O poder de Jaenelle ergueu-se debaixo dele como uma torrente lenta e negra, habilmente controlada, uma torrente que o arrastou, que o purificou e que o curou apesar da sua mente estremecer por se encontrar tão absorvida por outra tão poderosa e, ao mesmo tempo, tão dócil.

Contou os batimentos do coração de Jaenelle. Ao chegar aos cinco, ergueu a cabeça. Não lhe pareceu que estivesse chocada ou assustada, as emoções habituais sentidas pelos vivos ao serem solicitados a oferecer o sangue directamente das veias.

Jaenelle passou um dedo trémulo pelos lábios de Saetan. — Se tivésseis bebido mais, ficaríeis completamente curado?

Saetan invocou uma bacia de água morna e lavou o sangue da garganta de Jaenelle com um pano de linho quadrado e limpo. Não iria explicar a uma criança o que aqueles dois goles de sangue já lhe estavam a provocar. Ignorou a questão, na esperança de que Jaenelle não o pressionasse a responder e concentrou-se na Arte necessária à cura da ferida.

— Ficaríeis? — perguntou, mal o pano e a bacia desapareceram.

Saetan hesitou. Tinha dado a sua palavra em como não mentiria. — Seria mais benéfico que o processo de cura se fosse efectuando um pouco de cada vez. — Ao menos, isso era bem verdade. — Outra lição, amanhã?

Jaenelle desviou rapidamente o olhar.

Saetan ficou tenso. *Teria* ela ficado assustada pelo que tinha feito?

— Já... Já prometi a Morghann que a visitaria amanhã e a Gabrielle no dia a seguir.

O alívio provocou-lhe tonturas. — Então, daqui a três dias?

Jaenelle examinou-lhe o rosto. — Não vos importais? Não estais zangado?

Na verdade, importava-se, mas fazia parte da possessibilidade instintiva de um Príncipe dos Senhores da Guerra. Além disso, tinha muito que fazer antes de a voltar a ver. — Creio que os teus amigos não teriam uma boa opinião sobre o teu novo mentor se este te tomasse todo o tempo, não concordas?

Sorriu abertamente. — É provável. — O sorriso desapareceu. O olhar magoado regressou aos seus olhos. — Tenho de ir.

É verdade, tinha muito que fazer antes de voltar a vê-la.

Jaenelle abriu a porta e parou. — Acreditais em unicórnios?

Saetan sorriu. — Uma vez conheci-os, há muito tempo.

O sorriso de Jaenelle antes de desaparecer pelo corredor iluminou a sala, iluminou os recantos mais escuros do coração de Saetan.

— Fogo do Inferno! O que é que aconteceu, SaDiablo?

Saetan agitava o sapato abandonado de Jaenelle à frente de Andulvar, sorrindo friamente. — Uma lição de Arte.

— *O quê?*

— Conheci a criadora da borboleta.

Andulvar olhou espantado para a confusão. — Foi ela que fez isto? Porquê?

— Não foi intencional, apenas descontrolado. Ela não é *cildru dyathe*. É uma criança viva, uma Rainha e é a Feiticeira.

Andulvar ficou de boca aberta. — Feiticeira? Como Cassandra era Feiticeira?

Saetan abafou uma resmunguice. — Não como a Cassandra mas, sim, Feiticeira.

— Fogo do Inferno! Feiticeira. — Andulvar abanou a cabeça e sorriu.

Saetan fixou os olhos no sapato. — Andulvar, meu amigo, espero que ainda possuas toda a força sob o cinto da qual te gabavas, visto que estamos em grandes apuros.

— Porquê? — questionou Andulvar, desconfiado.

— Porque vais ajudar-me a treinar uma Feiticeira de sete anos que, neste momento, já dispõe de um poder em bruto capaz de nos transformar em pó e, no entanto, — deixou cair o sapato sobre a cadeira — é um desastre nas bases da Arte.

Mephis bateu rapidamente à porta e entrou no gabinete, tropeçando numa pilha de livros. — Um demónio acabou de me contar algo estranhíssimo.

Saetan ajeitou as pregas da capa e alcançou a bengala. — Sê breve, Mephis. Tenho um compromisso e já estou bastante atrasado.

— Disse que viu o Paço deslocar-se alguns centímetros. Todo o Paço. Passados alguns momentos, voltou ao lugar.

Saetan manteve-se em pé, imóvel. — Mais alguém viu?

— Acho que não, mas...

— Diz-lhe, pois, que mantenha a boca fechada caso não queira ficar sem a língua.

Saetan passou rapidamente por Mephis, deixando o gabinete que tinha sido o seu lar na última década, deixando para trás o seu preocupado filho demónio-morto.

CAPÍTULO DOIS

1 / Terreille

No crepúsculo outonal, Saetan observou o Santuário, um lugar esquecido e em desmoronamento, repleto de memórias e de pequenos bichos, o que lhe trazia alguma vida. Ainda assim, no interior deste lugar desfeito, encontrava-se um Altar das Trevas, um dos treze Portões que ligavam os Reinos de Terreille, de Kaeleer e do Inferno.

O Altar de Cassandra.

Encoberto por um escudo de visão e por um escudo psíquico Negro, Saetan coxeou pelas divisões exteriores desertas, roçando poças de água que ficaram após uma trovoadas vespertina. Um rato, à cata de comida entre as pedras caídas, não detectou a sua presença. A Feiticeira que habitava neste labirinto de divisões também não o iria pressentir. Apesar de ambos usarem Jóias Negras, a força de Saetan era um pouco mais obscura, um pouco mais profunda do que a dela.

Saetan deteve-se à porta de um quarto. As cobertas da cama pareciam relativamente novas bem como as pesadas cortinas corridas sobre as janelas. Eram necessárias para o descanso da Feiticeira durante as horas diurnas.

No início da meia-vida, os corpos dos Guardiões conservam a maior parte das capacidades dos vivos. Ingerem comida como os vivos, bebem sangue como os demónios-mortos e podem caminhar à luz do dia, embora prefiram o lusco-fusco e a noite. Com o passar dos séculos, a necessidade de alimentos diminui até já só precisarem de yarbarah, o vinho de sangue. A preferência pela escuridão torna-se uma obrigatoriedade uma vez que a luz do dia provoca dores físicas debilitantes.

Encontrou-a na cozinha, trauteando desafinadamente, a retirar um copo de vinho do armário. O vestido disforme, cor de lama, tinha laivos de sujidade. O longo cabelo entrançado, desvanecido num tom vermelho velho, estava coberto por teias de aranha. Ao virar-se de frente para a porta, ainda sem dar conta da presença de Saetan, o reflexo do lume suavizou a

maioria das rugas do seu rosto, as rugas que ele sabia existirem pois estavam no retrato pendurado no seu gabinete privado, o retrato que tão bem conhecia. Tinha envelhecido desde a morte que não foi morte.

Mas também ele tinha envelhecido.

Deixou cair o escudo de visão bem como o escudo psíquico.

O copo de vinho estilhaçou-se no chão.

— A praticar Arte caseira, Cassandra? — Perguntou calmamente, lutando para reprimir um sentimento avassalador de traição.

Afastou-se de Saetan. — Devia ter percebido que ela te diria.

— Sim, devias ter percebido. Também devias saber que eu viria. — Jogou a capa para cima de uma cadeira de madeira, sinistramente divertido pela forma como os olhos esmeralda de Cassandra se arregalaram ao perceber o quão pesadamente se apoiava na bengala. — Estou velho, Senhora. Completamente inofensivo.

— Nunca foste inofensivo — disse causticamente.

— É verdade, mas nunca te importaste com isso quando eu tinha uma serventia para ti. — Cassandra não respondeu e Saetan desviou o olhar. — Odiavas-me assim tanto?

Cassandra aproximou-se. — Nunca te odiei, Saetan. Eu... — *tinha medo de ti.*

As palavras pairaram entre eles, por proferir.

Cassandra fez desaparecer o copo de vinho partido. — És servido de um copo de vinho? Não tenho yarbarah, mas tenho um tinto aceitável.

Saetan acomodou-se numa cadeira junto à mesa em pinho. — Porque é que agora não bebes yarbarah?

Cassandra posou uma garrafa e dois copos de vinho na mesa. — Aqui é difícil de adquirir.

— Vou mandar-te algumas garrafas.

O primeiro copo de vinho foi bebido em silêncio.

— Porquê? — perguntou Saetan, por fim.

Cassandra brincava com o copo de vinho. — As Rainhas de Jóia Negra são raras e distantes no tempo. Quando eu me tornei Feiticeira não existia ninguém para me ajudar, ninguém com quem falar, ninguém que me auxiliasse na preparação para as alterações drásticas na minha vida após ter realizado a Dádiva. — Riu-se sem graça. — Não tinha ideia do que significava ser Feiticeira. Não queria que a minha sucessora passasse pelo mesmo.

— Podias ter-me contado que pretendias tornar-te uma Guardiã em vez de simulares a derradeira morte.

— E terias ficado como o Consorte leal e fiel de uma Rainha que já não necessitava de um?

Saetan voltou a encher os copos. — Poderia ter sido um amigo. Ou poderia ter-me dispensado da tua corte, se era isso que pretendias.

— Dispensar-te? *A ti?* Tu eras... és... Saetan, o Príncipe das Trevas, Senhor Supremo do Inferno. Ninguém te pode dispensar. Nem mesmo a Feiticeira.

Saetan olhou-a fixamente. — Maldita sejas — disse amargamente.

Cassandra, aborrecida, afastou uma madeixa de cabelo que lhe tinha caído sobre o rosto. — Está feito, Saetan. Foi há uma eternidade. Agora temos que pensar na criança.

Saetan observou o lume na lareira. Cassandra tinha direito à sua própria vida e com certeza não era responsável pela dele, todavia, não compreendia – ou não queria compreender – o significado que aquela amizade poderia ter tido para Saetan. Mesmo que nunca mais a voltasse a ver, o facto de saber da sua existência poderia ter preenchido algum do vazio. Teria Saetan desposado Hekatah se não se sentisse tão desesperadamente só?

Cassandra entrelaçou os dedos à volta do copo. — Viste-a?

Saetan pensou no seu gabinete e bufou. — Sim, vi-a.

— Vai tornar-se Feiticeira. Tenho a certeza.

— Vai tornar-se? — Os olhos dourados de Saetan semicerraram-se. — O que é que queres dizer com ‘vai tornar-se’? Estamos a falar da mesma criança, Jaenelle?

— Claro que estamos a falar de Jaenelle — ripostou Cassandra.

— Ela não ‘vai tornar-se’ Feiticeira, Cassandra. Ela já é Feiticeira.

Cassandra abanou a cabeça energicamente. — Não é possível. A Feiticeira usa sempre as Jóias Negras.

— Assim como a filha da minha alma — afirmou Saetan, com uma calma extrema.

Levou um momento até perceber. Quando percebeu, ergueu o copo de vinho com as mãos trémulas e esvaziou-o. — C...como é que tu...

— Mostrou-me as Jóias que lhe foram oferecidas. Um conjunto completo de Jóias ‘mais claras’ em bruto - e esta foi a primeira vez que ouvi alguém referir-se à Ébano-Acinzentada como uma Jóia clara — e de treze Negras em bruto.

O rosto de Cassandra ficou arroxeadado. Saetan esfregou-lhe as mãos geladas, preocupado pela comoção que vislumbrou nos seus olhos. Cassandra tinha sido a primeira a ver a criança na teia entrelaçada. Tinha sido ela que lhe tinha contado. Teria Cassandra somente visto a Feiticeira sem compreender o que estava para vir?

Saetan lançou um feitiço de aquecimento à sua capa, enrolando-a à volta de Cassandra. Seguidamente, aqueceu outro copo de vinho sobre uma

pequena labareda de fogo encantado . Quando os dentes de Cassandra deixaram de tiritar de frio, regressou à sua cadeira.

Os olhos esmeralda de Cassandra fizeram a pergunta que não conseguiu verbalizar.

— Lorn — disse calmamente. — Foi Lorn quem lhe deu as Jóias.

Cassandra estremeceu. — Mãe Noite. — Abanou a cabeça. — Não deveria ser assim, Saetan. Como iremos controlá-la?

A mão de Saetan fez um movimento súbito ao encher de novo o copo. O vinho espalhou-se pela mesa. — Não a controlamos. Nem sequer iremos tentar.

Cassandra bateu com a palma da mão na mesa. — É uma criança! Demasiado jovem para compreender tal poder e sem preparação emocional para aceitar as responsabilidades que esse poder acarreta. Nesta idade, está extremamente receptiva a influências.

Por pouco não lhe perguntou quais as influências que temia, mas o rosto de Hekatah surgiu-lhe repentinamente na mente. Encantadora, charmosa, intriguista, malvada Hekatah, que casou com Saetan apenas porque julgava que ele a tornaria, pelo menos, na Sacerdotisa Suprema de Terreille ou, provavelmente, na influência feminina dominante dos três Reinos. Quando se recusou a ceder aos seus desejos, Hekatah tentou por si própria, causando a guerra entre Terreille e Kaeleer, uma guerra que deixou Terreille devastado durante séculos e que foi a razão pela qual muitas das raças de Kaeleer tinham impedido o acesso de estranhos às suas terras, nunca mais se ouvindo falar nem se voltando a ver essas raças.

Se Hekatah deitasse as garras a Jaenelle e se moldasse a menina à sua imagem ávida e ambiciosa. . .

— Tens de a controlar, Saetan — afirmou Cassandra, observando-o.

Saetan abanou a cabeça. — Mesmo se estivesse disposto a isso, creio que não conseguiria. À volta dela existe uma névoa suave, uma bruma delicada, fria e obscura. Mesmo sendo tão jovem, creio que não iria gostar de descobrir o que jaz por detrás sem que ela me convidasse. — Incomodado pela forma como Cassandra continuava a fulminá-lo com o olhar, Saetan olhou à volta da cozinha e reparou num desenho primitivo pregado à parede. — Onde é que foste buscar aquilo?

— O quê? Oh, a Jaenelle deixou-o há alguns dias e pediu-me para o guardar. Parece que estava a brincar na casa de uma amiga e não quis levar o desenho para casa. — Ajeitou os cabelos rebeldes que teimavam em sair da trança. — Saetan, disseste que há uma suave névoa à sua volta. Ao redor de Beldon Mor também existe uma bruma.

Saetan franziu o sobrolho. Porque é que havia de se importar com o

tempo que fazia numa qualquer cidade? Aquele desenho continha uma resposta, se ele a conseguisse deslindar.

— Uma bruma psíquica — acrescentou Cassandra, batendo com os nós dos dedos na mesa, — que afasta demónios e Guardiões.

Saetan ficou repentinamente interessado. — Onde fica Beldon Mor?

— Em Chaillot. É uma ilha a oeste daqui. Podes vê-la na colina que fica por trás do Santuário. Beldon Mor é a capital. Creio que é aí que Jaenelle vive. Tentei encontrar uma forma de...

Tinha agora toda a atenção de Saetan. — Estás doida? — Passou os dedos pelo espesso cabelo negro. — Se ela se esforçou tanto para manter a privacidade, porque é que a estás a tentar invadir?

— Devido ao que ela é — disse Cassandra, entre dentes. — Julgava que seria óbvio.

— Não invadas a sua privacidade, Cassandra. Não lhe dê uma razão para não confiar em ti. E a razão para *tal* também deveria ser óbvia.

Passaram alguns minutos de silêncio tenso.

A atenção de Saetan voltou a centrar-se no desenho. Uma utilização criativa de cores vivas, mesmo que não conseguisse entender o que representavam. Como é que uma criança capaz de criar borboletas, de mover uma estrutura do tamanho do Paço e de construir um escudo psíquico que mantinha afastados somente seres de tipos específicos poderia ser tão inábil em Arte básica?

— É tosco — murmurou Saetan, à medida que os seus olhos se arregalavam.

Cassandra levantou os olhos, aborrecida. — É uma criança, Saetan. Não podes esperar que tenha o treino ou o controlo motor...

Guinchou quando Saetan lhe agarrou o braço. — É isso mesmo! Para Jaenelle, fazer algo que exija um consumo enorme de energia psíquica é como dar-lhe uma grande folha de papel e lápis de cor que ela possa agarrar. As pequenas coisas, o básico pelo qual habitualmente começamos visto não exigir tanta força, são como pedir-lhe que utilize um pincel de um único pêlo. Ainda não possui o controlo, físico ou mental, para as realizar. — Deixou-se cair na cadeira, exultante.

— Excelente — exclamou Cassandra, sarcasticamente. — Não consegue mover mobília num quarto mas consegue destruir um continente por completo.

— Nunca o fará. Não é essa a sua índole.

— Como podes ter a certeza? Como irás controlá-la?

Voltaram ao mesmo.

Saetan agarrou a capa e colocou-a sobre os ombros. — Não a vou controlar, Cassandra. Ela é a Feiticeira. Nenhum macho tem o direito de controlar a Feiticeira.

Cassandra examinou-o. — Assim sendo, o que irás fazer?

Saetan alcançou a bengala. — Amá-la. Terá de ser suficiente.

— E se não for?

— Terá de ser. — Deteve-se à porta da cozinha. — Posso visitar-te de vez em quando?

O sorriso de Cassandra não chegou bem aos olhos. — É o que os amigos fazem.

Deixou o Santuário extasiado e magoado. Tinha amado Cassandra de todo o coração, mas não tinha qualquer direito de lhe pedir o que quer que fosse, excepto o que o Protocolo estipulava que um Príncipe dos Senhores da Guerra podia pedir a uma Rainha.

Além do mais, Cassandra era o seu passado. Jaenelle, que as Trevas o ajudassem, era o seu futuro.

2 / Inferno

Saindo do Vento Negro, Saetan surgiu num pátio exterior onde existia uma das teias de desembarque oficial da Fortaleza, que estava gravada na pedra com uma Jóia clara ao centro. As Jóias mais claras serviam como faróis para quem caminhava nos Ventos – uma espécie de vela de boas-vindas na janela – e cada teia de desembarque tinha uma. Era a única utilização alguma vez encontrada para essas Jóias.

Apoiando-se na bengala, Saetan claudicou pelo pátio vazio até às enormes portas em aço embutidas na própria montanha, tocou a sineta e aguardou para entrar na Fortaleza, na Montanha Negra, Ebon Askavi, onde os Ventos se reúnem. Era aqui o arquivo da história dos Sangue bem como um santuário para os Sangue com as Jóias mais escuras. Era também o covil privado da Feiticeira.

As portas abriram-se, em silêncio. Geoffrey, o historiador/bibliotecário da Fortaleza, aguardava-o do outro lado. — Senhor Supremo. — Geoffrey fez uma pequena vénia como cumprimento.

Saetan devolveu a vénia. — Geoffrey.

— Há já muito tempo que não visitáveis a Fortaleza. A vossa ausência foi sentida.

Saetan bufou levemente, os lábios formaram um sorriso sarcástico e ligeiro. — Por outras palavras, não tenho sido necessário ultimamente.

— Por outras palavras — Geoffrey concordou, sorrindo. Caminhando ao lado de Saetan, os olhos negros de Geoffrey olharam de relance para a bengala. — Pois aqui estais.

— Preciso da tua ajuda. — Saetan olhou para o rosto pálido do Guardião,

de um branco puro e perturbador em combinação com os olhos pretos, as sobrancelhas pretas como uma penugem, o cabelo negro com uma crista de viúva vincada, a túnica e as calças pretas e os lábios vermelho sangue mais sensuais que Saetan alguma vez vira, quer fosse em homem ou em mulher. Geoffrey era o último da sua raça, uma raça desaparecida há tanto tempo que já ninguém se lembrava quem eram. Já era muito velho quando Saetan chegou à Fortaleza como Consorte de Cassandra. Nessa altura, tal como agora, já era o historiador e o bibliotecário da Fortaleza. — Preciso de pesquisar algumas das lendas antigas.

— Lorn, por exemplo?

Saetan parou bruscamente.

Geoffrey virou-se, os olhos pretos cautelosamente neutros.

— Viste-a — disse Saetan, uma ponta de ciúmes na voz.

— Vimo-la.

— Draca também? — Saetan sentiu um aperto no peito ao imaginar Jaenelle a enfrentar a Senescal da Fortaleza. Draca já era vigilante e supervisora de Ebon Askavi muito, muito antes de Geoffrey chegar. Ainda era ela que servia a Fortaleza, era ela quem se encarregava de garantir o conforto dos eruditos que aqui vinham estudar, das Rainhas que procuravam um lugar obscuro para repousar. Era de tal forma reservada que se tornava insensível, usando essa insensibilidade como defesa contra aqueles que se arrepiavam ao se depararem com uma figura humana com uma ascendência réptil inequívoca. A insensibilidade como defesa do coração era algo que Saetan compreendia demasiadamente bem.

— São grandes amigas — disse Geoffrey ao caminharem pelos corredores sinuosos. — Draca ofereceu-lhe um quarto de hóspedes até os aposentos da Rainha estarem prontos. — Abriu a porta da biblioteca. — Saetan, ireis ensiná-la, não ireis?

Detectando algo de estranho na voz de Geoffrey, Saetan voltou-se com muita da sua antiga graciosidade. — Opões-te? — Reprimiu de imediato a rispidez na sua voz ao ver a inquietação nos olhos de Geoffrey.

— Não — Geoffrey sussurrou, — não me oponho. Estou... aliviado. — Indicou os livros ordenadamente empilhados numa das extremidades da mesa em madeira escura. — Retirei aqueles, antecipando a vossa visita, mas existem outros volumes, alguns são textos muito antigos, que retirarei da próxima vez. Julgo que ireis necessitar deles.

Saetan acomodou-se numa cadeira em couro junto à mesa em madeira escura e aceitou com gratidão o copo de yarbarah que Geoffrey lhe ofereceu. Doía-lhe a perna. Não estava em condições de andar tanto.

Retirou o primeiro livro da pilha e abriu-o na página onde se encontrava o primeiro marcador. Lorn. — Antecipaste, realmente.

Geoffrey sentou-se na extremidade oposta da mesa e começou a examinar outros livros. — Algumas coisas. Nem tudo, certamente. — Trocaram um olhar. — Algo mais que possa verificar por vós?

Saetan engoliu o yarbarah de um só gole. — Sim. Preciso de informações sobre duas feiticeiras chamadas Morghann e Gabrielle. — Começou a ler a entrada respeitante a Lorn.

— Se usam Jóias, estão no registo da Fortaleza.

— Posso dizer com segurança que as encontrarás nas categorias mais escuras — disse Saetan, sem levantar os olhos.

Geoffrey afastou a cadeira. — Em que Territórios?

— Hã? Não faça a mínima ideia. Jaenelle é de Chaillot, por isso começa pelos Territórios em redor, onde esses nomes sejam usuais.

— Saetan — disse Geoffrey com um humor incomodado, — às vezes sois tão útil como um balde com um furo no fundo. Não me podeis indicar algo mais por onde possa começar?

Desviado da terceira tentativa de ler o mesmo parágrafo, Saetan respondeu secamente — Entre os seis e os oitos anos. Agora vais deixar-me ler?

Geoffrey redarguiu num idioma que Saetan não compreendia, mas não era necessária tradução. — Tenho de verificar o registo da Fortaleza de Terreille, pelo que vai levar algum tempo, mesmo que a vossa informação esteja vagamente correcta. Servi-vos de mais yarbarah.

As horas passaram rapidamente. Saetan leu a última entrada que Geoffrey tinha assinalado, fechou o livro com cuidado e esfregou os olhos. Quando levantou os olhos, deu com Geoffrey a examiná-lo. Nos olhos pretos do bibliotecário havia um olhar estranho. Na mesa, encontravam-se dois registos.

Saetan apoiou o queixo nos dedos unidos. — E então?

— Acertastes nos nomes e nas idades — disse Geoffrey suavemente.

O dedo gelado deslizou como um murmúrio ao longo da coluna de Saetan. — E isso quer dizer o quê?

Devagar, quase contra vontade, Geoffrey abriu o primeiro livro no marcador da página. — Morghann. Uma Rainha que usa Violácea de Direito por Progenitura. Tem quase sete anos. Vive no burgo de Maghre na Ilha de Scelt, no Reino de Kaeleer.

— *Kaeleer!* — Saetan tentou erguer-se de um pulo. A perna cedeu de imediato. — Pelos Infernos, como é que ela chegou ao Reino das Sombras?

— Provavelmente da mesma forma que chegou ao Reino das Trevas. — Geoffrey abriu o segundo registo, hesitando. — Saetan, ireis ensiná-la bem, não ireis? — Não esperou pela resposta. — Gabrielle. Uma Rainha que usa Opala de Direito por Progenitura. Sete anos. Fortes possibilidades de ser uma Viúva Negra natural. Vive no Reino de Kaeleer, no Território dos Dea al Mon.

Saetan repousou a cabeça nos braços e gemeu. As Crianças da Floresta. Tinha estado com as Crianças da Floresta, a raça mais feroz e mais isolada alguma vez gerada em Kaeleer. — Não é possível — disse, esticando os braços na mesa. — Enganaste-te.

— Não me enganei, Saetan.

— Ela vive em Terreille, não em Kaeleer. Enganaste-te.

— Não me enganei.

Descendo pela coluna, sentiu um murmúrio gelado que lhe congelou os nervos, transformando-se numa adaga fria no estômago. — Não é possível — repetiu Saetan, espaçando as palavras. — Os Dea al Mon jamais permitiram a entrada de alguém no seu Território.

— Pois parece que abriram uma exceção.

Saetan abanou a cabeça. — Não é possível.

— Também não o é encontrar-se com Lorn — retorquiu Geoffrey bruscamente. — Também não o é caminhar impunemente por todos os cantos do Inferno. Sim, sabemos disso. Da última vez que nos visitou, o Char acompanhou-a.

— O cabrãozinho — resmoneou Saetan.

— Pedistes-me que encontrasse Morghann e Gabrielle. Encontrei-as. E agora o que ireis fazer?

Saetan fixou o olhar no tecto alto. — O que é que queres que faça, Geoffrey? Retiramo-la da própria casa? Confinamo-la na Fortaleza até atingir a maioridade? — Soltou uma risada forçada. — Como se pudéssemos. A única forma de a confinar seria convencê-la de que não poderia sair, embrutecer-lhe os instintos até já não ter a certeza de nada. Queres ser o canalha responsável por esse esquitejamento emocional? Pois eu não o farei. Pelas Trevas, Geoffrey, o mito vivo chegou e é este o preço exigido para que ela caminhe entre nós.

Geoffrey fechou os registos com cuidado. — Tendes razão, claro, mas... não há nada que possais fazer?

Saetan fechou os olhos. — Ensiná-la-ei. Servi-la-ei. Amá-la-ei. Terá de ser suficiente.

3 / Terreille

Surreal bamboleou-se pela porta da frente da casa da Lua Vermelha de Deje em Beldon Mor, lançou um sorriso ao porteiro de casaco vermelho acastanhado e prosseguiu pela entrada em mármore, coberta de plantas, até alcançar a recepção. Aí, tocou a sineta em bronze que se encontrava no balcão as vezes suficientes para irritar o mais dócil dos temperamentos.

Uma porta com a indicação “Privado” abriu-se repentinamente, surgindo à pressa uma senhora voluptuosa de meia-idade. Ao ver Surreal, o olhar carrancudo desapareceu e os olhos arregalaram-se numa surpresa maravilhada.

— Voltaste, finalmente. — Deje retirou de baixo do balcão uma pilha espessa de pequenos papéis, acenando-os a Surreal. — Pedidos. Todos dispostos a pagar o preço que pediste – e sabemos bem a ladra que és – e todos pretendem uma noite inteira.

Sem lhes pegar, Surreal folheou a pilha de papéis com a ponta do dedo. — Se fosse atendê-los a todos, ficaria aqui durante meses.

Deje inclinou a cabeça. — Seria assim tão mau?

Surreal riu-se, mas os seus olhos verde-dourados deixavam transparecer algo de astuto e de predador. — Nunca conseguiria o valor que peço se os meus — abanou os dedos em direcção aos papéis — amigos julgassem que estaria sempre por aqui. Também iria reduzir a tua margem de lucro.

— Lá isso é verdade — disse Deje, rindo.

— Além disso, — continuou Surreal, metendo o cabelo negro atrás das orelhas delicadamente pontiagudas, — só ficarei aqui algumas semanas e não quero ter uma agenda sobrecarregada. Trabalharei os dias suficientes para pagar o quarto e a alimentação e passarei os dias restantes a ver as vistas.

— Quantos tectos é que queres ver? São as vistas que tens neste ramo.

— Ora, Deje! — Surreal abanou-se com a mão. — Não é, de forma alguma, verdade. Por vezes também vejo os motivos dos lençóis de seda.

— Também podes ir montar a cavalo. — Deje voltou a por os papéis debaixo do balcão. — Ouvi dizer que há carreiros muito agradáveis mesmo à saída da cidade.

— Não, obrigada. Quando tiver terminado, não estarei interessada em montar mais nada. Queres que comece hoje à noite?

Deje afagou o cabelo escuro e muito bem arranjado. — De certeza que alguém que fez uma reserva para hoje estará à altura.

Riram-se uma para a outra.

Deje chamou a si uma pasta fina em pele e retirou um pergaminho de aspecto caro. — Hmm. Casa cheia. E haverá sempre um ou dois que aparecem convencidos de que são demasiado importantes para necessitarem de reserva.

Surreal apoiou os cotovelos no balcão, o rosto entre as mãos. — O teu *chef* é excelente. Provavelmente só cá vêm pelo jantar.

Deje sorriu maliciosamente. — Tentarei saciar todos os tipos de apetites.

— E se a especialidade acabar, as entradas principais também são saborosas.

Deje riu-se, fazendo tremer o peito que ameaçava saltar para fora do vestido reduzido. — Bem dito. Olha. — Indicou um nome na lista. — Lembro-me de dizeres que não te importas de estar com ele. Deve estar esfomeado, mas aprecia as entradas assim como o prato principal.

Surreal concordou, acenando a cabeça. — Sim, serve perfeitamente. Um dos quartos do jardim?

— Claro. Fiz umas pequenas remodelações desde a última vez que cá estiveste. Creio que irás gostar. Aprecias verdadeiramente estas questões. — Deje retirou uma chave de um dos pequenos cubos na parede por detrás do balcão. — Este é adequado.

Surreal guardou a chave na mão. — Creio que vou jantar no quarto. Há aqui alguma ementa? Ainda bem. Vou fazer já o pedido.

— Como é que te consegues lembrar das preferências e das aversões de todos, especialmente sendo de tantos sítios e com tantos costumes diferentes?

Surreal fingiu estar ofendida. — Deje. Costumavas andar pelos quartos antes de te tornares ambiciosa. Sabes perfeitamente que é para isso que servem os livrinhos pretos.

Deje enxotou Surreal do balcão. — Vai lá. Tenho trabalho a fazer e tu também.

Surreal caminhou ao longo do amplo corredor, os olhos perspicazes abrangendo os quartos de ambos os lados. Era verdade. Deje era ambiciosa. Tendo começado por um pacotes de ofertas de clientes satisfeitos, comprou uma mansão e transformou-a na melhor casa da Lua Vermelha do Concelho. E, contrariamente às outras casas, aqui um homem podia descobrir mais do que um corpo quente na cama. Tinha uma pequena sala de jantar recatada que servia iguarias toda a noite; uma sala de recepções na qual aqueles com temperamento artístico ganharam o hábito de se reunir para debater entre eles enquanto petiscavam e bebericavam bom vinho; uma sala de bilhar, na qual os politicamente ambiciosos se reuniam para planear a próxima jogada; uma biblioteca repleta de bons livros e grandes cadeiras de couro; quartos privados, nos quais um homem podia refugiar-se da sua vida diária e ser servido, o que podia significar apenas um bom jantar, uma massagem dada por especialistas e paz e sossego; e, finalmente, os quartos e as mulheres que podiam satisfazer os apetites carnisais.

Surreal encontrou o quarto, trancou a porta e olhou vagarosamente à volta, acenando a cabeça em aprovação. Tapetes grossos e macios; paredes brancas com aquarelas de bom gosto; mobília escura; uma cama de dossel de grandes dimensões, envolvida por um tecido muito leve; esferas de música e o suporte em bronze ornamentado que as continha; portas deslizantes em vidro que davam para um jardim murado e privado que tinha uma

pequena fonte e delicados salgueiros bem como uma variedade de flores que desabrocham à noite e uma casa de banho com um chuveiro e uma banheira encastrada posicionada em frente à janela com vista para o jardim.

— Muito bom, Deje — exprimiu Surreal serenamente. — Mesmo muito bom.

Instalou-se rapidamente, invocando as roupas de trabalho e pendurando-as cuidadosamente no guarda-fatos. Nunca andava com muita roupa, só o suficiente para satisfazer os diversos apetites em qualquer que fosse o Território onde se encontrasse. A maior parte dos seus haveres estava espalhada numa dúzia de esconderijos por todo o Reino de Terreille.

Surreal reprimiu um arrepio. Era melhor não pensar nesses esconderijos. Com certeza que seria muito melhor não matutar *nele*.

Abriu as portas de vidro para poder ouvir a fonte e instalou-se numa cadeira, sentando-se sobre as pernas. Surgiram dois livros pretos em pele, ficando a pairar à sua frente. Agarrou num deles, folheou as páginas até à última que se encontrava escrita, invocou uma caneta e escreveu uma nota.

Esse contrato estava terminado. O tolo não demorou muito a morrer, ao contrário do que Surreal desejaria, mas a dor tinha sido intensa. E o pagamento tinha sido muitíssimo bom.

Fez o livro desaparecer e abriu o outro, verificou a entrada de que necessitava, anotou a ementa que pretendia e, com um movimento rápido do pulso, enviou-o para a cozinha. Após fazer desaparecer o segundo livro, levantou-se e espreguiçou-se. Mais um rápido movimento do pulso e logo sentiu o peso familiar do cabo da faca, experimentando um conforto que brilhava na lâmina fina e aguçada. Virando o pulso para o outro lado, fez a faca desaparecer e bateu com as mãos uma na outra. Um só era o suficiente para hoje à noite. Nunca lhe causou qualquer problema. Além do mais – sorriu ao lembrar-se –, tinha sido ela que o tinha ensinado, há quanto tempo? Doze, catorze anos?

Tomou um duche rápido, arranjou o longo cabelo negro de forma a soltá-lo facilmente, maquilhou-se e vestiu um fino vestido dourado esverdeado que ocultava tanto quanto desvendava. Por fim, cerrando os dentes face ao inevitável, dirigiu-se ao espelho de pé e observou o rosto, o corpo que tinha odiado toda a vida.

O rosto era delicadamente esculpido com as maçãs do rosto salientes, um nariz fino e olhos dourado-esverdeados, um pouco grandes demais, que tudo viam e nada revelavam. O corpo esbelto e elegante parecia ilusoriamente delicado mas possuía músculos fortes que Surreal tinha trabalhado ao longo dos anos, garantindo estar sempre em plena forma para a profissão que elegera. Porém, era a pele beijada pelo sol, morena clara que a

fazia resmungar. Pele haylliana. A pele do seu pai. Poderia passar facilmente por haylliana se usasse o cabelo solto e óculos escuros para ocultar a cor dos olhos. Os olhos caracterizavam-na como mestiça. As orelhas que formavam uma delicada ponta em bico... essas eram as orelhas de Titian.

Titian, que descendia de uma raça que Surreal nunca tinha encontrado nas suas viagens por Terreille. Titian, que tinha sido quebrada pela espada de Kartane SaDiablo. Titian, que tinha escapado e se tinha prostituído como forma de se sustentar para que Kartane não a pudesse encontrar e destruir a criança que carregava. Titian, que foi encontrada um dia com a garganta cortada e foi enterrada numa campa sem identificação.

Todos os assassínios, todos aqueles homens que iam ao encontro da própria morte planeada, eram ensaios gerais para o parricídio. Um dia, iria encontrar Kartane no sítio certo, na altura certa e iria vingar Titian.

Surreal virou-se de costas para o espelho e esforçou-se por colocar as memórias de lado. Ao ouvir um leve batimento na porta, colocou-se no centro do quarto para que fosse a primeira visão de que o seu convidado fruisse ao entrar. E, ao vê-lo, planearia o serão em consonância.

Mediante a Arte, abriu a porta antes do convidado girar a maçaneta, deixando as gavinhas de sedução emanarem como um perfume exótico. Abriu os braços e sorriu ao mesmo tempo que a porta se trancava por detrás dele.

Dirigiu-se a Surreal apressadamente, transbordando carência, a Jóia Cinzenta ao pescoço em chamas. Deteve-o colocando-lhe as mãos no peito e acariciou-o suavemente. Com uma respiração ofegante, o convidado cerava e abria as mãos sem lhe tocar.

Satisfeita, Surreal deslizou até à pequena mesa junto às portas envidraçadas e enviou um pensamento para a cozinha. Pouco depois, surgiram dois copos gelados e uma garrafa de vinho. Serviu o vinho, ofereceu-lhe um copo e levantou o dela numa saudação. — Philip.

— Surreal. — A voz soou enrouquecida, dolorida.

Surreal bebericou o vinho. — O vinho não é do teu agrado?

Philip bebeu metade do copo de um só gole.

Surreal ocultou o sorriso. Quem é que ele desejaria realmente e não podia possuir? Quem é que fingiria que ela era quando fechava as cortinas e desligava todas as luzes para poder satisfazer a luxúria agarrando-se às ilusões?

Surreal continuou a refeição vagarosamente, deixando que Philip a consumisse com os olhos ao mesmo tempo que bebia o vinho e saboreava os acepipes. Como sempre, falava com ela de um modo obscuro e labiríntico, dizendo mais do que se apercebia ou do que pretendia.

Philip Alexander, Príncipe de Jóia Cinzenta. Um homem honesto com

cabelo amarelo-avermelhado e olhos cinzentos honestos e inquietos. Meio-irmão de Robert Benedict, um recente jogador político desde que se tinha ligado a Hayll, a... Kartane. Robert usava apenas a Amarela, e mesmo assim conseguida com dificuldade, contudo, era o filho legítimo, com direito aos bens e à fortuna do pai. Philip, dois anos mais novo e nunca reconhecido formalmente, tinha sido criado como um acessório de Robert. Cansado de desempenhar o papel de bastardo agradecido, rompeu com a família tornando-se acompanhante/consorte de Alexandra Angelline, a Rainha de Chaillot.

Um envenenamento cultural subtil levado a cabo durante duas gerações tinha permitido que os machos dos Sangue de Chaillot distorcessem o domínio patriarcal tornando-o algo contranatura, tendo arrancado o controlo do Território às Rainhas, o que tornava Alexandra não mais do que uma testa-de-ferro, embora fosse ainda a Rainha de Chaillot e usasse uma Jóia Opala. Um pouco estranho. Bem, invulgar. Corria o burburinho de que ainda mantinha contacto com as assembleias da Ampulheta, pese embora as Viúvas Negras tivessem sido banidas pelos machos dos Sangue no poder. Tinha uma filha, Leland, que era a esposa de Robert Benedict.

Viviam todos juntos na propriedade dos Angelline em Beldon Mor.

Encenou o jantar enquanto pôde antes de passar a jogada para a cama. Um Príncipe de Jóia Cinzenta privado de prazer há muito poderia ser um companheiro involuntariamente rude, mas tal não a preocupava. Surreal também usava a Cinzenta, mas nunca neste trabalho. Usava sempre a Verde de Direito por Progenitura ou nem sequer usava qualquer Jóia, permitindo que os clientes sentissem que tinham o controlo. Ainda assim, hoje Philip não se importava de uma abordagem um pouco grosseira, sendo um dos poucos homens que conhecia na sua segunda profissão que realmente pretendiam oferecer, bem como receber, prazer.

Sim, Philip era uma boa forma de começar esta estadia.

Surreal diminuiu as chamas das velas, obscurecendo o quarto. Agora Philip não estava apressado. Tocava, apreciava, saboreava. E Surreal, orientando com subtilidade, deixou-o fazer o que tinha vindo fazer.

* * *

Já era madrugada quando Philip se vestiu e se despediu, beijando-a.

Surreal fixou o olhar no dossel em escumilha. Valeu o que pagou e ainda mais. E tinha sido uma agradável distração das memórias que ultimamente a assolavam, que eram a razão pela qual tinha vindo a Chaillot. Memórias de Titian, de Tersa... do Sádico.

Surreal tinha dez anos quando, uma tarde, Titian trouxe Tersa para casa, aconchegando a desmazelada feiticeira na sua própria cama. Nos escassos dias que a Viúva Negra enlouquecida passou com elas, Titian passou horas a ouvir a linguagem incompreensível de Tersa intervalada por estranhos gracejos e provérbios enigmáticos.

Uma semana após Tersa ter partido, regressou com o homem mais belo e mais insensível que Surreal alguma vez tinha visto. O primeiro Príncipe dos Senhores da Guerra que alguma vez tinha conhecido. Nada disse, permitindo que Tersa tagarelasse enquanto observava Titian, enquanto cauterizava com o olhar a criança que tremia ao lado da sua mãe.

Por fim, Tersa parou de falar e puxou a manga do homem. — A criança é Sangue e devia aprender a Arte. Tem o direito de usar as Jóias se for suficientemente forte. Por favor, Daemon.

Os olhos dourados de Daemon semicerraram-se ao chegar a uma decisão. De uma carteira que se encontrava no bolso interior do casaco, retirou várias notas de cem marcos, colocando-as com cuidado na mesa. Invocou uma folha de papel e uma caneta, escreveu algumas palavras e colocou o papel e uma chave sobre as notas.

— O sítio não é fino mas é quentinho e limpo. — A voz profunda e sedutora transmitiu um delicioso arrepio a Surreal. — É apenas a alguns quarteirões daqui, num bairro onde ninguém faz perguntas. Estão aí os nomes de dois possíveis tutores para a rapariga. São bons homens que não cairam nas boas graças dos que detêm o poder. Podem fazer uso da habitação pelo tempo que quiserem.

— Qual é o preço? — Sentia-se o gelo na voz suave de Titian.

— Que não neguem a Tersa o acesso ao local sempre que ela se encontrar nesta parte do Reino. Não farei uso da habitação enquanto lá estiverem, porém, Tersa terá de poder usar o refúgio que adquiri para ela.

Assim ficou combinado e, alguns dias mais tarde, Surreal e Titian já estavam no primeiro lugar decente que a rapariga alguma vez conhecera. O senhorio, transparecendo um ligeiro tremor de medo na voz, informou-as de que a renda estava paga. As notas de cem marcos destinaram-se a comida e roupas quentes e Titian ficou grata por nunca mais ter de permitir que um homem atravessasse a sua soleira.

Na Primavera seguinte, quando Surreal fazia os primeiros progressos com os seus tutores, Tersa regressou e levou Surreal ao Santuário mais próximo para a Cerimónia de Direito por Progenitura. Surreal voltou, exibindo com orgulho uma Verde em bruto. Com lágrimas nos olhos, Titian envolveu a Jóia zelosamente num tecido macio e guardou-a numa caixa em madeira com estranhos entalhes.

— Uma Jóia em bruto é rara, Irmãzinha — Titian disse, retirando algo

da caixa. — Aguarda até saberes quem és antes de a embutires. Nessa altura, será mais do que um recipiente para o poder que o teu corpo não consegue reter, será uma afirmação do que és. Entretanto — enfiou uma corrente em prata pela cabeça de Surreal —, esta ajudar-te-á a começar. Foi minha, em tempos. Tu não és uma criança da lua, o ouro está mais de acordo contigo. Contudo, é o primeiro passo de uma longa caminhada.

Surreal observou a Jóia Verde. A armação em prata estava cinzelada com a forma de dois veados que se dobravam ao redor da Jóia, os chifres entrelaçados no topo, ocultando o anel no qual a corrente fechava. Enquanto estudava a Jóia, o sangue cantou-lhe nas veias, um chamamento débil que não conseguia localizar.

Titian observou-a. — Se alguma vez encontrares o meu povo, irão reconhecer-te por essa Jóia.

— Porque é que não os podemos ir ver?

Titian abanou a cabeça e afastou-se.

Aqueles dois anos foram bons para Surreal. Passava os dias com os tutores, um deles ensinava-lhe a Arte, enquanto o outro lhe transmitia todas as disciplinas básicas de uma educação geral. À noite, Titian ensinava-lhe coisas diferentes. Mesmo quebrada, Titian era hábil com a faca e sentia-se nela uma crescente inquietação, como se aguardasse algo que a tornava inflexível na instrução e nos exercícios.

Um dia, tinha Surreal doze anos, ao regressar a casa encontrou a porta da habitação entreaberta; Titian jazia no quarto da frente com a garganta cortada, o punhal com cabo de chifre próximo dela. As paredes palpitavam de violência e raiva... e avisavam para que corresse, corresse, corresse.

Surreal hesitou um momento antes de correr para o quarto de Titian e remover do respectivo esconderijo a caixa entalhada com a Jóia que lhe pertencia. De um tropeção súbito, apanhou rapidamente o punhal do chão e fê-lo desaparecer, bem como à caixa, tal como tinha sido instruída. Foi então que desatou a correr, deixando Titian, e quem quer que as andasse a perseguir, para trás.

Titian tinha completado há pouco vinte e cinco anos.

Menos de uma semana após a morte da mãe, Surreal foi atravessada por uma lança pela primeira vez. Lutando sem esperança, viu-se a si própria a cair por um longo e obscuro túnel, o seu fio no abismo. Ao nível da Verde encontrava-se uma teia reluzente que se estendia ao longo do túnel. À medida que caía nessa direcção, sem controlo, à medida que a dor de ser penetrada inundava as paredes de vermelho, Surreal recordou-se de Tersa, recordou-se de Titian. Caso alcançasse a sua teia interior estando descontrolada, despedaçá-la-ia e regressaria ao mundo real como uma sombra de si, para sempre consciente e em constante sofrimento pela perda da Arte e do que poderia ter sido.

A recordação de Titian deu-lhe a força interior para lutar contra as estocadas que pareciam não ter fim, cada golpe impelindo-a para mais próximo da teia interior. Aguentou-se, lutando com todo o coração. Quando os golpes pararam... quando finalmente acabou... Surreal estava praticamente a um palmo da destruição.

A sua mente aninhou-se aí, exausta. Quando o homem saiu, forçou-se a ascender. A dor física era horrenda e os lençóis estavam ensopados com o seu próprio sangue, no entanto, estava intacta da maneira mais importante. Ainda usava as Jóias. Ainda era uma feiticeira.

No espaço de um mês, matou pela primeira vez.

Era como todos os outros, levou-a para um quarto hediondo, utilizou o seu corpo e pagou-lhe com um marco de cobre que mal lhe daria para comprar a comida suficiente para o dia seguinte. O ódio pelos homens que a usavam, e o de Titian antes dela, transformou-se em gelo. Assim, quando os impulsos se tornaram mais intensos, quando arqueou as costas e o peito se ergueu à sua frente, Surreal invocou o punhal de cabo de chifre e apunhalou-o no coração. A força de vida do homem foi bombeada para ela ao mesmo tempo que o sangue da vida se derramava.

Mediante a Arte, Surreal empurrou o corpo pesado de cima dela. Este não lhe iria bater ou recusar-se a pagar. Era entusiasmante.

Durante três anos deambulou pelas ruas, o corpo de criança e o aspecto invulgar como um chamariz para os mais sórdidos. No entanto, a sua destreza com a faca não era desconhecida e era do conhecimento geral nas ruas de que um homem sensato pagaria adiantado a Surreal.

Três anos. Até que um dia, quando tentava passar por um beco que já tinha sondado para se certificar de que estava vazio, sentiu alguém por detrás de si. Rodopiou sobre si própria, o punhal na mão, ficando a olhar espantada para Daemon Sadi que se encontrava encostado à parede, a observá-la. Sem pensar, desatou a correr pelo beco para fugir dele e esbarrou contra um escudo psíquico que a reteve até que a mão de Daemon lhe prendeu o pulso. Nada disse. Simplesmente, apanhou os Ventos, puxando-a com ele. Nunca tendo viajado numa dessas Teias psíquicas, Surreal agarrou-se a Daemon, desorientada.

Uma hora mais tarde, estava sentada a uma mesa de cozinha numas águas-furtadas mobiladas noutra parte do Reino. Terna pairava sobre ela, encorajando-a para que comesse, enquanto Daemon bebia vinho e a observava.

Demasiado nervosa para comer, Surreal atirou-lhe as palavras. — Sou uma prostituta.

— Não és lá muito boa nisso — respondeu Daemon, calmamente.

Encolerizada, Surreal insultou-o com todas as palavras que conhecia.

— Estás a ver o que quero dizer? — perguntou, rindo-se, quando por fim Surreal se calou.

— Serei o que sou.

— És uma criança de sangue misto. Metade Sangue haylliano. — Brincou com o copo. — O povo da tua mãe vive... quanto?... cem, duzentos anos? Tu podes chegar a dois mil ou mais. Queres passar esses anos a comer restos nos becos e a dormir em quartos nojentos? Existem outras formas de fazer o que fazes – por melhores quartos, melhor comida, melhor pagamento. Terias de começar como aprendiz, é claro, mas conheço um sítio onde te aceitarão e te darão uma boa formação.

Daemon passou vários minutos a escrever uma lista. Quando terminou, empurrou-a para a frente de Surreal. — Uma mulher que teve uma educação deverá poder passar mais tempo sentada numa cadeira do que deitada de costas. Uma vantagem razoável, creio.

Surreal olhou fixamente para a lista, apreensiva. Ali estavam as disciplinas esperadas – literatura, línguas, história – e, no final da página, uma lista de habilidades mais apropriadas à faca do que ao sexo pago.

Enquanto Tera arrumava a mesa, Daemon levantou-se da cadeira e inclinou-se sobre Surreal, o peito a roçar-lhe as costas, a sua respiração quente a provocar-lhe cócegas nas orelhas pontiagudas. — Subtileza, Surreal — sussurrou. — A subtileza é uma grande arma. Existem outras formas de cortar a garganta a um homem sem necessidade de inundar as paredes com o seu sangue. Se continuares por esse caminho, irão descobrir-te, mais cedo ou mais tarde. Um homem pode morrer de variadíssimas formas. — Soltou um riso abafado, deixando transparecer uma maldade profunda. — Alguns homens morrem por falta de amor... outros morrem por causa dele. Pensa nisso.

Surreal foi para a casa da Lua Vermelha. A directora e as outras mulheres ensinaram-lhe as artes da alcova. O restante aprendeu tranquilamente por si própria. Em dez anos, tornou-se na prostituta mais bem paga da casa – e os homens começaram também a negociar as suas outras competências.

Viajava por Terreille, oferecendo os seus préstimos à melhor casa da Lua Vermelha da cidade onde se encontrasse e aceitando, cautelosamente, contratos para a sua outra profissão, que achava mais estimulante – e que lhe proporcionava mais prazer. Trazia sempre com ela um conjunto de chaves de casas de cidade, apartamentos, águas-furtadas – alguns destes sítios nas zonas mais caras das localidades, outras em ruas calmas e isoladas, onde ninguém fazia perguntas. Por vezes, encontrava-se com Tera e prestava-lhe os cuidados de que necessitava.

E por vezes, dava consigo a partilhar um local com Sadi, quando ele

conseguia escapar-se da corte onde estava a servir, para passar um serão tranquilo. Foram bons tempos para Surreal. Quando lhe apetecia falar, Daemon revelava possuir vastos conhecimentos e, quando Surreal tagarelava, os seus olhos dourados encerravam sempre o regozijo controlado de um irmão mais velho.

Ao longo de quase trezentos anos, iam e vinham, à vontade um com o outro. Até à noite em que, já um pouco embriagada, bebeu uma garrafa de vinho enquanto o observava a ler um livro. Daemon estava instalado despreocupadamente numa cadeira, a camisa desabotoada até meio, os pés descalços numa almofada de apoio, o cabelo preto invulgarmente desgrenhado.

— Estava a pensar — disse Surreal, lançando-lhe um sorriso tolo.

Daemon levantou os olhos do livro, uma sobranceira a erguer-se ao mesmo tempo que um sorriso começava a curvar-lhe os cantos da boca. — Estavas a pensar?

— Curiosidade profissional, tens de compreender. Falam sobre ti nas casas da Lua Vermelha, sabes?

— Falam?

Surreal não deu conta do arrefecimento súbito da sala ou da alteração da cor dos olhos de dourado para um tom amarelo-escuro e vítreo. Não reconheceu a perigosa delicadeza na sua voz. Limitou-se a sorrir para ele. — Vá lá, Sadi, seria realmente um grande trunfo, em termos de carreira. Não há uma prostituta no Reino que saiba em primeira mão o que significa ser satisfeita pelo...

— Tem cuidado com o que pedes. Pode realizar-se.

Surreal soltou uma gargalhada e arqueou as costas, os mamilos salientes através do fino tecido da blusa. Somente quando Daemon se desenrolou da cadeira com uma rapidez de predador e a pressionou contra ele, prendendo-lhe as mãos atrás das costas, é que Surreal se apercebeu do perigo de o provocar. Puxando-lhe o cabelo até ficar com lágrimas nos olhos, forçou-a a levantar a cabeça. Apertou-lhe os pulsos com mais força até Surreal choramangar de dor. E a seguir, beijou-a.

Esperava um beijo brutal, por isso a ternura, a suavidade com que os lábios de Daemon se encostaram aos dela, assustaram-na muito mais. Não sabia o que pensar, o que sentir, pois as mãos dele continuavam a magoá-la deliberadamente enquanto a sua boca se revelava tão generosa, tão persuasiva. Quando por fim a levou a abrir a boca, cada suave carícia da língua provocava-lhe um impulso escaldante entre as pernas. Quando Surreal já não aguentava mais, Daemon levou-a para o quarto.

Despiu-a com uma lentidão exasperante, as suas longas unhas num sussurro sobre a pele trémula de Surreal, ao mesmo tempo que a beijava e lambia e retirava a roupa. Era uma doce tortura.

Após tê-la despidido completamente, aliciou-a para a cama. Cordas psíquicas prenderam-lhe os pulsos e puxaram-lhe os braços sobre a cabeça. Cordas à volta dos tornozelos abriram-lhe as pernas. Daemon manteve-se ao lado da cama e Surreal começou a aperceber-se da ira gélida e implacável a serpentear à sua volta... e de uma brisa suave e controlada, um vento de Primavera, ainda misturado com o frio cortante do Inverno, que percorria o seu corpo, acariciando-lhe o peito, a barriga, percorrendo os pêlos negros da púbis, entre as pernas, exactamente antes de se dividir para percorrer em simultâneo a zona interna das coxas, circundando os pés, subindo pela parte externa das pernas, passando pelas costelas e envolvendo o pescoço para, então, começar de novo.

Continuou, uma e outra vez, até Surreal já não aguentar a provocação, até ficar desesperada por qualquer tipo de toque que a libertasse.

— Por favor — gemeu, tentando livrar-se da impiedosa carícia.

— Por favor, o quê? — Daemon despiu lentamente a roupa.

Surreal observou-o avidamente, os olhos vidrados a aguardar a visão da prova do prazer de Daemon. O choque ao ver o Anel de Obediência num órgão completamente flácido, fê-la aperceber-se de que a ira que rodopiava à sua volta tinha mudado. O sorriso de Daemon tinha mudado.

Quando Daemon se deitou a seu lado, o calor do seu corpo parecia frio em comparação com o fogo que ardia dentro dela, quando a mão estimulante de Daemon retomou o jogo da mão fantasma, Surreal compreendeu por fim o que pairava no ar, no sorriso dele, nos seus olhos.

Desdém.

Jogava com uma seriedade terrível. De cada vez que as suas mãos ou que a sua língua lhe proporcionavam algum sentimento de libertação, os finos véus de sensualidade eram rasgados da sua mente e via-se forçada a beber cálice após cálice do desdém de Daemon. Quando a levantou uma última vez, Surreal impeliu as ancas na direcção de Daemon ao mesmo tempo que lhe pedia que parasse. O riso frio e penetrante de Daemon comprimiu-lhe as costelas ao ponto de já não conseguir respirar. No momento em que começava a deslizar para uma libertação doce e apática, parou.

Tudo parou.

À medida que a sua cabeça desanuviava, ouviu água a correr na casa de banho. Alguns minutos mais tarde, Daemon voltou, totalmente vestido, a limpar a cara a uma toalha. Entre as pernas de Surreal existia uma necessidade palpitante que precisava de ser apaziguada, uma única vez. Suplicou-lhe uma pequena consolação.

Daemon sorriu, o sorriso frio e cruel. — Agora já sabes como é ir para a cama com o Prostituto de Hayll.

Surreal começou a chorar.

Daemon jogou a toalha para cima de uma cadeira. — Não te recomendo a utilização de um estimulador — disse, num tom agradável. — Pelo menos nos próximos dois dias. Não ajuda e poderá piorar bastante a situação. — Voltou a sorrir-lhe e saiu de casa.

Não conseguiu perceber quanto tempo passou até que as cordas à volta dos pulsos e dos tornozelos finalmente desapareceram e pôde rolar para o lado, enrolando-se com os joelhos bem junto ao peito e chorando de vergonha e de raiva.

Ficou com medo dele, temia sentir a sua presença ao abrir a porta. Quando se encontravam, Daemon era friamente cortês e raramente falava — e nunca mais olhou para Surreal com qualquer tipo de afecto.

Surreal olhou fixamente para o tecido fino do dossel. Foi há cinquenta anos e ele nunca lhe tinha perdoado. Agora... sentiu um calafrio. Agora, se os rumores se confirmassem, havia algo de terrivelmente errado com Daemon. Não havia uma corte, onde quer que fosse, que o conseguisse reter por mais do que algumas semanas. E desapareceram muitos Sangue, nunca mais se ouvindo falar deles, sempre que o seu mau génio rebentava.

Daemon tinha razão. Havia muitas, mesmo muitas formas de um homem morrer. Mesmo sendo tão virtuosa como era, tinha ainda de despende algum esforço para se desfazer de um corpo. O Sádico, contudo, nunca deixou o mais pequeno vestígio.

Surreal arrastou-se até ao duche e suspirou ao sentir os músculos da coxa relaxarem sob o jacto de água quente. Pelo menos, parecia não haver perigo de tropeçar nele durante a sua estadia em Beldon Mor.

4 / Inferno

Nem mesmo os violentos estrondos na porta do gabinete conseguiam competir com o praguejar descomedido de Prothvar e os guinchos de fúria de Jaenelle.

Saetan fechou o livro na estante de coro. Houve um tempo, não assim tão distante, em que ninguém desejava abrir aquela porta, quanto mais bater-lhe até ficar quase em brasa. Apoiando-se a um canto da secretária em madeira escura, cruzou os braços e aguardou.

Andulvar entrou de rompante no gabinete, ostentando uma expressão que misturava, de forma perturbadora, medo e fúria. Prothvar entrou imediatamente a seguir, arrastando Jaenelle pela parte de trás do vestido. Quando tentou soltar-se, agarrou-a por trás e levantou-a do chão.

— Põe-me no chão, Prothvar! — Jaenelle levantou o joelho e lançou a perna para trás, atingindo directamente os genitais de Prothvar.

Prothvar gritou e largou-a.

Em vez de cair, Jaenelle executou uma cambalhota perfeita no ar antes de ficar em pé, ainda a cerca de trinta centímetros acima do solo, soltando um chorrilho de blasfémias em mais idiomas daqueles que Saetan conseguia identificar.

Saetan esforçou-se por mostrar uma autoridade neutra e decidiu, com relutância, que esta não era a melhor altura para discutir Linguagem Adequada a Meninas. — Criança-feiticeira, pontapear um homem nos testículos poderá ser uma forma eficaz de lhe chamar a atenção, mas é algo que uma criança não deve fazer. — Estremeceu quando Jaenelle centrou nele toda a atenção.

— E porque não? — interrogou. — Um amigo disse-me que era isso que deveria fazer se um macho alguma vez me agarrasse por trás. Fez-me prometer.

Saetan ergueu uma sobrancelha. — Este amigo é macho? — Muito interessante.

Antes que pudesse averiguar mais, Andulvar ribombou sinistramente:

— Esse não é o problema, SaDiablo.

— Então qual é? — Na verdade, não queria saber.

Prothvar apontou para Jaenelle. — Aquela pequena... ela... diz-lhe!

Jaenelle cerrou os punhos e olhou furiosamente para Prothvar. — A culpa foi tua. Riste-te e não me quiseste ensinar. *Tu* é que me derrubaste.

Saetan ergueu uma mão. — Devagar. Ensinar-te o quê?

— Não me ensinou a voar — acusou Jaenelle.

— Tu não tens asas! — retorquiu Prothvar.

— Posso voar tão bem como tu!

— Não foste treinada!

— Porque tu não me quiseste ensinar!

— E podes ter a certeza que não o irei fazer!

Jaenelle lançou-lhe uma maldição eyriena, fazendo com que os olhos de Prothvar saltassem das órbitas.

O rosto de Andulvar ganhou um perigoso tom azulado antes de apontar para a porta e gritar:

— FORA!

Jaenelle saltitou para fora do gabinete seguida por Prothvar, a coxear.

Saetan tapou a boca com a mão. Queria rir. Doces Trevas, como queria rir, mas o olhar de Andulvar avisara-o de que se desse sequer um riso abafado, teriam de se debater numa rixa descontrolada.

— Achas isto divertido — trovejou Andulvar, agitando as asas.

Saetan pigarreou várias vezes. — Julgo que deve ser difícil para Prothvar encontrar-se no lado perdedor de uma discussão com uma menina de sete anos. Não me apercebi de que o ego de um guerreiro pudesse ser magoado com tanta facilidade.

A expressão carrancuda de Andulvar não se alterou.

Saetan ficou irritado. — Sê sensato, Andulvar. Pois ela quer aprender a voar. Viste como ela se equilibra bem no ar.

— Vi muito mais do que isso — ripostou Andulvar.

Saetan rangeu os dentes e contou até dez. Duas vezes. — Diz-me.

Andulvar cruzou os braços musculados e olhou para o tecto. — A amiga do diabrete, Katrine, está a ensinar-lhe como voar, mas Katrine voa como uma borboleta e Jaenelle quer voar como um falcão, como um eyrieno. Daí ter pedido a Prothvar que a ensinasse. Ele riu-se, o que, admito, não foi muito sensato e ela...

— Irritou-se.

— ... saltou da torre alta do Paço.

Houve um momento de silêncio antes de Saetan explodir. — O quê?

— Sabes qual é a torre alta, SaDiablo. Construíste este maldito sítio. Trepou ao cimo da muralha e saltou. Ainda achas divertido?

Saetan apoiou as mãos abertas na secretária. Todo o seu corpo estremeceu. — Portanto, Prothvar apanhou-a quando ela caiu.

Andulvar bufou. — Quase a matou. Quando ela saltou, ele lançou-se de cabeça, pela lateral, atrás dela. Lamentavelmente, Jaenelle estava em pé, *no ar*, a menos de três metros abaixo do peitoril. Quando surgiu pelo lado, esbarrou com ela a toda a velocidade e caíram ambos mais de três quartos da distância antes de Prothvar conseguir controlar o voo picado.

— Mãe Noite — murmurou Saetan.

— E que as Trevas sejam misericordiosas. Sendo assim, o que é que vais *fazer*?

— Falar com ela — respondeu Saetan ameaçadoramente, ao mesmo tempo que dirigia um pensamento à porta, observando-a a abrir suave e rapidamente. — Criança-feiticeira.

Jaenelle aproximou-se, a ira apaziguada e transformada na determinação obstinada que Saetan já sabia reconhecer.

Lutando para não perder a calma, Saetan observou-a por um momento. — Andulvar contou-me o que aconteceu. Tens algo a dizer?

— Prothvar não tinha nada que se rir de mim. Eu não me rio dele.

— Habitualmente, são necessárias asas para voar, criança-feiticeira.

— Tu não precisas de asas para caminhar nos Ventos. Não é assim tão diferente. E até os eyrienos precisam de um pouco de Arte para voar. Foi Prothvar que disse.

Não sabia o que era pior: Jaenelle a ter uma atitude chocante ou Jaenelle a ser sensata.

Com um suspiro, Saetan agarrou-lhe as pequenas mãos, de aspecto delicado. — Assustaste-o. Como é que iria saber que não te estatelarias no chão?

— Ter-lhe-ia dito — respondeu, um tanto ou quanto apaziguada.

Saetan fechou os olhos por um momento, a pensar rapidamente. — Muito bem. Andulvar e Prothvar irão ensinar-te a maneira de voar dos eyrienos. Em troca, tens de prometer seguir as suas instruções e *efectuar o treino pela ordem correcta*. Sem te atirares da torre, sem saltos surpresa de penhascos... — O ar de culpa de Jaenelle fez com que o coração de Saetan batesse a um ritmo estranho. Terminou com a voz estrangulada — ... sem experiências na Pista dos Sangue... ou em qualquer outra Pista até eles acharem que estás preparada.

Andulvar virou as costas, proferindo uma série de palavras.

— De acordo? — perguntou Saetan, prendendo a respiração.

Jaenelle anuiu, descontente mas resignada.

Tal como os Portões, as Pistas existiam nos três Reinos. Ao contrário dos Portões, só existiam no Território de Askavi. Em Terreille, eram os campos de treino dos guerreiros eyrienos, desfiladeiros onde os ventos e os Ventos colidiam num teste duro e perigoso de força mental e física. A Pista dos Sangue continha os fios dos Ventos mais claros, do Branco ao Opala. A outra...

Saetan engoliu ruidosamente. — Já experimentaste a Pista dos Sangue?

O rosto de Jaenelle iluminou-se. — Ah, claro, Saetan. É tão divertido.

— O entusiasmo enfraqueceu face ao olhar espantado de Saetan.

Lembra-te de respirar, SaDiablo. — E Khaldharon?

Jaenelle fixou o olhar no chão.

Andulvar voltou-a e abanou-a. — Só um punhado dos melhores guerreiros eyrienos tenta, uma vez por ano, enfrentar a Pista de Khaldharon. É o teste irrefutável à força e às capacidades, não é um recreio para miúdas que querem saltitar de sítio para sítio.

— Eu não saltito!

— Criança-feiticeira — avisou Saetan.

— Só experimentei um bocadinho — disse, entre dentes. — E unicamente no Inferno.

Andulvar ficou de boca aberta.

Saetan fechou os olhos, na esperança de que a súbita dor lancinante nas têmporas desaparecesse. Já teria sido bastante perigoso se ela tivesse experimentado a Pista de Khaldharon em Terreille, o Reino mais afastado das Trevas e onde os Ventos adquiriam o máximo da força, mas experimentar

a Pista no Inferno... — Não voltarás às Pistas até Andulvar achar que estás preparada!

Surpreendida pela veemência de Saetan, Jaenelle observou-o. — Assustei-te.

Saetan circulou pela sala, à procura de algo que pudesse rasgar sem riscos. — Podes ter a certeza de que me assustaste.

Afou o cabelo e observou-o. Quando Saetan regressou à secretária, fez uma vénia feminina e respeitosa. — As minhas desculpas, Senhor Supremo. As minhas desculpas, Príncipe Yaslana.

Andulvar resmungou. — Se te vou ensinar a voar, também te posso ensinar a usar os bastões, o arco e a faca.

Os olhos de Jaenelle cintilaram. — Sceron está a ensinar-me a usar a besta e Chaosti está a mostrar-me como se usa a faca — informou.

— Mais razões para aprenderes a usar também armas eyrienas, — disse Andulvar, sorrindo sombriamente.

Depois de Jaenelle ter saído, Saetan olhou para Andulvar, preocupado. — Espero que tenhas em consideração a sua idade e o seu sexo.

— Vou fazê-la trabalhar no duro, SaDiablo. Se a vou ensinar, e julgo não ter opção de escolha, vou fazê-lo como se de um guerreiro eyrieno se tratasse. — Sorriu maliciosamente. — Além disso, Prothvar irá adorar ser o seu adversário quando ela aprender a usar os bastões.

Quando Andulvar saiu, Saetan instalou-se na cadeira por detrás da secretária, abriu uma das gavetas com uma chave e retirou uma folha de pergaminho caro, preenchido até metade pela sua elegante caligrafia. Adicionou três nomes à lista que continuava a aumentar: Katrine, Sceron, Chaosti.

Com o pergaminho novamente fechado e seguro, Saetan recostou-se na cadeira e esfregou as têmporas. Aquela lista perturbava-o visto desconhecer o seu significado. Crianças, sim. Amigos, certamente. Mas todos de Kaeleer. Jaenelle tinha de se ausentar durante horas para poder percorrer essas distâncias, mesmo no Vento Negro. O que é que a família dela pensaria destes desaparecimentos? O que é que diriam? Jaenelle nunca falava de Chaillot, da sua casa, da sua família. Esquivava-se às perguntas que lhe fazia, fosse qual fosse a forma com que as construía. Do que é que tinha medo?

Durante muito tempo, Saetan fixou o vazio. Por fim, enviou um pensamento por um fio masculino Ébano Acinzentado, de macho para macho. *Ensina-a bem, Andulvar. Ensina-a bem.*

5 / Inferno

Saetan saiu do pequeno quarto contíguo ao seu gabinete privado, a secar energicamente o cabelo. As suas narinas dilataram-se de imediato e a ruga entre as sobrancelhas acentuou-se ao fixar a porta do gabinete.

As harpias possuíam um odor psíquico característico e esta, a aguardar pacientemente que Saetan reconhecesse a sua presença, fazia-o sentir-se apreensivo.

De volta ao quarto, vestiu-se depressa mas cuidadosamente. Depois de se sentar à secretária em madeira escura, abriu as fechaduras físicas e psíquicas da porta e aguardou.

O andar silencioso e deslizante fê-la alcançar a secretária rapidamente. Era uma mulher esguia, de pele clara, com uns enormes olhos azuis, orelhas delicadamente pontiagudas e cabelo louro grisalho longo e fino. Vestia uma túnica verde floresta, calças com um cinto castanho em pele e botas até meio da perna. Do cinto pendia uma bacinha vazia. Não usava qualquer jóia e a ferida que percorria o seu pescoço testemunhava a forma como tinha morrido. Examinou-o, tal como ele a examinou.

A tensão cresceu na sala.

As harpias eram feiticeiras que tinham morrido às mãos de um macho. Independentemente da raça de onde eram originárias, eram mais instáveis e mais matreiras do que outras feiticeiras demónias-mortas, raramente saindo do seu território, um território no qual nem os machos demónios-mortos se aventuravam. Todavia, aqui estava ela, de livre vontade. Uma Viúva Negra e Rainha dos Dea al Mon.

— Sentai-vos, por favor, Senhora, — disse Saetan, acenando com a cabeça em direcção à cadeira em frente à secretária. Sem tirar os olhos de Saetan, instalou-se graciosamente na cadeira. — Como vos posso ser útil?

Quando começou a falar, a sua voz assemelhava-se a um vento suspirante soprando numa clareira. Mas nessa voz também existiam relâmpagos. — Servi-la?

Saetan tentou reprimir o calafrio que aquelas palavras lhe provocaram, mas ela detectou-o e sorriu. Esse sorriso fez com que a irritação de Saetan fervilhasse até à superfície. — Sou o Senhor Supremo, feiticeira. Não sirvo ninguém.

A expressão da Harpia não se alterou mas os seus olhos ficaram gélidos. — A Sacerdotisa Suprema do Inferno anda a fazer perguntas. Isso não é bom. Por isso, volto a perguntar, *Senhor Supremo*, servi-la?

— O Inferno não tem Sacerdotisa Suprema.

Riu-se sinistramente. — Assim sendo, ninguém informou Hekatah desse pequeno pormenor. Se não servis, sois amigo ou inimigo?

Saetan fez uma careta, falando rispidamente. — Não sirvo Hekatah e embora tenhamos sido casados outrora, duvido que me considere um amigo.

A Harpia olhou-o com repugnância. — Hekatah só interessa porque ameaça interferir. A criança, Senhor Supremo. Servis a criança? És amigo ou inimigo?

— Qual criança? — Um punhal gelado golpeou-o no estômago.

A Harpia saltou da cadeira e deu uma volta rápida ao redor do gabinete. Quando regressou à secretária, a mão direita passava continuamente na bainha, como se procurasse a faca que não existia.

— Sentai-vos. — Vendo que não se movia, um trovão ribombou na voz de Saetan. — Sentai-vos. — Hekatah desconfiava da recente actividade e os rumores sobre uma estranha feiticeira que aparecia e desaparecia no Reino das Trevas aguçou-lhe o interesse. Mas ele não tinha qualquer controlo sobre quem Jaenelle via ou por onde andava. Se as Harpias tinham conhecimento da sua existência, quem mais saberia? Quanto tempo demoraria até Jaenelle seguir um fio psíquico que a conduziria directamente aos braços de Hekatah? E esta Harpia seria uma amiga ou uma inimiga? — Os Dea al Mon têm conhecimento da criança, — disse Saetan, cautelosamente.

A Harpia acenou com a cabeça. — É amiga da minha parente Gabrielle.

— E de Chaosti.

Um sorriso cruel e satisfeito tocou-lhe os lábios. — E de Chaosti. Também ele é meu parente.

— E vós, quem sois?

O sorriso desvaneceu-se. Um ódio gelado inflamou-lhe os olhos. — Titian. — Perscrutou o corpo de Saetan com os olhos, recostando-se, de seguida, na cadeira. — Aquele que me quebrou... tem o vosso nome de família mas não possui a vossa linhagem. Mal tinha completado doze anos quando fui traída e levada de Kaeleer. Levou-me para se entreter e quebrou-me com a sua lança. Mas tudo tem um preço. Deixei-lhe um legado, a única semente desse homem que alguma vez irá florescer. No fim, será a ela que irá pagar a dívida. E quando chegar a altura, ela irá servir a jovem Rainha.

Saetan expirou lentamente. — Quantos mais sabem da existência da criança?

— Demasiados... ou insuficientes. Depende do jogo.

— Isto não é um jogo! — Ficou imóvel. — Deixai-me entrar.

Titian contorceu o rosto, repugnada.

Saetan inclinou-se para a frente. — Compreendo porque é que o facto

de ser tocada por um macho te repugne. Não vos peço levemente... ou para mim.

Titian mordeu o lábio. Enterrou as mãos na cadeira. — Muito bem.

Concentrando os olhos na lareira, Saetan produziu o gesto psíquico, tocou a primeira barreira interior e sentiu a aversão de Titian. Aguardou pacientemente até ela se sentir preparada para abrir as barreiras. Uma vez no interior, moveu-se delicadamente, como um convidado educado. Não demorou muito a encontrar o que procurava, logo quebrando a ligação, aliviado.

Não sabiam. Titian especulava, as suas conjecturas aproximavam-se bastante. No entanto, ninguém que não fosse da confiança de Saetan sabia com toda a certeza. Uma criança estranha. Uma criança excêntrica. Uma criança misteriosa e intrigante. Chegava. A sua criança sábia e prudente. Saetan não conseguia deixar de pensar no que é que ela teria passado que a tinha tornado tão prudente, sendo tão jovem.

Voltou-se para Titian. — Estou a ensinar-lhe a Arte. E sirvo-a.

Titian olhou ao redor da sala. — Aqui?

Saetan sorriu sarcasticamente. — Bem visto. Estou cansado deste gabinete. Talvez seja altura de lembrar ao Inferno quem domina.

— Quereis dizer, quem domina em representação — afirmou Titian, com um sorriso predatório. Deixou que as palavras persistissem por um momento. — Ainda bem que estais interessado, Senhor Supremo — reconheceu relutantemente. — Ainda bem que ela tem um protector tão poderoso. É audaz, a nossa Irmã. Seria sensato ensinar-lhe a ser prudente. Mas não vos deixeis iludir. As crianças sabem o que ela é. É tanto o seu segredo como é a sua amiga. O Sangue canta para o Sangue e Kaeleer por inteiro está a adoptar, aos poucos, um única estrela negra.

— Como sabeis acerca das crianças? — perguntou Saetan, desconfiado.

— Já vos disse. Sou parente de Gabrielle.

— Estais morta, Titian. Os demónios-mortos não se misturam com os vivos. Não interferem nos assuntos dos Reinos dos vivos.

— Ai não, Senhor Supremo? Vós e a vossa família ainda dominais Dhemlan, em Kaeleer. — Encolheu os ombros. — Além disso, os Dea al Mon não se importam de conviver com os que vivem no crepúsculo eterno do Reino das Trevas. — Com alguma hesitação, acrescentou: — E a nossa jovem Irmã não parece compreender a diferença entre os vivos e os mortos.

Saetan endireitou-se. — Achas que ficou confusa ao conhecer-me?

Titian abanou a cabeça. — Não, a confusão já estava instalada antes de saber da existência do Inferno ou de conhecer um Guardiã. Ela caminha

por um estranho caminho, Senhor Supremo. Quanto tempo demorará até começar a caminhar pelas orlas do Reino Distorcido?

— Não há razões para supormos que o irá fazer — respondeu Saetan com firmeza.

— Não há? Seguirá o estranho caminho onde quer que a levar. O que é que vos faz pensar que uma criança que não vê qualquer diferença entre os vivos e os mortos irá distinguir entre a sanidade e o Reino Distorcido?

— NÃO! — Saetan saltou da cadeira e foi-se colocar de frente para a lareira. Tentou refrear o pensamento de Jaenelle a deslizar para a loucura, incapaz de lidar com a sua essência, mas a ansiedade fluiu como ondas num mar agitado. Mais ninguém na história dos Sangue tinha usado a Negra como a Jóia de Direito por Progenitura. Mais ninguém tinha tido de carregar a responsabilidade – e o isolamento – que estava incluída no preço de usar uma Jóia tão escura, sendo ainda tão jovem.

Saetan sabia que Jaenelle já tinha visto coisas que uma criança não deveria ver. Tinha visto os segredos e as sombras nos seus olhos.

— Não há ninguém em Terreille em quem possas confiar para tomar conta dela?

Saetan deixou escapar uma gargalhada angustiada. — Em quem confiaríeis, Titian?

Titian esfregou as mãos nervosamente nas calças.

Era uma jovem mulher quando morreu, pensou Saetan com uma tristeza afectuosa. Tão frágil por baixo de toda aquela força. Tal como todas são.

Titian humedeceu os lábios. — Conheço um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra que, por vezes, toma conta de quem necessita de ajuda. Se for abordado, poderá...

— Não — interrompeu bruscamente, o orgulho a debater-se com o medo. Era irónico que Titian considerasse Daemon um protector adequado. — É propriedade do fantoche de Hekatah, Dorothea. Pode ser obrigado a obedecer.

— Não creio que maltratasse uma criança.

Saetan regressou à secretária. — Talvez não o fizesse por vontade própria, mas a dor pode levar um homem a fazer o que não faria de livre vontade.

Os olhos de Titian arregalaram-se ao compreender. — Não confiais nele. — Reflectiu e abanou a cabeça. — Estais enganado. Ele é...

— Um espelho. — Saetan sorriu ao mesmo tempo que Titian inspirava com um sibilo. — Sim, Titian. É sangue do meu sangue, semente do meu ventre. Conheço-o bem... e não o conheço. É uma faca de dois gumes capaz de cortar a mão que o ampara tão facilmente como corta o inimigo.

— Acompanhou-a à porta. — Agradeço-vos o conselho e a preocupação. Se souberdes de notícias, ficava grato se me informásseis.

Na soleira da porta, Titian virou-se e examinou-o. — E se ela cantar ao seu sangue tão profundamente como canta ao vosso?

— Senhora. — Saetan fechou a porta calmamente na cara de Titian e fechou-a à chave. De volta à secretária, encheu um copo de yarbarah e observou a pequena labareda a dançar sobre a mesa, aquecendo o vinho de sangue.

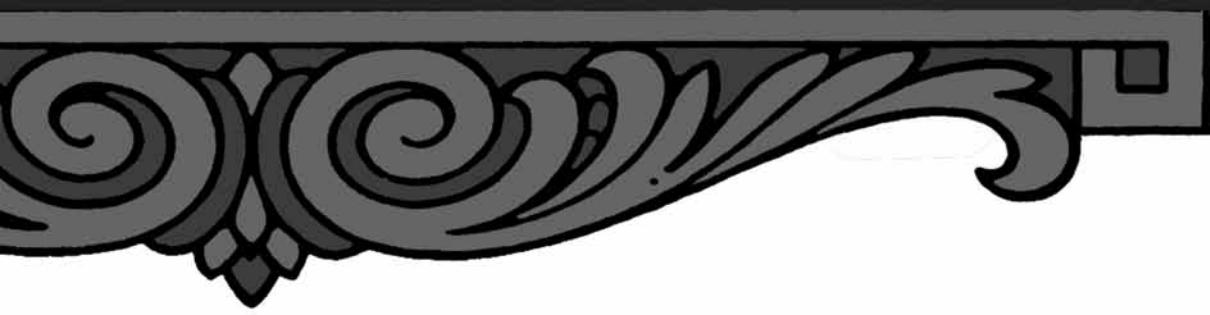
Daemon era um excelente Príncipe dos Senhores da Guerra, o que significava que era um perigoso Príncipe dos Senhores da Guerra.

Saetan esvaziou o copo. Ele e Daemon eram um par à altura. Acreditaria mesmo que o seu homónimo representava uma ameaça para Jaenelle ou eram ciúmes por ter de ceder perante um possível amante, especialmente por esse amante ser também seu filho? Não podendo responder com honestidade a essa pergunta, hesitava em dar a ordem para a execução de Daemon.

Por enquanto, não havia qualquer razão para mandar chamar Marjong, o Carrasco. Daemon não se encontrava perto de Chaillot e, por alguma razão, Jaenelle não vagueava por Terreille como o fazia por Kaeleer. Talvez Titian estivesse certa em relação a Daemon, mas não podia correr tal risco. O seu homónimo tinha a astúcia para iludir uma criança e a força para a destruir.

Mas se fosse necessário executar Daemon para proteger Jaenelle, não iria ser enviado para a sepultura pelas mãos de um estranho.

Devia isso ao filho.



terceira parte

CAPÍTULO TRÊS

1 / Kaeleer

Saetan sorriu friamente ao ver o seu reflexo. A cabeça coberta de cabelos negros estava mais grisalha nas têmporas do que há cinco anos atrás, porém as rugas no rosto deixadas pela doença e pelo desespero atenuaram-se enquanto as rugas de expressão tinham-se acentuado.

Afastando-se do espelho, passeou-se ao longo da galeria do segundo andar. A perna doente ficava entorpecida se andasse demasiado, mas já não necessitava daquela maldita bengala. Riu-se baixinho. Jaenelle era um tônico revigorante de formas diversas.

Ao descer as escadas que terminavam na sala informal de recepções, reparou na mulher alta e esguia que o observava com os olhos semicerrados. Reparou também no conjunto de chaves que trazia ao cinto e sentiu-se aliviado por ter sido tão fácil encontrar a governanta actual.

— Boa-tarde — trauteou. — És a Helene?

— E se for? — Cruzou os braços e bateu com o pé no chão, ritmadamente.

Bem, não esperava uma calorosa recepção de braços abertos, ainda assim... Sorriu. — Para um pessoal que não tem tido ninguém a quem servir, durante tanto tempo, e não tendo incentivos, mantiveste a casa em excelente estado.

Os ombros de Helene endireitaram-se bruscamente e os olhos brilharam de raiva. — Cuidamos do Paço porque é o Paço. — Os olhos semicerraram-se ainda mais. — E quem sois? — interrogou.

Saetan levantou uma sobrancelha. — Quem pensas que sou?

— Um intruso, é o que penso — respondeu Helene com rispidez, pondo as mãos nas ancas. — Um desses que se esgueira por aqui de tempos a tempos para se pasmar e ‘embeber-se da atmosfera’.

Saetan soltou uma gargalhada. — Fariam melhor se não se embebessem muito da atmosfera deste lugar. Contudo, tem sido sempre mais calmo

do que o equivalente em Terreille. Suponho que, após tantos anos ausente, sou uma espécie de intruso, mas... — Ergueu a mão direita. A Jóia Negra cintilou no anel e, em simultâneo, deu-se uma resposta ribombante proveniente das pedras do Paço SaDiablo.

Helene ficou lívida e olhou-o espantada.

Saetan sorriu. — Vês, minha querida, ainda responde ao meu chamamento. Lamento, mas estou prestes a provocar estragos na tua rotina.

Helene fez uma vénia desajeitada. — Senhor Supremo? — balbuciou.

Saetan inclinou a cabeça. — Vou abrir o Paço.

— Mas...

Saetan endireitou-se. — Há algum problema nisso?

Nos olhos dourados de Helene surgiu um brilho débil, ao mesmo tempo que limpava as mãos no grande avental branco. — Uma limpeza profunda remediará, com certeza, mas... — Olhou intencionalmente para os cortinados. — ...uma renovação seria bem melhor.

A tensão esvaiu-se de Saetan. — E dar-te algo de que te orgulhes em vez de te remediares com um título vazio?

Helene corou e mordiscou o lábio.

Escondendo um sorriso, Saetan fez os panos caídos desaparecer e estudou a sala. — Novos cortinados e tecidos finos, sem dúvida. Com um bom enceramento, a mobília de madeira ainda serve, desde que os feitiços de conservação se tenham preservado e os móveis mantenham uma estrutura robusta. Novos sofás e cadeiras. Plantas junto às janelas. Também alguns novos quadros nas paredes. Papel de parede novo ou tinta? O que é que achas?

Helene demorou algum tempo a recuperar a voz. — Quantas divisões pensais renovar?

— Esta, a sala formal de recepções do outro lado do corredor, a sala de jantar, o meu gabinete público, o meu quarto principal, meia dúzia de quartos de hóspedes – e um quarto principal especial para a minha Senhora.

— Talvez a Senhora gostasse de supervisionar a decoração?

Saetan olhou-a com um ar de divertimento escandalizado. — Com certeza que gostaria. No entanto, a minha Senhora fará doze anos daqui a quatro meses e eu preferia que ela vivesse num quarto que decorei para ela em vez de eu próprio viver num Paço decorado com os seus gostos um tanto ou quanto... ecléticos.

Helene olhou embasbacada por um momento mas absteve-se de perguntar o que Saetan lhe via nos olhos. — Posso mandar vir alguns livros com amostras de tecidos para que possais escolher.

— Excelente ideia, minha querida. Achas que consegues tornar este sítio apresentável em quatro meses?

— O pessoal não é muito, Senhor Supremo — informou Helene, hesitante.

— Sendo assim, contrata a ajuda que precisares. — Saetan caminhou devagar até à porta que dava para o grande corredor. — Voltaremos a falar no final da semana. É tempo suficiente?

— É, Senhor Supremo. — Fez novamente uma vénia.

Tendo nascido nos bairros degradados de Draega, a capital de Hayll, filho de uma prostituta desinteressada, não esperava nem queria que os criados rastejassem à sua volta. Não mencionou este facto a Helene pois, se a tinha interpretado correctamente, aquela teria sido a última vénia que lhe faria.

No final do grande corredor, hesitou antes de abrir a porta do seu gabinete público. Passeou à volta da divisão, tocando ao de leve na mobília coberta, fazendo ligeiras caretas ao ver os dedos sujos de pó.

Outrora, tinha governado Dhemlan Kaeleer a partir deste gabinete. Ainda governava, lembrou-se a si próprio. Tinha oferecido Dhemlan Terreille a Mephis quando se tornou Guardiã, mas não a terra gémea no Reino das Trevas.

Ah, Kaeleer. Tinha sempre sido um vinho adocicado para Saetan, com a magia profunda e os mistérios. Agora, esses mistérios estavam a sair da bruma, novamente, e a magia era ainda poderosa. Fio a fio, Jaenelle estava a reconstruir a teia, convocando todos para a dança.

Esperava que fosse do seu agrado poder usar este lugar. Esperava ser convidado quando Jaenelle estabelecesse a sua própria corte. Queria ver quem escolheria ela para o Primeiro Círculo, queria ver os rostos que se relacionassem com a lista de nomes. Teriam conhecimento uns dos outros? Ou dele?

Saetan abanou a cabeça, sorrindo.

Tivesse, ou não, sido essa a vontade de Jaenelle, a filha da sua alma de cabelo louro tinha-o, de certeza, devolvido aos vivos.

2 / Terreille

Subindo as escadas para o apartamento no terceiro andar, Surreal mudou o cesto das compras de uma mão para outra e retirou as chaves do bolso das calças. Ao chegar ao patamar vislumbrou a sombra de uma figura encostada à porta e logo as chaves desapareceram, dando lugar ao seu pequeno punhal preferido.

A mulher afastou o cabelo negro emaranhado do rosto e levantou-se, cambaleando.

— Tersa — murmurou Surreal, fazendo desaparecer o pequeno punhal, ao mesmo tempo que corria em direcção à mulher titubeante.

— Tens de lhe dizer — sussurrou Tersa.

Surreal deixou cair o cesto e enrolou o braço à volta da cintura de Tersa. Após ter invocado as chaves e aberto a porta, arrastou a mulher que continuava a murmurar até ao sofá, praguejando baixinho sobre o estado de Tersa.

Foi buscar o cesto e trancou a porta antes de regressar ao sofá com um pequeno copo de conhaque.

— Tens de lhe dizer — murmurou Tersa entre dentes, batendo delicadamente no vidro.

— Bebe, irás sentir-te melhor — disse Surreal asperamente. — Não o vejo há meses. Já não lhe sou de grande utilidade.

Tersa agarrou Surreal pelos pulsos e disse ferozmente:

— Diz-lhe para ter cuidado com o Sacerdote Supremo da Ampulheta. Não é um homem condescendente quando alguém ameaça aquilo que é. Diz-lhe para ter cuidado com o Sacerdote.

Respirando fundo, Surreal levantou Tersa e ajudou a mulher mais velha a arrastar-se até à casa de banho.

Dizer-lhe? Não queria sequer chegar-se *perto* dele.

O que é que iria fazer com Tersa? Existiam apenas duas camas na casa. Não iria ceder-lhe a sua, por isso Tersa teria de dormir na de Sadi. Porém, fogo do Inferno, tinha-se tornado tão sensível relativamente a ter uma mulher no seu quarto, que conseguia perceber que a empregada doméstica tinha sido diferente, mesmo que só tivesse vindo uma única vez. Merda. Não era provável que aparecesse – doces Trevas, rogo-vos que não permitis que apareça – mas se tal acontecesse e se se opusesse ao facto de Tersa usar a sua cama, *poderia* pô-la fora.

Surreal despiu as roupas andrajosas de Tersa. — Anda, Tersa. Precisas de um banho quente, de uma refeição decente e de uma boa noite de sono.

— Tens de lhe dizer.

Surreal fechou os olhos. Estava em dívida para com ele. Nunca se esqueceu disso. — Eu digo-lhe. Seja lá como for, eu digo-lhe.

3 / Terreille

Após vários minutos de silêncio incómodo, Philip Alexander virou-se no sofá e ficou de frente para a sobrinha. Tentou alcançar a sua mão débil mas ela retirou-a, evitando o toque.

Frustrado, Philip passou os dedos pelo cabelo e tentou, uma vez mais,

ser sensato. — Jaenelle, não estás a fazer isto para ser cruel. És uma criança doente e queremos ajudar-te a melhorar.

— Não estou doente — disse Jaenelle calmamente, olhando em frente.

— Sim, estás. — Philip manteve uma voz firme mas amável. — Não sabes distinguir entre o faz-de-conta e o mundo real.

— Eu sei distinguir.

— Não sabes, não — insistiu Philip. Esfregou a testa. — Estes amigos, estes sítios que visitas... não são reais. *Nunca* foram reais. A única razão pela qual os vês é porque não estás bem.

Dor, confusão e dúvida encheram os seus olhos azul céu. — Mas parecem tão reais — murmurou.

Philip puxou-a para junto dele, agradecido por não o ter rejeitado. Abraçou-a como se esse abraço fosse a cura que anos de tratamento não conseguiram. — Sei que te parecem reais, meu amor. É esse o problema, não vês? O Dr. Carvay é o curandeiro mais notável para...

Jaenelle contorceu-se para se libertar do abraço. — Carvay *não* é um curandeiro, é...

— Jaenelle! — Philip respirou profundamente. — É exactamente sobre isso que estamos a falar. Inventar histórias maldosas sobre o Dr. Carvay não te irá ajudar. Inventar histórias sobre criaturas mágicas...

— Já não falo sobre elas.

Philip suspirou, frustrado. Isso era verdade. Tinha sido curada ou tinha ultrapassado aquelas fantasias, mas as histórias que inventava agora eram apenas farinha do mesmo saco. Um tipo de farinha muito mais perigoso.

Philip levantou-se e ajeitou o casaco. — Talvez... talvez se trabalhares com afinco e se deixares que o Dr. Carvay te ajude, desta vez fiques curada e possas regressar a casa de vez. A tempo do teu aniversário.

Jaenelle olhou-o de uma forma que não conseguiu decifrar.

Philip conduziu-a à porta. — A carruagem está lá fora. O teu pai e a tua avó irão acompanhar-te e ajudar-te a instalares-te.

Ao ver a carruagem desaparecer pela longa estrada, Philip esperou sinceramente que esta fosse a última vez.

4 / Kaeleer

Saetan estava sentado à secretária em madeira escura no seu gabinete público com um copo de vinho meio vazio na mão e observou a divisão restaurada.

Helene tinha usado muito bem a Arte caseira. Tinha terminado a renovação das divisões que Saetan tinha solicitado bem como da maior parte

das salas públicas e de toda uma ala de alojamentos. O facto de ter contratado praticamente toda a vila de Halaway para o conseguir... Bem, todos precisavam de um objectivo. Até ele próprio. Em especial.

Uma batida breve na porta despertou-lhe a atenção. — Entre — disse, esvaziando o copo de vinho.

Helene olhou à volta do gabinete com satisfação antes de se aproximar da secretária, endireitando os ombros. — A Sr.^a Beale quer saber por quanto tempo mais vai ter de atrasar o jantar.

— Uma refeição tão boa como a que a Sr.^a Beale preparou não deve ser desperdiçada. Porque é que tu e os outros não apreciam os seus esforços?

— Então a vossa convidada não vem?

— Parece que não.

Helene pôs as mãos nas ancas. — Uma maria-rapaz, é o que ela é, nem sequer ter a decência de enviar as desculpas...

— Estás a exceder-te, minha senhora. — Saetan ripostou suavemente. Não havia qualquer dúvida sobre a ameaça ou sobre a irritação nas suas palavras.

Helene encolheu-se, afastando-se da secretária. — Eu... Peço-vos perdão, Senhor Supremo.

Algo aplacado, Saetan inspirou profundamente e expirou devagar. — Se não pôde vir, teve as suas razões. Não a julgues, Helene. Se ela aqui estiver e se tiveres alguma razão de queixa ao servi-la, dirige-te a mim e farei o que puder para mitigar o problema. Mas não faças julgamentos. — Caminhou lentamente para a porta. — Mantém o pessoal suficiente para servir os hóspedes que possam chegar. E mantém um registo de quem entra e de quem sai – especialmente de quem fizer perguntas sobre a Senhora. Ninguém entra sem se identificar previamente. Entendido?

— Sim, Senhor Supremo — respondeu Helene.

— Um bom jantar, minha querida. — E saiu.

* * *

Saetan caminhou pelo longo corredor em pedra em direcção ao seu gabinete privado bem abaixo do Paço, no Reino das Trevas. Tinha abandonado o pequeno quarto adjacente, visto que tinha regressado ao seu quarto principal vários andares acima, mas, à medida que os dias e as semanas iam passando, deu por si a regressar e a ficar. Pelo sim, pelo não.

Uma silhueta franzina saiu da penumbra junto à porta do gabinete. A ansiedade escoava em ondas do rapaz ao mesmo tempo que Saetan destrancava a porta, sem pressas, gesticulando para que entrasse. Um relance às chamas das velas produziu um brilho suave, toldando os contornos da

sala e aliviando a sensação de um imenso poder que enchia o gabinete que tinha ocupado durante tanto tempo.

— Acompanhas-me num copo de yarbarah, Char? — Sem esperar a resposta, Saetan encheu um copo do decantador que se encontrava em cima da secretária e aqueceu-o com uma pequena labareda. Ofereceu o copo a Char.

A mão do rapaz tremia ao aceitar o copo e os seus olhos estavam repletos de medo.

Ansioso, Saetan aqueceu um copo para si e instalou-se na outra cadeira, junto à lareira.

Char bebeu apressadamente, um sorriso momentâneo nos lábios ao saborear o último gole. Olhou para o Senhor Supremo, para o rosto que raramente demonstrava qualquer vestígio de emoção, e desviou rapidamente o olhar. Tentou falar mas não produziu qualquer som. Pigarreou e voltou a tentar. — Tende-la visto? — perguntou num sussurro rouco.

Saetan bebeu o vinho de sangue antes de responder. — Não, Char, não a vejo há três meses. E tu?

Char abanou a cabeça. — Não, mas... tem acontecido algo na ilha. Chegaram outros.

Saetan inclinou-se para a frente. — Outros? Não são crianças?

— Sim, crianças, mas... acontece algo quando chegam. Não chegam pelos Portões nem encontram a ilha caminhando nos Ventos. Eles vêm... — Char abanou a cabeça, vacilando nas palavras.

Saetan baixou a voz e trauteou de uma forma relaxante. — Deixas-me entrar, Char? Deixas-me ver? — O alívio de Char foi tão intenso que provocou em Saetan uma inquietação crescente. Recostando-se na cadeira, alcançou a mente do rapaz, encontrou as barreiras já abertas e seguiu Char até à memória do que tinha visto e que o tinha perturbado tanto.

Saetan expirou soltando um silvo de reconhecimento e rompeu a ligação o mais depressa que pôde, sem prejudicar o rapaz.

Quando é que Jaenelle tinha aprendido *aquilo*?

— O que é? — perguntou Char.

— Uma ponte — respondeu Saetan. Esvaziou o copo e voltou a enchê-lo, surpreendido por ver a sua mão firme, uma vez que por dentro, todo ele tremia. — Chama-se uma ponte.

— É muito poderosa.

— Não, a ponte em si não tem qualquer poder. — O olhar perturbado de Char encontrou o seu e Saetan permitiu que o rapaz visse a agitação que sentia. — Todavia, quem a construiu *possui* muito poder. — Pousou o copo e inclinou-se para a frente, os cotovelos sobre os joelhos, os dedos de ambas as mãos juntos e a roçar o queixo. — De onde vêm estas crianças? Elas dizem de onde vêm?

Char humedeceu os lábios. — De um lugar chamado Briarwood. Não dizem se é uma povoação, uma cidade ou um Território. Dizem que uma amiga os informou sobre a existência da ilha e lhes indicou o caminho. — Hesitou, com uma timidez repentina. — Podeis vir ver? Talvez... possais compreender.

— Vamos agora? — Saetan levantou-se, puxando as mangas do casaco.

Char fitou o chão. — Deve ser um sítio horrível, Briarwood. — Levantou os olhos e olhou para Saetan, os olhos inquietos suplicando algum conforto. — Porque é que ela iria a um sítio tão horrível?

Saetan levantou Char e pôs um braço à volta dos ombros magros do rapaz, sentindo-se mais perturbado do que gostaria de admitir quando Char se encostou a ele, carente por aquele aconchego. Trancando a porta do gabinete, manteve o passo lento e firme ao mesmo tempo que alimentava o rapaz com gota psíquica após gota psíquica de vigor e de sentimento de segurança. Quando os ombros de Char voltaram a endireitar-se, Saetan deixou o braço cair descontraidamente.

Três meses. Durante três meses, Jaenelle não deu qualquer notícia. E agora crianças estavam a viajar atravessando uma ponte para a ilha das *cildru dyathe*.

A nova habilidade de Jaenelle tê-lo-ia intrigado mais se a pergunta de Char não estivesse a retumbar no seu sangue, a pulsar-lhe nas têmporas.

Por que razão teria ido a um lugar tão horrível? Porquê, porquê, porquê? E onde?

5 / Terreille

— Briarwood? — Cassandra aqueceu dois copos de yarbarah. — Não, nunca ouvi falar de Briarwood. Onde fica? — Ofereceu um copo a Saetan.

— Em Terreille, por isso deve ser algures em Chaillot. — Beberricou o vinho de sangue. — Talvez uma pequena vila ou uma povoação perto de Beldon Mor. Por acaso não tens um mapa dessa maldita ilha?

Cassandra corou. — Bem, tenho. Fui a Chaillot. Mas não a Beldon Mor — acrescentou rapidamente. — Saetan, tive de ir porque... bem, algo estranho tem vindo a acontecer. De vez em quando, há uma sensação nas Teias, como se... — emitiu um som frustrado.

— Alguém estivesse a puxá-las e, de seguida, entrelaçasse as vibrações — concluiu Saetan secamente. Ele e Geoffrey tinham passado horas a estudar atentamente livros sobre a Arte na biblioteca da Fortaleza com o objectivo de tentar perceber, mas continuavam sem entender *como* é que Jaenelle o tinha feito.

— Exactamente — disse Cassandra.

Saetan observou-a a invocar um mapa e a estendê-lo sobre a mesa da cozinha. — O que tens sentido é uma ponte construída por Jaenelle. — Apanhou com destreza o copo de yarbarah que caiu da mão de Cassandra. Pousando os dois copos na mesa, Saetan conduziu-a até um banco junto à lareira e abraçou-a, afagando-lhe o cabelo e trauteando lengalengas. Passado algum tempo, parou de tremer e conseguiu falar de novo.

— Não é assim que é construída uma ponte — afirmou peremptoriamente.

— Não é como tu ou eu construiríamos – se conseguíssemos – uma ponte.

— Somente os Sangue no apogeu da Arte têm a capacidade de construir uma ponte que transponha uma distância que justifique o esforço. Duvido que ainda exista alguém em Terreille que tenha a capacidade para tal. — Empurrou-o, resmungando de seguida quando Saetan não a largou. — Vais ter de falar com ela sobre este assunto, Saetan. Vais mesmo. É demasiado nova para este tipo de Arte. E porque razão construiu uma ponte quando pode caminhar nos Ventos?

Saetan continuou a afagar-lhe os cabelos, amparando-lhe a cabeça no seu ombro. Conhecia Jaenelle há cinco anos e, ainda assim, Cassandra continuava sem compreender do que realmente se tratava, continuava sem compreender que Jaenelle não era uma jovem Rainha que se iria tornar na Feiticeira, mas que já *era* a Feiticeira. Contudo, neste momento Saetan também não tinha a certeza de que compreendia. — Ela não viaja pela ponte, Cassandra — disse cautelosamente. — Envia outros. Os que não conseguiam de outra forma.

Será que a verdade iria assustá-la tanto como o tinha assustado a ele? Provavelmente não. Ela não tinha visto aquelas crianças.

— De onde vêm? — perguntou preocupada.

— De Briarwood, onde quer que seja.

— E para onde vão?

Saetan respirou fundo. — Para a ilha das *cildru dyathe*.

Cassandra libertou-se de Saetan e dirigiu-se aos tropeções para a mesa. Agarrou-se à beira para se manter direita.

Saetan observou-a, aliviado por ver que, embora assustada, não tinha perdido o discernimento. Aguardou que Cassandra se recompusesse, reparou no momento em que parou para reconsiderar, apercebendo-se da Arte necessária para tal feito.

— Construiu uma ponte daqui *para o Inferno*?

— Sim.

Cassandra afastou uma madeixa rebelde do rosto, a ruga vertical entre

as sobrancelhas acentuando-se à medida que pensava. Abanou a cabeça. — Os Reinos não podem ser atravessados dessa forma.

Saetan recuperou o copo de yarbarah e esvaziou-o. — Como é óbvio, com esse tipo de ponte, *podem*. — Estudou o mapa, começando pela extremidade sul da ilha e subindo para norte, em direcção a Beldon Mor, zona a zona. Com as unhas compridas, deu pequenas pancadas na mesa. — Não vem no mapa. Se for uma pequena aldeia perto de Beldon Mor, é provável que não seja considerada com tendo importância suficiente para constar no mapa.

— Se for sequer uma aldeia — murmurou Cassandra.

Saetan ficou gelado. — O que é que disseste?

— E se for um lugar? Existem muitos lugares aos quais são dados nomes, Saetan.

— Sim — trauteou, um olhar vago nos olhos. Mas que tipo de lugar faria aquilo a crianças? Resmungou frustrado. — Está a ocultar algo por trás daquela maldita bruma. É por isso que não quer ninguém do Reino das Trevas nessa cidade. Quem estará ela a proteger?

— Saetan. — Timidamente, Cassandra pôs uma mão no braço de Saetan. — Talvez se esteja a proteger a si própria.

Os olhos dourados de Saetan mudaram instantaneamente para um tom amarelo-escuro. Puxou o braço onde a mão de Cassandra se apoiava e começou a andar de um lado para o outro. — Eu nunca a magoaria. Ela conhece-me suficientemente bem para saber isso.

— Creio que ela sabe que não a magoarias deliberadamente.

Saetan girou sobre os calcanhares, um movimento gracioso de bailarino. — Diz de uma vez o que tens a dizer, Cassandra. — A sua voz, embora calma, estava repleta de trovões e de uma fúria crescente.

Cassandra deslocou-se pela divisão, fazendo com que a mesa ficasse entre eles. Não que isso fosse um impedimento. — Não és só tu, Saetan. Não percebes? — Abriu os braços, implorando. — Também sou eu e Andulvar e Prothvar e Mephis.

— Não a magoariam — disse Saetan friamente. — Não posso falar por ti.

— Estás a ser insultuoso — ripostou, para logo de seguida recuperar o controlo respirando profundamente. — Muito bem. Digamos que esta noite apareces à porta da família de Jaenelle. E a seguir? É pouco provável que tenham conhecimento do vosso relacionamento, que tenham conhecimento de qualquer um de nós. Já pensaste no choque que terão ao descobrir o tipo de associação que tens com ela? E se a abandonarem?

— Pode viver comigo — bufou.

— Saetan, sê sensato! Queres que Jeanelle cresça no Inferno, a brincar

com crianças mortas até já não se lembrar como é andar entre os vivos? Por que razão lhe imporias tal vida?

— Poderíamos viver em Kaeleer.

— Durante quanto tempo? Lembra-te de quem és, Saetan. Quão ansiosos estarão aqueles amiguinhos por visitar a casa do Senhor Supremo do Inferno?

— Cabra — sussurrou, a voz tremente com o sofrimento. Deitou yarbarah no copo, bebeu-o frio e fez uma careta devido ao sabor.

Cassandra deixou-se cair numa cadeira à mesa, demasiado fatigada para se manter de pé. — Posso ser cabra, mas o teu amor é um luxo que ela pode não ter possibilidades de adquirir. Manteve-nos afastados deliberadamente e já não nos visita. Será que isso não te diz nada? Não a viste, ninguém a viu nos últimos três meses. — Lançou-lhe um sorriso vacilante. — Talvez fossemos apenas uma fase pela qual estava a passar.

Um músculo estremeceu no queixo de Saetan. Nos seus olhos, havia um olhar estranho e letárgico. Quando por fim falou, as palavras foram suaves e rancorosas. — Não sou uma fase, Senhora. Sou a sua âncora, a sua espada e o seu escudo.

— Parece que a serves, pela forma como falas.

— Eu *sirvo-a*, Cassandra. Servi-te em tempos e servi-te bem, mas não mais. Sou um Príncipe dos Senhores da Guerra. Conheço as Leis dos Sangue que se aplicam quando servimos e a primeira lei não é servir, é proteger.

— E se ela não desejar a tua protecção?

Saetan sentou-se no lado oposto a Cassandra, os dedos firmemente entrelaçados. — Quando constituir a sua própria corte, pode dar-me um pontapé no rabo, se assim o desejar. Até lá... — As palavras perderam-se.

— Pode haver outra razão para a deixares ir. — Cassandra respirou fundo. — Hekatah visitou-me há alguns dias. — Retraiu-se perante o silvo de irritação emitido por Saetan, mas prosseguiu numa voz atrevida:

— Supostamente, veio ver o teu novo divertimento.

Saetan olhou-a espantado. Estava a convidá-lo a julgar o assunto levemente, a considerar a visita de Hekatah como uma insignificância! Não, ela compreendia o perigo. Só não queria enfrentar a ira de Saetan.

— Continua — disse, com demasiada calma. Aquela mistura de medo e de prudência nos olhos de Cassandra era-lhe bastante familiar. Tinha testemunhado aquele olhar em todas as mulheres com as quais tinha ido para a cama, após ter começado a usar a Negra. Até Hekatah, embora o tivesse ocultado bem, com vista aos seus objectivos. Mas Cassandra era a Feiticeira. Usava a Negra. Nesse momento, odiava-a por ter medo dele. — Continua — repetiu.

— Creio que não ficou muito impressionada — acrescentou Cassandra

precipitadamente, — e duvido que soubesse quem eu era. No entanto, ficou desorientada quando se apercebeu que eu era uma Guardiã. De qualquer modo, pareceu mais interessada em descobrir se eu tinha conhecimento de uma criança que pudesse ser do teu interesse, um ‘festim jovem’, pelas suas palavras.

Saetan praguejou ferozmente.

Cassandra estremeceu. — Hekatah fez um desvio para me comunicar o teu interesse em carne jovem, esperando com isso, suponho eu, criar ciúmes para me tornar sua aliada.

— E o que é que lhe disseste?

— Que o teu interesse aqui era o restauro do Altar das Trevas que tinha sido baptizado em honra da Rainha que outrora serviste e, embora, me sentisse lisonjeada por ela ter pensado que me acharias divertida, infelizmente tal não era verdade.

— Talvez devesse rectificar essa opinião.

Cassandra sorriu atrevidamente, mas havia pânico nos seus olhos. — Eu não ando às cambalhotas com qualquer um, Príncipe. Quais são as tuas referências?

Por despeito, Saetan deu a volta à mesa, ergueu Cassandra e beijou-a suave e demoradamente. — As minhas referências são as melhores, Senhora — sussurrou quando, finalmente, os seus lábios se separaram dos dela. Largou-a, afastou-se e pôs a capa sobre os ombros. — Infelizmente, a minha presença é necessária noutra local.

— Durante quanto tempo vais esperar por ela?

Quanto tempo? Feiticeiras sombrias, feiticeiras fortes, feiticeiras poderosas. Sempre dispostas a receber o que lhes oferecia, dentro e fora da cama, mas nunca gostaram dele, nunca confiaram nele, sempre o temeram. E havia Jaenelle. Durante quanto tempo esperaria?

— Até que ela regresse.

6 / Inferno

Zunia-lhe nos nervos, persistente e irritante.

A resmonear durante o sono, Saetan voltou-se e puxou os cobertores até aos ombros.

O zunido continuou. Um chamamento. Um apelo.

Ao longo da Negra.

Saetan abriu os olhos no quarto escuro, escutando com os sentidos internos bem como com os externos.

Um grito estridente de fúria e desespero inundou-lhe a mente.

— Jaenelle — sussurrou, sentindo um arrepio de frio quando os pés descalços tocaram o chão frio. Vestindo um roupão, dirigiu-se ao corredor para logo parar, com dúvidas sobre o rumo a tomar. Concentrou-se e enviou um chamamento pela Negra. **Jaenelle!*

Não houve resposta. Apenas o zunido entrelaçado de medo, desespero e fúria.

Encontrava-se ainda em Terreille. Este pensamento rodopiava na cabeça de Saetan, enquanto percorria os corredores tortuosos do Paço. Não havia tempo para cogitar sobre como teria ela enviado aquela explosão de pensamento entre os Reinos. Não havia tempo para nada. A Senhora estava em perigo e inacessível.

Entrou de rompante no grande salão, ignorando a dor lancinante na perna doente. Um pensamento arrancou as portas da frente do Paço. A correr, desceu os degraus e circundou o Paço, dirigindo-se ao edifício isolado onde estava situado o Altar das Trevas.

Ofegante, arrancou o portão de ferro das dobradiças e entrou no amplo salão. As mãos de Saetan tremiam ao centrar o candelabro em prata com quatro braços na pedra negra e lisa. Respirando profundamente para se acalmar, acendeu as três velas negras representantes dos Reinos pela ordem adequada para abrir um Portão entre o Inferno e Terreille. Acendeu a vela no centro do triângulo constituído pelas outras três, a vela que representava o Eu, e invocou o poder do Portão, aguardando pacientemente enquanto a parede em pedra por detrás do Altar dava lentamente lugar a uma neblina e se tornava num Portão entre os Reinos.

Saetan atravessou a neblina. Ao quarto passo saiu da neblina e entrou nas ruínas que albergavam o Altar das Trevas em Terreille. Ao passar pelo Altar, reparou nos cotos de velas negras no candelabro baço e perguntou-se qual seria a razão pela qual este Altar estava a ser usado com tanta frequência. Saiu do edifício, já sem tempo para curiosidades.

Reuniu a força das Jóias Negras e enviou um pensamento por um firme fio psíquico. **Jaenelle!* Aguardou por uma resposta, lutando contra o impulso de apanhar a Teia Negra e voar até Chaillot. Se estivesse nos Ventos, estaria incontactável durante várias horas e já poderia ser tarde demais. **Jaenelle!*

**Saetan? Saetan!* Do outro lado do Reino, a sua voz chegou a Saetan como um murmúrio debilitado.

**Criança-feiticeira!* Fez convergir a sua força naquela ligação ténue.

Saetan, por favor, tenho de... Preciso de...

Luta, criança-feiticeira, luta! Tu tens força!

** Preciso... não sei como... Saetan, por favor.**

Até a Negra tinha limites. Rangendo os dentes, Saetan praguejou ao mes-

mo tempo que as suas longas unhas feriam as palmas das mãos fazendo jorrar o sangue. Se a perdesse agora... Não. *Não a iria* perder! Não importa o que tivesse de fazer, encontraria uma forma de lhe enviar o que ela precisava.

No entanto esta ligação entre eles estava fiada tão delicadamente que a mínima coisa poderia quebrá-la e Jaenelle tinha a maior parte da atenção centrada noutro local. Se a ligação se quebrasse, Saetan não conseguiria atravessar o Reino e voltar a encontrá-la. Ao manter a sua extremidade, a Jóia Negra estava a esgotar-se a uma velocidade impressionante. Nem queria pensar no que tinha custado a Jaenelle alcançá-lo no Inferno. Se pudesse usar alguém como ponto de transferência, se pudesse entrançar a sua força com a de outrem, durante um minuto... Cassandra? Demasiado longe. Se desviasse nem que fosse um pouco da sua força para procurar, poderia perder Jaenelle de vez.

Porém, precisava da força de mais alguém!

E ali estava. Prudente, irritada, concentrada. Outra mente no fio psíquico Negro, orientada para ocidente, para Chaillot.

Outro macho.

Saetan ficou gelado. Somente outro macho usava as Jóias Negras.

Quem és? Era uma voz profunda e culta com uma leve rouquidão sedutora. Uma voz perigosa.

O que poderia dizer? O que é que se *atreveria* a dizer ao filho que tinha amado por escassos anos antes de ser obrigado a abandonar? Não havia tempo para resolver os assuntos entre os dois. Não agora. Por isso optou pelo título que não era usado em Terreille há 1.700 anos. *Sou o Sacerdote Supremo da Ampulheta.*

Entre os dois, foi transmitido um tremor. Uma espécie de reconhecimento cauteloso que não era bem reconhecimento. O que significava que Daemon tinha ouvido o título algures mas não sabia quem o detinha.

Saetan respirou fundo. *Preciso da tua força para manter esta ligação.*

Um longo silêncio. *Porquê?*

Saetan rangeu os dentes, não se atrevendo a deixar que os pensamentos se dispersassem. *Não posso facultar-lhe os conhecimentos de que ela necessita se não amplificar esta ligação e, caso não obtenha estes conhecimentos, pode ser destruída.* Mesmo sem uma ligação completa entre os dois, Saetan sentiu Daemon a ponderar as suas palavras.

Subitamente, um fluxo de poder Negro em bruto e mal controlado precipitou-se na direcção de Saetan, ao mesmo tempo que Daemon disse: *Usai o que precisardes.*

Saetan extraiu a força de Daemon, drenando-a implacavelmente ao mesmo tempo que enviava um pensamento acutilante em direcção a Chaillot. *Senhora!*

Socorro... Tanto desespero naquela palavra.

Tira o que necessitares. Palavras de Protocolo, de serventia, de capitulação.

Saetan derrubou as suas próprias barreiras interiores, proporcionando-lhe acesso a tudo o que sabia, a tudo o que era. Caiu de joelhos e agarrou a cabeça, certo de que o seu crânio iria estilhaçar-se devido à dor provocada pela entrada de rompante de Jaenelle, vasculhando-lhe a mente como se estivesse a abrir armários e a atirar todo o conteúdo para o chão até encontrar o que pretendia. Demorou apenas um momento. Pareceu uma eternidade. De seguida, retirou-se e a ligação extinguiu-se.

Obrigada. Um débil murmúrio, quase sumido. *Obrigada.*

O segundo agradecimento não foi dirigido a Saetan.

Pareceram horas e não minutos até as suas mãos tombarem para as costas, inclinando depois a cabeça para trás para olhar o falso céu da aurora. Levou mais um minuto a perceber que não estava sozinho, outra mente tocava ainda levemente a sua, revelando algo mais do que prudência.

Saetan fechou rapidamente as barreiras internas. *Procedeste bem, Príncipe. Agradeço-te... por ela.* Cautelosamente, começou a afastar-se da ligação entre os dois, incerto de que poderia sair vencedor de um confronto com Daemon.

Todavia, Daemon também se retirou, exausto.

À medida que a ligação se extinguiu, imediatamente antes de Saetan ficar, de novo, sozinho consigo próprio, a voz de Daemon chegou-lhe vaga, as palavras como uma ameaça melíflua.

Não vos atravesseis no meu caminho, Sacerdote.

Segurando-se a um dos postes da cama de dossel, Daemon içou-se até ficar em pé, ao mesmo tempo que a porta se abriu de rompante e seis guardas entraram cautelosamente no quarto.

Normalmente teriam boas razões para o temer, mas não hoje. Mesmo que não tivesse esgotado as suas forças até à exaustão, não teria lutado. Hoje, o que quer que lhe acontecesse, era para ganhar tempo pois ela, onde quer que estivesse, precisava de recuperar.

Os guardas rodearam-no e conduziram-no até ao pátio exterior claramente iluminado.

Ao avistar os dois postes com as correias de couro presas na base e no topo, hesitou por um brevíssimo momento.

A Senhora Cornélia, a última Rainha de estimação a comprar os seus serviços a Dorothea SaDiablo, encontrava-se junto aos postes. Os seus olhos faiscavam. A sua voz gotejava de excitação. — Dispam-no.

Daemon afastou furiosamente as mãos dos guardas e começou a des-

pir-se quando uma descarga de dor proveniente do Anel de Obediência o fez tomar fôlego. Olhou para Cornélia e baixou as mãos.

— Dispam-no — ordenou Cornélia.

Mãos rudes despiram-no à pressa e arrastaram-no para os postes. Os guardas amarraram-lhe os tornozelos e os pulsos aos postes, apertando as correias de couro até ficar retesado.

Cornélia riu-se para ele. — Um escravo está proibido de usar Jóias. Um escravo não pode fazer mais nada para além da Arte básica, como bem sabes.

Sim, sabia. Tal como sabia que Cornélia detectaria a libertação daquela enorme quantidade de força negra e que o castigaria por isso. Para a maioria dos machos, a ameaça de dor – especialmente a dor que poderia ser produzida pelo Anel de Obediência – era suficiente para os manter submissos. Mas Daemon tinha aprendido a encarar a agonia como uma delicada amante e usava-a para alimentar o seu ódio por Dorothea e por tudo e todos a ela ligados.

— A punição para este tipo de desobediência é de cinquenta chicotadas — disse Cornélia. — *Tu* mesmo farás a contagem. Se te enganares numa, será repetida até a dizeres correctamente. Se te perderes, a contagem recomeça.

Daemon forçou a voz a soar indiferente. — O que é que a Senhora SaDiablo dirá sobre o tratamento que dais à sua propriedade?

— Dadas as circunstâncias, não creio que a Senhora SaDiablo se importe — respondeu Cornelia suavemente. A sua voz transformou-se num estalido de chicote:

— Comecem!

Daemon ouviu o assobio do chicote antes de o golpe o atingir. Por um breve momento, foi percorrido por um estranho arrepio de prazer antes de o corpo reconhecer a dor. Inspirou irregularmente. — Um.

Tudo tem um preço. — Dois. — Uma Lei dos Sangue ou parte de um código de honra? — Três. — Nunca tinha ouvido falar do Sacerdote Supremo da Ampulheta até encontrar um dos avisos de Surreal, mas havia algo de familiar naquela outra mente. — Quatro. — Quem *era* o Sacerdote? — Cinco. — Um Príncipe dos Senhores da Guerra... — Seis. — ... como ele próprio... — Sete. — ... que usava as Jóias Negras. — Oito. — Tudo tem um preço. — Nove. — Quem é que lhe tinha ensinado isto? — Dez. — Mais velho. Mais experiente. — Onze. — A oriente. — Doze. — E ela estava a ocidente. — Treze. — Não sabia quem ela era, mas *sabia*, sim, o *que* ela era. — Catorze. Quinze.

Tudo tem um preço.

Os guardas arrastaram-no de volta para o quarto e trancaram a porta.

Daemon tombou sobre as mãos e sobre os joelhos. Apoiando a testa no chão, tentou atenuar a dor lancinante nas costas, nádegas e pernas o tempo suficiente para se levantar. Cinquenta chicotadas, cada uma rasgando-lhe a carne. Cinquenta chicotadas. Nem mais uma. Não se tinha enganado uma única vez na contagem, apesar das explosões de dor que Cornélia tinha enviado pelo Anel de Obediência para o distrair.

Juntando os pés debaixo de si, impulsionou-se para uma posição quase direita e caminhou penosamente para a casa de banho, incapaz de abafar o gemido que acompanhava cada passo.

Ao alcançar a casa de banho, apoiou uma mão na parede e abriu as torneiras para encher a banheira com água morna. A sua visão ficava repetidamente desfocada e o corpo tremia de dor e cansaço. Só à terceira tentativa conseguiu invocar o pequeno estojo em pele que continha os seus medicamentos escondidos. Uma vez aberto, levou um minuto até que a sua vista permitisse ver com nitidez suficiente o frasco que pretendia.

Combinadas com água, as ervas em pó purificavam feridas, adormeciam a dor e permitiam que o processo de cura se iniciasse – *se* conseguisse manter a mente suficientemente constante, *se* conseguisse recolher-se em si próprio tão profundamente que lhe permitisse reunir o poder, a Arte de que necessitaria para sarar a carne rasgada.

Os lábios de Daemon esboçaram um sorriso sinistro enquanto desligava a torneira. Se enviasse um chamamento pela Negra, se pedisse ajuda ao Sacerdote, será que a obteria? Era pouco provável. Não era um inimigo. Ainda não. Mas Surreal tinha feito bem em deixar aquelas notas a avisá-lo sobre o Sacerdote.

Daemon soltou um grito quando o frasco lhe escorregou das mãos, estilhaçando-se no chão da casa de banho. Pôs-se de joelhos, soltou um som agudo quando se cortou num pedaço de vidro e ficou a olhar fixamente para o pó, com lágrimas de dor e frustração a brotar dos olhos. Sem o pó para o ajudar a sarar as feridas, poderia ainda sará-las até certo ponto, poderia ainda estancar a hemorragia... mas as cicatrizes ficariam. Não precisava de um espelho para saber qual seria o seu aspecto.

**Não!* Não se apercebeu de ter efectuado um envio. Estava somente a tentar aliviar a frustração.

Um minuto mais tarde, ainda de joelhos no chão da casa de banho, a tremer e a tentar não dar livre curso aos soluços que cresciam dentro de si, sentiu uma mão tocar-lhe no ombro.

Daemon girou sobre si próprio, dentes à mostra e olhos ferozes.

Não estava ninguém ali. O toque tinha desaparecido. Mas havia uma presença na casa de banho. Estranha... ou não.

Daemon perscrutou a divisão e não encontrou nada. Mas ainda estava presente, como algo que se vê pelo canto do olho e que desaparece quando nos viramos para ver. Com uma respiração ofegante, Daemon aguardou.

Quando regressou, o toque mostrou-se hesitante, cauteloso. Daemon sentiu um calafrio ao percorrer-lhe suavemente as costas. Sentiu um calafrio pois, juntamente com o cansaço e o desânimo, o toque suave estava repleto de uma ira gelada.

As ervas em pó e o vidro partido desapareceram. Um momento mais tarde, uma bola em bronze, perfurada como uma bola para o chá, surgiu sobre a água e mergulhou. Pequenas mãos-fantasma, dóceis embora fortes, ajudaram-no a entrar no banho.

Daemon arfou quando as feridas abertas tocaram na água, mas as mãos puxaram-no para baixo, para baixo, para baixo até ficar deitado de costas, com a água a cobri-lo. Após alguns momentos, deixou de sentir as mãos. Consternado por julgar que a ligação tinha sido quebrada, debateu-se para se sentar, mas logo se apercebeu que algo o mantinha deitado. Relaxou e percebeu lentamente que a pele estava dormente do queixo para baixo, percebeu que já não sentia dor. Suspirando com gratidão, Daemon apoiou a cabeça na banheira e fechou os olhos.

Uma escuridão doce e estranha fluiu por ele. Gemeu, mas era um gemido de prazer.

Estranha a forma como a mente consegue vaguear. Quase que conseguia cheirar o mar, sentir o poder das ondas. Sentiu, depois, o forte odor da terra após a chuva quente da Primavera. E o calor adocicado dos raios de sol numa tarde agradável de Verão. O prazer sensual ao entrar nu numa cama com lençóis limpos.

Quando, relutantemente, abriu os olhos, o odor psíquico ainda persistia, mas Daemon sabia que ela já se tinha ido embora. Moveu o pé pela água já fria. A bola em bronze também já tinha desaparecido.

Com todo o cuidado, Daemon saiu do banho, abriu o ralo e vacilou, sem saber o que fazer. Pegou numa toalha e deu pequenos toques na parte da frente do corpo para absorver a maior parte da água, mas sentia alguma relutância em tocar as costas. Cerrando os dentes, voltou as costas para o espelho e olhou por cima do ombro. Era melhor saber qual a gravidade dos ferimentos.

Daemon ficou pasmado.

Ali estavam cinquenta linhas brancas, como linhas de giz na pele castanho dourada. As linhas pareciam frágeis e levaria alguns dias de cuidados antes de se poder afirmar que as feridas estavam solidamente fechadas, mas estava curado. Se não voltassem a abrir, as linhas desvanecer-se-iam. Nenhuma cicatriz.

Daemon dirigiu-se com todo o cuidado para a cama e deitou-se de barriga para baixo, movendo os braços devagarinho para cima, colocando-os sob a almofada, como suporte para a cabeça. Era difícil manter-se acordado, era difícil deixar de pensar em como um prado pode parecer tão prateado sob o luar. Difícil...

Alguém tinha estado a tocar-lhe nas costas já há algum tempo antes de Daemon se aperceber. Resistiu ao impulso de abrir os olhos. Não haveria nada para ver e, se ela se apercebesse de que estava acordado, poderia afastar-se.

O seu toque era firme, delicado, conhecedor. Deslocava-se devagar em linhas circulares ao longo das costas de Daemon. Refrescante, relaxante, confortável.

Onde estava ela? Não se encontrava perto, por isso como conseguiria estabelecer o contacto? Não sabia. Não se importava. Entregou-se ao prazer daquele toque fantasma, uma mão que um dia seguraria fisicamente.

Quando se foi embora outra vez, Daemon levou lentamente um braço às costas, tocando-lhes cuidadosamente. Olhou admirado para o espesso unguento que ficou nos dedos, limpando-os ao lençol. Os olhos fecharam-se. Não havia razão para lutar contra o sono que tanta falta lhe fazia.

Contudo, imediatamente antes de se entregar, pensou uma vez mais no tipo de feiticeira que vinha em auxílio de um estranho, ela própria exausta devido à sua provação, e lhe curava as feridas. — Não te atraveses no meu caminho, Sacerdote — murmurou entre dentes e adormeceu.